

PIQUENIQUE EXTRATERRESTRE

Arkady e Boris Strugatsky



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PIQUENIQUE EXTRATERRESTRE

Arkady e Boris Strugatsky



INTRODUÇÃO

Esta tradução é fruto do trabalho de um fã da série S.T.A.L.K.E.R., que em seu desejo de se aprofundar em tal universo acabou por descobrir o livro dos irmãos Strugatsky. Infelizmente tal obra, embora tenha sido exportada para mais de 20 países, não possuía uma tradução oficial para o idioma português.

Assim, me propus o desafio de fazer a tradução eu mesmo, e dediquei parte de meu tempo livre entre o final de 2012 e início de 2015 a realizar tal empenho que resultou neste atual arquivo. Vale ressaltar que não se trata de uma tradução profissional e muito menos oficial da obra, ressaltando que os direitos autorais pertencem exclusivamente a Borís Strugatski (o único dos irmãos vivo atualmente). Ressaltando novamente que isto é um trabalho de fã, realizado sem intuito financeiro, feita apenas e justamente por não existir (ao menos de meu conhecimento) uma tradução oficial publicada no Brasil; sendo destinado a outros fãs da obra que buscam uma versão dela em português.

Sobre a tradução em si, creio que vale ressaltar que está em português brasileiro, por ser meu idioma materno e foi baseada (na medida que meus conhecimentos me permitiram) no escrito original em russo feito pelos próprios irmãos Strugatsky (ou melhor: Аркадий Стругацкий и Борис Стругацкий) em 1971, em sua tradução em inglês realizada por Antonina W. Bouis e publicada, em 1977, pela editora MacMillan Publishing Co; e, também, na tradução para o espanhol, realizada por Edith Zilli e publicada, em 1978, pela EMECE Distribuidora S.A.C.I.

Porém, como já tido anteriormente, não se trata de um trabalho profissional ou uma tradução oficial, assim houve pontos cujos meus conhecimentos nos idiomas não me permitiram uma tradução concisa, além do mais, como fã da série de jogos, optei propositalmente por alterar alguns termos com a finalidade de criar uma maior ligação entre as duas obras, além de gerar também alguns anacronismos no texto que, ao menos a meu ver, tornariam a história mais compreensível a leitores modernos. Tal atitude também me levou a uma extensa lista de notas de rodapé, que poderão ser vistas no corpo do texto. Porém, busquei também manter-me o mais fiel possível a obra original, mantendo-a no formato original, de quatro histórias independentes, em torno dos mesmos personagens, que se completam em diversos pontos; mantendo também a confusa forma da primeira história ser escrita em primeira pessoa e as demais em terceira (característica que, sinceramente, confesso ter planejado alterar por mais de uma vez).

Finalizando, novamente reitero que se trata de um trabalho de fã feito para outros fãs, caso alguém deseje contribuir com melhorias para a tradução, ou mesmo para a concisão do texto deixo livre para entrarem em contato através de meu e-mail.

Espero que esta tradução seja de alguma valia e possa servir ao menos de entretenimento para qualquer que por ventura venha a se dispor a lê-la.

Dinho Fernandez

ah.vostoka@gmail.com

Salto, 28 de junho de 2015

***Sobre a versão revisada e em EPUB:** No final de 2016 retornei a este projeto com o intuito de fazer uma revisão em todo o texto, fazendo correções ortográficas e buscando melhorar a qualidade do texto e da tradução. Usei a versão resultante desta atualização para aproveitar novos conhecimentos que adquiri neste tempo e gerar com ele um arquivo EPUB, pois acredito que este formato seja muito melhor para um e-book do que o tradicional [e limitado] pdf. Novamente deixo os desejos de bom proveito a todos os leitores desta obra e deixo em aberto a possibilidade de contato.

Att.

“É preciso tirar o bem do que é mal;
Pois isto é tudo o que se pode fazer.”

Robert Penn Warren

PARTE DA ENTREVISTA REALIZADA PELO ENVIADO ESPECIAL DA RÁDIO HARMONT COM O DR. VALENTINE PILMAN, GANHADOR DO NOBEL DE FÍSICA.

- Pelo que sei, Dr. Pilman, seu primeiro descobrimento de importância foi o que foi batizado como “Foco Irradiador de Pilman”.

- Eu acho que não. O Foco Irradiador de Pilman não foi o primeiro, e nem foi importante; nem sequer foi um descobrimento. E tão pouco foi uma descoberta minha.

- O doutor deve estar brincando. O Foco Irradiador de Pilman é um conceito muito conhecido, até mesmo entre os que estão iniciando os estudos agora.

- Isto não é surpresa. Segundo minhas fontes, o “Foco Irradiador de Pilman” foi descoberto por um estudante, que, infelizmente, agora, não me lembro o nome. Mas, basta buscar em “A História das Visitações”, de Stetson; ali tem todos os detalhes. Ele conta que o Foco Irradiador foi descoberto por um estudante universitário, que foi quem primeiro publicou as coordenadas, mas, por algum motivo, que desconheço, lhe deram o meu nome.

- Bem, com qualquer descobrimento acontecem coisas surpreendentes. O doutor se incomodaria em explicar para nossa audiência o que de fato seria este Foco Irradiador?

- O Foco Irradiador de Pilman é uma das coisas mais simples que existe. Suponhamos fazer um grande globo girar e então lhe disparamos com uma arma. Os buracos destes tiros no globo se mostrarão com uma suave curva. A base do que você chamou de meu “primeiro e mais importante descobrimento” consiste no simples fato de que as Seis Zonas de Visitação estão dispostas na superfície do planeta como se alguém tivesse disparado seis tiros contra a Terra com uma arma disposta em algum ponto da linha Terra-Deneb. Sendo Deneb a estrela alfa da constelação de Cisne. Assim, o ponto do espaço de onde proveriam estes “disparos” é chamado “Foco Irradiador de Pilman”.

- Muito obrigado, doutor. Amigos harmonitas, está aí, finalmente recebemos uma explicação clara do que seria o Foco Irradiador de Pilman. A propósito, antes de ontem se cumpriram trinta anos da Visitação. Dr Pilman, gostaria de dizer algumas palavras sobre o evento aos cidadãos de nossa cidade?

- Há algum tema específico que lhe interesse? Devo lembrar que não estava em Harmont na época do ocorrido.

- Por isso que será ainda mais interessante saber o que o senhor sentiu ao ser informado de que sua cidade natal era o centro de uma investigação sobre seres de uma civilização extraterrestre.

- Para lhe ser totalmente sincero, no início pensei que tudo não passaria de uma fraude. Para mim, era difícil acreditar que algo assim poderia acontecer em nossa pequena cidade. Teria sido mais plausível se fosse em Gobi ou na Terra Nova.

- Mas, ao final, teve que acreditar.

- Bem, sim, ao final...

- E então?

- De repente, percebi que Harmont e as outras cinco zonas de Visitação... Desculpe-me, eu estou equivocado, pois na época havia apenas outras quatro zonas conhecidas. Percebi que todas elas estavam em uma leve curva. Calculei as coordenadas e as enviei ao Instituto.

- E o senhor não se preocupou em nenhum momento com o destino de sua cidade natal?

- Na verdade, não. Veja, mesmo que eu estivesse acreditando na Visitação em Harmont, não estava convencido de que eram verdadeiras as informações históricas sobre bairros incendiados, monstros que escolhiam devorar apenas velhos e crianças, e as sangrentas batalhas entre os invasores invulneráveis e tanques tripulados por humanos vulneráveis, mas valentes e esforçados.

- E o senhor tinha razão, Pelo que me lembro, nossos jornalistas corromperam bastante as informações. Mas voltemos a ciência. O descobrimento do Foco Irradiador de Pilman foi o primeiro, mas, provavelmente, não foi o último de seus contatos com o estudo das Visitações.

- Não, na verdade, ele foi o primeiro e o último.

- Mas, sem dúvida, o senhor se mantém a par da investigação internacional que está sendo realizada nas Zonas de Visitação.

- Sim. De vez em quando, eu leio alguns informes.

- Se refere aos informes do I.I.C.E., o Instituto Internacional de Culturas Extraterrestres?

- Sim.

- E em sua opinião, qual foi o descobrimento mais importante nestes últimos 30 anos?

- A Visitação em si.

- Me desculpe, mas eu não entendi.

- A Visitação, em si, é o descobrimento mais importante, não apenas dos últimos 30 anos, mas sim de toda a história da humanidade. Não nos importa tanto saber quem foram estes "Visitantes". Não nos importa saber de onde vieram, por que vieram, por que ficaram tão pouco e nem aonde estão desde que foram embora; o que importa é que a humanidade agora pode estar segura de algo: não estamos sozinhos no Universo. Creio que o Instituto de Culturas Extraterrestres jamais terá a boa sorte de realizar um descobrimento mais importante do que este.

- O que o senhor diz é fascinante, Dr. Pilman, mas, na verdade, eu me referia a descobrimentos e progressos de índole técnica. Aos descobrimentos que nossos cientistas e engenheiros possam aproveitar na prática. Muitos cientistas famosos têm argumentado que os descobrimentos feitos nas Zonas de Visitação poderiam mudar todo o curso de nossa história.

- Bom, eu já não estou de acordo com esta opinião. E no tocante a descobrimentos, falando especificamente, eles não são minha especialidade.

- Porém, já faz dois anos que o senhor é o assessor canadense da comissão das Nações Unidas que estuda as questões sobre as Visitações.

- Sim, mas não tenho nada a ver com o estudo das culturas extraterrestres. Na Comissão, meus colegas e eu representamos a comunidade científica internacional quanto surgem problemas em se pôr em prática as decisões da ONU com respeito a internacionalização das Zonas. Resumindo, em outras palavras: nossa função é garantir que todo o material extraterrestre encontrado nas Zonas se mantenham em posse do Instituto Internacional.

- E há alguém mais interessado nestes materiais?

- Sim

- Suponho que esteja falando dos stalkers^[1]?

- Desculpe, mas não sei o que é isso.

- É assim que chamamos, pelo menos aqui em Harmont, os ladrões que arriscam a vida entrando na Zona com o propósito de pegar o que encontrarem de valor lá. Muitos tornaram isso uma espécie de profissão.

- Compreendo. Mas não, isto já não está dentro de nossa jurisdição.

- Bem, de fato, isto é responsabilidade da polícia. Mas eu gostaria de entender, Dr. Pilman, o que exatamente está em sua jurisdição.

- Há uma constante perda de materiais provenientes das Zonas de Visitação que caem em mãos de pessoas ou organizações particulares irresponsáveis. Nós temos que nos

responsabilizarmos pelas consequências destas perdas.

- Poderia se explicar melhor, doutor?

- Por que não falamos de arte, não seria melhor? Não acha que os ouvintes gostariam de saber a minha opinião sobre o incomparável Godi Müller?

- Sim, claro... Mas, antes, gostaria que terminássemos com a parte científica. Como cientista, o senhor não gostaria de ter um contato direto com estes tesouros extraterrestres?

- Bem, como posso dizer? Creio que sim.

- Então, podemos esperar que um dia destes os harmonitas possam ver o nosso famoso concidadão caminhando pelas ruas de sua cidade natal?

- Pode ser que sim...

1. REDRICK SCHUHART, 23 ANOS, SOLTEIRO, AJUDANTE DE LABORATÓRIO DA DIVISÃO HARMONT DO I.I.C.E. (INSTITUTO INTERNACIONAL DE CULTURAS EXTRATERRESTRES).

Na noite anterior, eu e ele estivemos no depósito. Já estava anoitecendo, e eu poderia tirar o jaleco e ir ao Borscht, colocar uma ou duas gotas de algo forte em meu corpo. Mas continuei ali, encostado na parede, com o trabalho terminado e um cigarro na mão. Morria de vontade de fumar, faziam umas duas horas que não dava uma tragada. E ele não deixava de repetir tudo aquilo. Já havia enchido, fechado e lacrado uma caixa e estava começando a fazer outra. Tirava os “vazios” do transportador, os examinava, um a um, minuciosamente (e os malditos eram bem pesados, pelo menos uns sete quilos cada um) e depois voltava a colocá-los cuidadosamente no estande.

Ele havia passado a vida lidando com esses “vazios”, a meu ver, sem benefício algum, nem para a humanidade, nem para ele mesmo. No seu lugar, eu já teria mandado tudo para o inferno há muito tempo e me dedicaria a trabalhar com outra coisa, ganhando o mesmo. Claro que, se pensar bem, um vazio é algo misterioso, poderia se dizer que é até mesmo incompreensível. Eu tive muitos deles nas minhas mãos, mas não deixo de me surpreender cada vez que vejo um. Não passam de dois discos de cobre, do tamanho de um pires e de, mais ou menos, meio centímetro de espessura, separados entre si numa distância de uns 45 centímetros. Nada além disso. Nada mesmo, apenas um espaço vazio. Pode-se passar a mão por entre eles e até pôr a cabeça ali, se assim quiser; não há nada mais que espaço vazio,

puro ar. É claro que tem que haver alguma força entre os dois, eu acho, por que não se pode juntá-los e nem separá-los mais do estão.

Na verdade, amigos, é muito difícil descrevê-los a alguém que não os tenha visto. São extremamente simples, principalmente quanto os veem bem de perto e se acredita no que se vê. É como acabar de descobrir o vidro, uns gesticularão com as mãos e xingarão, devido a frustração. Bem, vamos supor que tenham entendido; é mais fácil para aqueles que tinham acesso a uma cópia dos Informes do Instituto, em qualquer um deles há um artigo sobre os vazios, com fotos e tudo mais.

Kirill já estava a quase um ano quebrando a cabeça com os vazios, e eu estava trabalhando com ele desde o princípio, mas ainda não tinha certeza do que ele estava tentando descobrir, e, para ser sincero, não estava me esforçando muito para saber. Que, primeiro, ele descubra sozinho, depois, na melhor das hipóteses, me chamaria para fazer a prova. Neste momento só entendia uma coisa: Kirill queria, a todo custo, descobrir como funcionavam estes vazios. Ele os perfurava com ácidos, os forçava em prensas, os tentava derreter no forno. Assim esperava compreender tudo, e isto o encheria de aplausos e honrarias; faria “o mundo da ciência” explodir de alegria. No meu ponto de vista, ainda faltava muito para isso. Ainda não havia descoberto nada e já estava exausto. Andava triste e calado, com um olhar doente, até lagrimejando. Se fosse outra pessoa, eu simplesmente o embebedaria e o deixaria nos braços de alguma garota esperta para que o distraísse. No dia seguinte, voltaria a deixá-lo bêbado e com outra garota. Em uma semana ele estaria como novo, seus olhos até brilhariam. Mas, com Kirill, este tipo de solução não funcionaria. Nem mesmo me atrevia a lhe sugerir isto, ele não era destas coisas.

- Escuta – eu lhe disse. - Kirill...

Ele estava ali, com um último vazio na balança, quase como se estivesse disposto a subir encima dele.

- Me escute – insisti. – Kirill! O que acharia se encontrasse um “vazio” cheio, hein?

- Um “vazio cheio”? - ele replicou, fazendo cara de não entender.

- Sim, sua armadilha hidromagnética, como se chama... o objeto 77B. Tem uma espécie de coisa azul dentro.

Vi que ele começava a entender. Me olhou, pensou um pouco, e um “brilho de razão”, como ele gostava de dizer, surgiu por trás do olhar de doente.

- Espera um pouco - ele disse. – Cheio? Igual a estes, só que cheio?

- Sim, foi o que eu disse.

- Onde?

Kirill estava curado, inclusive com um brilho no olhar.

- Vamos fumar um cigarro?

Ele colocou o vazio em sua caixa, fechando a porta com força, trancando com umas três voltas da chave, depois voltamos ao laboratório. Ernest paga quatrocentos redondo por um “vazio” vazio, poderia lhe tirar até a última gota de sangue por um cheio. Que grande filho da mãe, mas, acreditem ou não, isto nem me passou pela cabeça, porque Kirill havia voltado a vida perante os meus olhos. Ele desceu as escadas de quatro em quatro degraus, sem nem mesmo me deixar terminar de fumar. Eu lhe contei tudo: como era, onde estava e qual a melhor maneira de chegar até lá. Ele pegou um mapa, procurou a localização da Garagem e me mostrou com o dedo. Imediatamente imaginou como eu teria chegado ali. De fato, como não entenderia?

- Você é um cachorro – ele disse, sorrindo. – Bem, vamos buscá-lo. Será a primeira coisa que faremos amanhã. Pedirei dois passes e o equipamento para as nove, assim, sendo otimista, sairemos as dez. Tudo certo?

- Tudo certo – eu respondi. – Mas, quem será o terceiro?

- Para quê um terceiro?!

- Oh, não, senhor – exclamei -, este não será um piquenique com mocinhas; e se lhe acontecer algo? Estará na Zona, temos que obedecer aos regulamentos.

Ele riu um pouco e bateu com os ombros.

- Como quiser, você sabe mais dessas coisas do que eu.

É claro que eu só tratava de cumprir as regras. Eu concordava com ele, um terceiro apenas atrapalharia. Se fossemos apenas os dois tudo sairia bem e ninguém suspeitaria de nada sobre mim. Mas havia um porém: os do Instituto não entravam em duplas na Zona. As regras ditavam que dois trabalhariam enquanto um terceiro vigiaria, para que, depois, pudesse lhes responder as perguntas.

- Por mim, levaria a Austin – disse Kirill. – Mas você não gosta muito dele, não é?

- Não – respondi. – Qualquer um, menos Austin. Pode levá-lo na próxima, ok?

Austin não era de todo o mal, tinha a mistura exata de coragem e covardia, mas acho que está condenado. Era algo que não poderia explicar a Kirill, mas eu sabia. Aquele homem acreditava que conhecia e sabia tudo sobre a Zona, em seus mínimos detalhes. Isto significa que logo quebraria a cara. É inevitável, mas não será do meu lado.

- Bem, e o que acha de Tender?

Tender era seu segundo ajudante. Um daqueles tipos calados, que não se metem com ninguém.

- Ele já é velho, e tem filhos - respondi.

- Isto não importa; ele já foi a Zona antes.

- Está bem então, levemos o Tender.

Enquanto ele continuava estudando o mapa, eu fui embora. Fui diretamente ao Borscht; estava morto de fome e com a garganta seca.

Na manhã seguinte cheguei ao laboratório como sempre, por volta das nove horas, e mostrei o crachá. O vigilante do turno era um polonês narigudo, no qual eu havia dado uma boa surra no ano passado, por se engraçar com Guta enquanto estava bêbado.

- Que bom que chegou! - ele disse. – Estão lhe procurando por todo o Instituto, Red.

Respondi-lhe rispidamente:

- Que negócio é esse de “Red”?! Você não tem essa intimidade comigo, seu pedaço de chucrute imbecil.

- O que é isso, Red? Todos lhe chamam assim.

Eu estava bem nervoso pela perspectiva de entrar na Zona, e escorregadio como um peixe. O peguei pelo colarinho da farda e disse claramente o que achava dele e destes tipos que forçavam a amizade. Ele se esquivou por baixo, me devolveu o crachá e disse, buscando um tom neutro na voz:

- Redrick Schuhart, você tem ordens de se apresentar imediatamente ao chefe de segurança, o capitão Herzog.

- Eu prefiro assim, – lhe disse – vamos seguir deste modo. Continue se esforçando, sargento, quem sabe não consegue chegar a tenente.

Aquela notícia me preocupou. Para que me queria ver o capitão Herzog durante o horário de trabalho? Bem, sem escolha, eu fui e me apresentei. O escritório ficava no terceiro andar, um lindo escritório, com grades nas janelas, parecia até uma delegacia. O capitão Herzog estava sentado em sua mesa, fumando um cigarro e escrevendo algo em sua máquina [2]. Um sargento remexia o interior de um arquivo metálico, no canto, era novo e eu não o conhecia. No Instituto parece haver mais sargentos que em um quartel. São todos daqueles tipos grandes e saudáveis, eles não tem que entrar na Zona e também não se importam em nada com as questões mundanas.

- Olá – eu disse. – Me chamavam?

Herzog me olhou indiretamente, se apartou do que estava fazendo, abriu um pesado arquivo sobre a mesa e começou a revisá-lo.

- Redrick Schuhart?

- Eu mesmo – respondi.

Eu estava forçando um sorriso, estava nervoso por dentro, tudo era muito estranho. Não conseguia evitar.

- A quanto tempo está no Instituto?

- Dois anos e pouco.

- Tem família?

- Sou sozinho, órfão.

Em seguida, ele se voltou para o sargento e lhe ordenou, em um tom severo:

- Sargento Lummer, vá aos arquivos e me traga a pasta de número 150.

O sargento bateu continência e desapareceu. Enquanto o capitão fechou o arquivo de uma vez e perguntou, carrancudo:

- Voltou com as “andanças”?

- Que andanças?

- Você sabe ao que estou me referindo. Temos informações novas sobre o senhor.

“Ah ha”, eu pensei.

- De onde?

Ele franziu as sobrancelhas e esmagou o cigarro no cinzeiro, irritado.

- Isto não lhe importa – ele me disse. – Estou lhe advertindo como se fosse um velho amigo: deixe essas coisas, deixe-as, para o seu próprio bem. Se lhe pegarem pela segunda vez, não vai sair depois de seis meses; e lhe expulsarão definitivamente do Instituto, entenda.

- Entendo – respondi. – Isto eu entendo. Não entendo é quem foi o filho da mãe que inventou isto.

Mas ele já havia deixado de me encarar, seguia fumando e folheando as páginas do arquivo. Com isto quero dizer que o sargento Lummer já havia voltado com a “pasta de número 150”.

- Obrigado, Schuhart – disse o capitão Willy Herzog, também conhecido como “O Porco”. - Isto é tudo que queria esclarecer. Pode ir.

Voltei ao vestiário, coloquei o jaleco e me recompus. Não conseguia deixar de pensar em quem havia me denunciado ao capitão. Se provinham do próprio Instituto era tudo mentira, já que ninguém ali sabia nada sobre mim, e nem havia forma de suspeitarem. Se era um informe da polícia, também, o que poderiam saber, tirando os meus velhos pecados? Talvez tenham pego o Corvo. Este filho de uma cadela teria vendido até a própria mãe para salvar a pele. Mas, nem mesmo o Corvo sabia algo sobre mim. Pensei e pensei, sem chegar a nada. No final, entrei na Zona durante a noite, e me decidi a mandar tudo para o inferno. Já fazia uns três meses, já tinha me livrado de quase tudo o que conseguira, e, inclusive, o dinheiro já

estava acabando também. Se não me haviam pego com o material nas mãos, menos ainda o fariam agora, ainda mais eu sendo tão escorregadio.

Foi neste momento, justamente quando estava indo às escadarias, que me veio, repentinamente, algo na cabeça, tão repentino que voltei ao vestiário, me sentei e acendi um cigarro. “Isto significa que eu não posso ir a Zona hoje. Nem amanhã, e nem pelos próximos dias.” Significava que estas víboras estavam, outra vez, me vigiando, não haviam me esquecido; ou, se haviam me esquecido, alguém fez o favor de lembrá-los. Nenhum stalker, a menos que estivesse completamente louco, se arriscaria em ir a Zona sabendo que o estavam observando, nem mesmo com uma arma em sua nuca. E o que eu decidira naquele momento foi me esconder no canto mais escuro. Zona? Que Zona? Faz meses que nem mesmo chego perto! Por que vocês têm que molestar um honesto ajudante de laboratório com esta Zona?

Eu pensei bem e decidi, quase que com alívio, que não iria a Zona. Mas qual seria a melhor forma de dizer isto a Kirill? Bem, eu lhe disse diretamente:

- Não vou poder ir a Zona. Precisa que eu faça algo por aqui?

De início ele me olhou desconfiado. Depois, pareceu entender. Me agarrou pelo cotovelo e me levou ao seu escritório, me fez sentar diante de sua mesa e ele se pôs em frente da janela, bem na minha frente. Acendemos cigarros e ficamos em silêncio. Ao fim, ele me perguntou, cautelosamente?

- Aconteceu alguma coisa, Red?

O que eu poderia dizer?

- Não, não aconteceu nada. Ontem perdi vinte no póquer, esse desgraçado do Noonan, é um jogador muito bom.

- Espere um pouco – ele me interrompeu. – Você mudou de ideia?

A tensão me fez engasgar.

- Eu não vou poder ir – murmurei. – Não vou poder, entende? Herzog me chamou em sua sala...

Kirill ficou tenso. Outra vez ficou com aquela cara patética, de cachorro doente. Ficou inquieto, acendeu outro cigarro com a bituca do anterior e falou gentilmente:

- Acredite em mim, Red. Eu não disse nada a ninguém.

- Eu sei disso, ninguém o mencionou.

- Nem mesmo conversei com Tender. Fiz emitir uma autorização em seu nome, mas nem mesmo lhe perguntei se queria ir.

Eu fiquei calado e continuei fumando. Era estranho e triste. Aquele homem não entendia nada.

- O que Herzog lhe falou?

- Nada de especial. Alguém andou lhe falando algumas coisas, só isso.

Ele me olhou estranho, voltou ao parapeito da janela e se perdeu a pensar, enquanto eu fazia anéis de fumaça em silêncio. Eu sentia por ele, naturalmente, e lamentava pelas coisas não terem saído melhores. Nossa, que cura eu encontrei para a tristeza de Kirill! E de quem era a culpa? Minha, eu havia oferecido um doce para uma criança, mas, este doce, estava escondido em um lugar guardado por homens maus... Rapidamente, ele deixou de pensar e se aproximou de mim. Me olhou obliquamente e murmurou:

- Escuta, Red, quanto custaria um vazio cheio?

No começo eu não entendi, pensei que ele tinha esperanças de comprar algum. Mas aonde o conseguiria? Talvez este fosse o único do mundo, além do que ele não teria tanto dinheiro para comprá-lo. Onde o arrancharia? Era um cientista estrangeiro, um russo. Mas rapidamente entendi. Então, o filho da mãe pensava que eu estava fazendo aquilo por dinheiro?

“Mas que homem esperto”, pensei, “por que me enche o saco com isso?!” Abri a boca para lhe responder, mas preferi não fazê-lo. Por que, na verdade, por que iria me incomodar com isso? Um stalker é um stalker; e quanto mais grana, melhor. Se arrisca a vida por grana. Tinha o direito de pensar que ontem eu havia roubado o tal “vazio cheio”, e agora o estava guardando, apenas para lhe fazer valer ainda mais. Mas a ideia me emudeceu. Ele continuava me encarando, sem nem mesmo piscar. Não havia raiva em seu olhar, mas sim uma espécie de compreensão, ao menos era o que me parecia. No final, eu lhe expliquei, calmamente:

- Dos que entram com permissão, ninguém chegou até a Garagem ainda. Não há caminhos, você sabe. Quando voltarmos da Zona, esse Tender contará a todo mundo que fomos diretamente a Garagem, pegamos o que queríamos e voltamos. Como se fossemos a um depósito. Então todos se darão conta de que já sabíamos de antemão o que buscávamos e onde estava. Isso quer dizer que alguém nos disse. Entre nós três, quem é que poderia já ter estado ali? Não preciso responder, não é? Entende o que me espera?

Terminei meu pequeno discurso. Nos encaramos, olhos nos olhos, sem dizer uma palavra. Do nada, ele juntou as mãos ruidosamente, estalou os dedos e anunciou educadamente:

- Bem, você não poderá ir, eu entendo. Não irei lhe julgar, Red. Irei sozinho. Talvez saia tudo bem. Não será minha primeira vez.

Ele estendeu um mapa por sobre o beiral da janela e se apoiou nas mãos, se inclinando sobre ele. Toda sua educação pareceu evaporar diante de meus olhos. O ouvi sussurrar:

- Uns quarenta metros, quarenta e um, talvez, e mais uns três até chegar na Garagem. Não, não levarei a Tender. O que acha, Red? Deixo Tender? Afinal de contas, ele tem dois filhos.

- Não te deixarão ir sozinho.

- Me deixarão sim; conheço a todos os sargentos e tenentes – ele murmurou. – Não gosto destes caminhões! Estão há trinta anos expostos ao relento e ainda parecem novos. A cinco metros dali há um posto de gasolina todo enferrujado, mas os caminhões parecem recém-saídos da fábrica. Assim é a Zona!

Ele tirou os olhos do mapa e olhou pela janela. Eu fiz o mesmo. Os vidros destas janelas eram grossos e empoeirados. Além deles, a Zona. Estava ali, como se bastasse estender a mão para tocá-la. A partir do décimo terceiro andar é como se pudesse recolhê-la toda na palma da mão.

A primeira vista, parece uma extensão de terra como qualquer outra. O sol brilha ali como em qualquer outro canto do planeta. Dá a impressão de que nada mudou muito nela, tudo estava como há trinta anos. Meu pai, que descansa em paz, não via nada anormal quanto a olhava, a não ser, talvez, que não havia fumaça nas chaminés dos telhados. Talvez estivessem de folga, ou algo assim? O metal dourado se amontoava em forma de cones, os grandes fornos brilhavam debaixo do sol, haviam trilhos e mais trilhos e, sobre eles, uma locomotiva com seus vagões. Em outras palavras, era uma cidade industrial. Mas sem pessoas, nem vivas, nem mortas. Ali estava também a Garagem, um longo caminho cinzento, com as portas abertas de par em par. Os caminhões estavam estacionados em uma área asfaltada, junto dela.

Kirill tinha razão sobre aqueles veículos, sua mente funcionava perfeitamente. Coitado daquele que se metesse entre dois caminhões! Tinha que dar a volta pelo arredor. Há um buraco no asfalto, se é que o mato alto ainda não a cobriu.

Quarenta metros? Desde onde ele contava? Provavelmente desde o último poste. Tinha razão, a distância era maior, estes malditos intelectuais, estão progredindo. Havia traçado toda a rota até o depósito de lixo, e bem traçada. Ali estava a fossa no qual havia caído o Pegajoso[3], a dois metros da rua. Soco havia avisado ao Pegajoso: “Mantenha-se o mais longe possível das fossas, se cair numa delas, não restará de você nem mesmo o suficiente para fazer um enterro.” Quando olharam na água, não havia mais nada. Assim são as coisas na Zona, se alguém volta com alguma coisa, é um milagre, se volta vivo, é uma conquista, se as patrulhas não lhe acertam nenhum tiro, é sorte. Já o resto, é simplesmente o destino.

Ao olhar para Kirill notei que ele me observava discretamente. Foi a expressão em seu rosto que me fez mudar de ideia. “Para o inferno com tudo”, pensei, “no final das contas, o que me podem fazer de pior?” Ele não precisava me dizer nada, mas disse:

- Ajudante de laboratório Schuhart, fontes oficiais, e repito: oficiais, me fazem acreditar que nos seria conveniente realizar uma inspeção a Garagem, o que poderia ser de grande valor científico. Sugiro que o façamos. Garanto uma boa bonificação.

Ele sorriu, luminoso como o sol ao meio-dia.

- Que fontes oficiais? - perguntei, sorrindo como um idiota.

- São confidenciais, mas para você eu posso revelar - me disse frangindo as sobancelhas. - Digamos que me disse o doutor Douglas.

- Ah sim, o doutor Douglas... Que doutor Douglas?

- Samuel Douglas – ele respondeu secamente. – Morreu no ano passado.

Senti um calafrio. Quem se atreveria a falar destas coisas antes de sair para onde íamos? Estes intelectuais! Poderia bater-lhes na cabeça com um martelo, e não entenderiam. Esmaguei a bituca no cinzeiro e disse:

- Ok, então. Onde está esse tal Tender? Até quando teremos que esperá-lo?

Resumindo, não voltamos a tocar no assunto. Kirill telefonou ao setor de transportes e pediu uma cabine teleférica. Enquanto isso, eu estudava o mapa, e não era ruim, se tratava de um processo fotográfico, com uma vista aérea bem ampliada. Se via até as pontas da cobertura que havia junto aos portões da Garagem. Se os stalkers pudessem ter um mapa destes... Mas não serviriam muito de noite, quanto as estrelas mal iluminam e mal se pode ver os dedos da própria mão.

Neste momento chegou Tender. Estava vermelho e sem ar; sua filha estava doente e havia ido atrás de um médico. Se desculpou por ter chegado atrasado. Bem, lhe fizemos uma surpresa: os três iríamos entrar na Zona. No instante em que recebeu a informação, teve tanto medo que até deixou de ofegar.

- Como assim, ir a Zona? - ele disse. – Por que eu?!

Porém ele recuperou o fôlego quanto lhe disseram que se pagaria em dobro e que Red Schuhart também iria.

Depois de tudo, descemos ao *boudoir*[\[4\]](#) e Kirill foi buscar os passes. Nós os mostramos a um outro sargento, que nos entregou os trajes de proteção especiais. Realmente, estes são muito úteis, se você tiver um de qualquer cor, menos o vermelho que eles já têm, qualquer stalker lhe pagaria uns quinhentos de bom grado, sem nem mesmo tentar negociar. Faz tempo que jurei que daria um jeito de pegar um para mim. Olhando por cima não parecem grande coisa, não mais que um traje de mergulho com um capuz em forma de bolha munido de um visor. Na verdade não é exatamente um traje de mergulho, se parecia mais com os trajes de pilotos de aviões a jato ou de astronautas. Era bem leve, confortável, sem costura e não fazia suar. Com uma roupinha destas se podia caminhar pelo fogo, pelo meio de gases tóxicos... Dizem até mesmo que é a prova de balas. É claro que o fogo, os tiros e os gases tóxicos[\[5\]](#) são todas coisas terrestres e humanas, e na Zona havia muito mais do que isso. De qualquer modo, para ser sincero, ali as pessoas podem morrer usando ou não um destes trajes. Mas sem os trajes, morreriam muito mais. Com estes trajes estamos totalmente protegidos contra a “pelugem ardente”, por exemplo, e contra a “planta do diabo cuspidora”... o que já era muito bom...

Vestimos os trajes especiais. Eu enchi o bolso do quadril com porcas e tornilhos que levava em uma bolsa e todos cruzamos o pátio do Instituto até a entrada da Zona. Assim era

estabelecida a rotina, para que todos vissem os heróis da ciência que depositavam suas vidas no altar da humanidade, do conhecimento e do Espírito Santo, amém. Não era de duvidar que deste o décimo quinto andar até o térreo haviam rostos solidários nos observando. Só faltavam lenços sendo agitados e uma orquestra...

- Anime-se! - disse a Tender – Estufe o peito, gordinho! A humanidade será eternamente grata por seu sacrifício!

Quanto ele se voltou para mim, compreendi que não estava com humor para brincadeiras. Ele tinha razão, não era hora para piadas. Mas quando alguém está entrando na Zona, ou chora, ou ri... e eu nunca chorei, nem mesmo quando era criança. Olhei para Kirill, ele suportava bem a tensão, mas movia os lábios como se estivesse rezando.

- Está rezando? - lhe perguntei – Reze, reze mesmo. Pois quanto mais se entra na Zona, mais se aproxima de ir para o Outro Mundo.

- O quê?!

- Reze. Os stalkers são os primeiros na fila para o Céu.

Com um sorriso ele me deu um tapa nas costas, como se dissesse: “Não tenha medo, não vai acontecer nada enquanto estiver comigo. E se acontecer... Bem, só se morre uma vez”. Era realmente um tipo muito simpático.

Mostramos os passes para o último dos sargentos, embora, desta vez, fosse um tenente, para variar. O conhecia, o pai vendia azulejos para tumbas em Rexopolis. Ali estava nos esperando a cabine teleférica, o pessoal do setor de Transportes a havia deixado no corredor. Também estavam ali os demais, a equipe de primeiros socorros, os bombeiros e nossos valentes guardiães, nossos temerários salvadores: um punhado de obesos idiotas dentro de um helicóptero. Preferia nunca tê-los visto na vida!

Quanto subimos, Kirill se apossou dos controles, dizendo:

- Ok, Red, você guia.

Abri tranquilamente o zíper do peito e tirei um cantil, tomei um bom trago antes de voltar a guardá-lo. Sem isso eu não consigo. Estive muitas vezes na Zona, mas sem isso... não, eu não consigo. Os dois me olhavam, esperando.

- Bem – disse – não lhes ofereço pois é a primeira vez que saímos juntos, e eu não sei que efeito lhes causará. Trabalharemos desde modo: o que eu disser, os senhores farão imediatamente e sem questionar. Se alguém começar a querer argumentar ou a fazer perguntas, lhe acertarei com a primeira coisa que tenha nas mãos. E quero lhes pedir desculpas antecipadas por isso. Por exemplo, senhor Tender, si te mandar andar de quatro, levantarás imediatamente este traseiro gordo e fará o que mandei. Se não obedecer, não espere voltar a ver sua filhinha doente. Concorde com isso e eu me encarregarei de que volte a estar com ela.

- Só não se esqueça de me dar as ordens - exclamou Tender, corado, suado e mordiscando os lábios. - Caminharei de barriga ou invés de quatro, se for preciso. Não sou um novato.

- Perto de mim, os dois são novatos – lhe respondi. – E não esquecerei de dar as ordens, não se preocupe. A propósito, sabe controlar estas cabines?

- Sim, ele sabe - respondeu Kirill. - E as pilota muito bem.

- Bem, está certo. Vamos lá. Boa viagem. Abaixem as viseiras. Devagar, em linha reta ao longo dos postes, altura de três metros. No poste 27, pare.

Kirill elevou a cabine a três metros e avançamos lentamente. Voltei-me, sem ninguém perceber, para cuspir por sobre o ombro esquerdo. Vi que a patrulha de resgate havia subido no helicóptero, que os bombeiros se mantinham na posição se sentido, por puro respeito, e o tenente da porta nos fazia continência, que imbecil. Sobre toda aquela área ainda flameava a enorme e desbotada bandeira de “Bem-vindos Visitantes”. Tender estava a ponto de responder a saudação, mas lhe acertei o cotovelo nas costelas de tal modo que, na hora, ele descartou qualquer cerimônia. Vou te ensinar a dizer adeus só quando estiver realmente dizendo adeus!

E nós partimos.

O Instituto estava a nossa direita, o Quarteirão da Peste a nossa esquerda. Avançávamos de poste em poste, bem pelo meio da rua. Havia muito tempo desde a última vez que alguém caminhou ou dirigiu por esta rua. O asfalto estava repleto de rachaduras e havia grama crescendo em buracos, mas não se tratava da nossa grama, a terrestre. Na lateral esquerda cresciam espinheiros negros, os limites da Zona eram bem visíveis: os gramados negros terminavam no cordão de isolamento, como se houvessem sido podados. Sim, aqueles visitantes eram educados, mexeram num monte de coisas, mas, pelo menos, dentro de limites bem estabelecidos. Nem mesmo a pelugem ardente chegava a nosso setor da Zona, ainda que alguns diziam que, com um vento forte, poderia chegar.

As casas no Quarteirão da Peste estavam desbotadas e mortas; as janelas, no entanto, não estavam quebradas, mas estavam tão sujas que era impossível ver através delas. Durante a noite, se se passasse por ali furtivamente, se via um brilho no interior delas, como as chamas azuis de álcool sendo queimado. É a geleia de bruxa que se infiltra nos porões. Olhando por cima, dá a impressão de ser um bairro como qualquer outro, de que as casas são como as de qualquer lugar, ainda que necessitem alguns consertos, mas nada exótico. O único que se perceberia de diferente, é que não há gente ali.

Era naquela casa de ladrilhos, já que tocamos no assunto, que vivia nosso professor de matemática, o chamávamos “O Coma”. Era chato, um fracassado; a segunda esposa o abandonou um pouco antes da Visitação; sua filha tinha catarata em um dos olhos e me lembro que sempre zombávamos dela até fazê-la chorar. Quanto o pânico começou, ele e outros vizinhos correram até a ponte em roupas íntimas, quase 5 quilômetros[6], sem parar. Ele passou muito tempo doente com a peste, perdeu todo o cabelo e as unhas. Quase todos os que viviam neste bairro adoeceram, por isso o chamaram “quarteirão da Peste”. Alguns morreram, na sua maioria os velhos, mas não foram muitos. Eu acredito que nem foi a peste

que os matou, mas sim o medo. Era terrífico. Todos os que viviam por ali caíram doentes. As pessoas de três bairros ficaram cegas. Agora estas áreas são chamadas Primeiro Quarteirão dos Cegos, Segundo Quarteirão do Cegos, e etc. Eles não ficaram completamente cegos, mas sim com uma espécie de cegueira noturna. A propósito, dizem que isto não foi consequência de nenhuma explosão, embora tenham ocorrido muitas, dizem que foi um ruído forte. Dizem que de tão forte, eles perderam imediatamente a visão. Os médicos lhes disseram que isto era impossível, que eles deveriam tentar se lembrar do que houve, mas eles insistiram que um trovão os havia cegado. O estranho, é que ninguém mais ouviu esse trovão.

Sim, era como se ali não tivesse acontecido nada. Havia uma ótica, intacta. Um carrinho de bebê na entrada de uma das casas. Até as varandas pareciam limpas. Mas as antenas nos telhados estragavam o efeito, todas estavam cobertas por uma coisa peluda que parecia algodão. Há algum tempo, os estudiosos estavam quebrando a cabeça com esse “algodão”. Queriam examiná-lo, entendem? Não havia nada parecido em nenhum outro lugar, apenas ali, no Quarteirão da Peste, e apenas nas antenas. Pior ainda: o tinham bem abaixo de suas janelas. No final, tiveram uma ideia brilhante: de um helicóptero eles baixaram um cabo de aço com um gancho na ponta e tentaram pegar um pedaço do “algodão”. Quanto tiraram o pedaço, se ouviu um “pssst”, e começou a sair fumaça da antena, do gancho e do cabo. O cabo não se limitava a fumaçar, ele sibilava alarmantemente, como uma cobra cascavel. Bem, o piloto não era nenhum idiota (por alguma coisa chegou a ser tenente); no mesmo instante imaginou o que estava acontecendo, soltou o cabo e saiu dali na mais alta velocidade. O cabo ficou ali, caído no chão, e coberto daquele “algodão”.

Então chegamos ao final da rua, onde deveríamos girar, fácil e sem problemas. Kirill me olhou: “virava?” O indiquei por um sinal que sim, e bem devagar. Nossa cabine virou, avançando lentamente pelos últimos centímetros de terra humana. Nos aproximávamos da calçada e a sombra da cabine se lançava sobre os arbustos. Pronto, estávamos na Zona! Senti um calafrio. Sempre sinto esse mesmo calafrio. Nunca sei se é a Zona que me saúda ou meus nervos de stalker que se ativam. Sempre digo que quanto voltar perguntarei a outros se sentem o mesmo, mas sempre me esqueço.

Bem, assim íamos avançando, silenciosamente sobre aquele antigo jardim. O motor zumbia abaixo de nossos pés, tranquilo; ele não se preocupava com nada, nada ali lhe poderia fazer mal. Então o velho Tender começou a se descontrolar.

Ainda não tínhamos chegado ao primeiro poste quando ele começou a tagarelar. Todos os novatos perdem o autocontrole quando chegam na Zona. Começam a falar sem parar, lhes acelera o coração, falha a memória, se envergonham, seja como for, não conseguem se controlar. Acho que é como quando nosso nariz escorre, não depende de nós, apenas escorre e escorre. E como falam besteira! Comentam da paisagem, inventam teorias sobre os Visitantes ou simplesmente falam de coisas que não tem nada a ver com a Zona. Como Tender, que começou a falar de sua roupa nova, sem conseguir parar. Quanto lhe havia custado, como era bom o tecido e sobre os botões novos que o alfaiate lhe pregara...

- Cale a boca!

Ele me olhou pateticamente, e até fez beijo, mas continuou falando do tanto de seda que se usou para o forro. Os jardins já haviam terminado; abaixo de nós estava o terreno que

antes era usado como lixão municipal. Senti um vento suave. Mas não havia brisa, nenhum vento. Rapidamente senti um sopro forte, folhas soltas giraram e pensei ter ouvido algo.

- Cale-se, seu bastardo! - gritei com Tender.

Mas não, ele não conseguia se calar. Já estava perto. Não havia outra solução.

- Pare a cabine! - ordenei a Kirill.

Ele freou imediatamente. Bons reflexos, fiquei orgulhoso dele. Agarrei Tender pelos ombros, o girei de frente para mim e lhe golpeei o visor, fazendo-o bater forte contra seu nariz, pobre homem. Ele fechou os olhos e ficou em silêncio.

Com isto, voltei a ouvir: trrr, trrr, trrl,... Kirill me olhou atônito e eu lhe fiz um sinal para que ficasse quieto. Deus por favor, que fiquem quietos, não movam um músculo. Mas ele também ouvia o ruído e, como todos os novatos, sentia necessidade de fazer alguma coisa, qualquer coisa.

- Devo voltar? - ele sussurrou.

Sacudi a cabeça negativamente e lhe fiz um sinal com a mão lhe pedindo silêncio. É fato, com novatos você nunca sabe para onde olhar, se para o terreno ou se para eles. Mas, naquele momento eu me esqueci de tudo. Sobre os muitos velhos objetos, os vidros quebrados e trincados, começou a tremular, um estremecer, como se fosse ar quente vibrando por sobre um teto de latão ao meio-dia. Cruzou os montes de lixo e foi avançando, mais e mais, até onde estávamos, bem ao lado do poste; ficou parado por um tempo sobre a rua (ou talvez fosse só minha imaginação?), para então, finalmente, descer até o solo, entre os arbustos e cercas podres, e ir até o cemitério de veículos.

Malditos intelectuais! Quem tem a ideia de traçar uma rota por sobre o depósito de lixo?! E eu também, quanta inteligência! Onde estava com a cabeça quando me entusiasmei com aquele mapa estúpido?!

- Avance, devagar. - indiquei a Kirill.

- O que foi aquilo?

- Nem o demônio sabe! Era alguma coisa, mas já se foi... Graças a Deus. Agora silêncio, por favor. Deixe de ser um humano agora, ok? Seja uma máquina, o meu volante, nada mais.

De repente percebi que, naquele momento, era eu quem estava falando demais.

- Já basta. Nem uma palavra a mais.

Precisava de outro trago. Deixe-me dizer algo: estes trajes de mergulho são uma besteira. Sobrevivi a muita coisa sem todo este maldito equipamento e sobreviverei a muitas outras, mas sem um bom trago no momento certo... Bem, já basta!

O vento parecia ter acalmado. Não se ouvia nada ameaçador. O único som que se ouvia era o ronronar tranquilo e sonolento do motor. O sol estava forte e fazia muito calor. Via-se uma neblina por sobre a Garagem. Tudo parecia estar indo bem, passávamos os postes um atrás do outro, Tender estava calado, e Kirill também. Os novatos estavam aprendendo. Não se preocupem companheiros, na Zona também se pode respirar, se você souber o que está fazendo. Chegamos ao poste 27; uma placa de metal tinha um círculo roxo com o número 27. Kirill me olhou, eu acenei e nossa cabine se deteve.

As flores já haviam se aberto e estávamos no período das cerejeiras. Agora, o importante era manter a calma absoluta. Não havia perigo. O vento cessara e tínhamos boa visibilidade. Tudo estava correndo certo. Vi o poço no qual Pegajoso caiu e bateu as botas; dentro dele havia algo colorido, talvez os restos de suas roupas. Era um bosta, que descansa em paz, avarento, estúpido e sujo. Exatamente o tipo de pessoa que se junta ao Corvo Burbridge, Corvo os faz vir de longe e os toma para seu grupo. Geralmente, a Zona não pergunta quem é bom ou quem é mal. Então, temos que agradecer ao Pegajoso, era um idiota e ninguém nem mesmo lembra seu verdadeiro nome, mas, pelo menos, serviu para nos mostrar por onde não podemos passar.

Claro que nossa melhor opção era chegar ao asfalto. O asfalto era liso e se pode ver tudo o que está sobre ele, além disto, este buraco eu conhecia bem. Mas não me agradava o aspecto daqueles dois montes de lixo. Por entre eles havia um caminho reto até o asfalto. Ali estavam, tão confiantes de si, nos esperando. Mas não, por ali não passaríamos. Uma das regras dos stalkers nos aconselha a sempre manter pelo menos uns 30 metros de espaço livre a direita e a esquerda. Passaríamos sobre o monte da esquerda. Claro que eu não sabia o que haveria do outro lado. Segundo o mapa, nada; mas quem é que confia nestes mapas?

- Escuta, Red – sussurrou Kirill. – Por que não passamos por cima de tudo? Subimos por uns vinte metros, depois baixamos e estaremos na Garagem. O que acha?

- Cale a boca, idiota, e não me encha! - respondi.

Queria subir. Mas e se alguma coisa nos pegasse aos vinte metros? Não restariam sequer os nossos ossos. Ou, quem sabe, cairíamos em um “mata-moscas” [7] e não restaria qualquer parte inteira nossa. Já estava saturado de tantos riscos. Já que ele não queria esperar, “desçamos”, eu disse. Mas eu sabia exatamente como chegar ao monte de lixo. Depois, pararíamos ali um pouco, para pensar no próximo movimento. Tomei um punhado de porcas e tornilhos que tinha no bolso e os mostrei a Kirill, na palma de minha mão.

- Lembra-se da história de João e Maria [8], que te contavam na escola? Bem vamos fazer o mesmo, só que ao contrário. Observe.

Joguei a primeira porca, não muito longe, no máximo uns 10 metros, como eu queria. Caiu lá sem problemas.

- Viu isto?

- Vi, e o quê? - ele perguntou.

- Nada de “e o quê”! Eu te perguntei se você viu.
- Eu vi...
- Agora siga até onde a porca caiu, bem devagar. Pare a meio metro dela. Entendeu?
- Entendi. Está buscando vórtices gravitacionais[9]?
- Procuo o que devo procurar. Espere, jogarei outra. Olhe bem onde ela cairá e não tire os olhos dela!

A segunda porca também caiu sem nenhum inconveniente, bem próximo a primeira.

- Vamos.

Ele ligou a cabine. Sua face estava calma e sóbria. Ao que parecia, tinha compreendido. Estes intelectuais, são todos iguais; o que mais importa para eles é nomear as coisas. Enquanto não encontram um nome, ficam lamentando e agindo como idiotas. Mas depois, quanto poem uma etiqueta: “Vórtice Gravitacional”; era como se entendesse tudo e a vida se tornasse uma festa.

Passamos por sobre a primeira porca, sobre a segunda e sobre uma terceira. Tender suspirava aliviado a cada porca que passávamos, e enquanto seguíamos, ficava mudando o peso do corpo de um pé a outro e balbuciando, devido ao nervosismo, era como se sentisse enjaulado, era deprimente. Mas aquilo lhe faria bem. Perderia uns cinco quilos de tanto suar, melhor do que qualquer dieta. Quando joguei a quarta porca, sua trajetória não me agradou. Não sabia explicar o que estava errado, mas sabia que algo estava mal. Peguei o braço de Kirill e lhe disse:

- Pare, não mexa nem mais um centímetro!

Tomei mais um tornilho e o lancei, mais alto e mais longe. Ali estava o mata-moscas! O tornilho avançou normalmente, parecia cair sem problemas, mas, no meio do caminho, foi como se algo lhe empurrasse para o baixo, com tanta força que, quando aterrissou, se afundou na terra.

- Já havia visto isso?! - sussurrei.

- Somente em fotografias – Kirill comentou, se esticando tanto para observar que fiquei com medo dele cair para fora da cabine. – Atira outra, vamos!

Era triste, mas divertido. Como se bastasse lançar um só. Oh, a ciência! Joguei umas oito porcas e tornilhos até conhecer a forma e os limites daquele mata-moscas. Na verdade já havia conseguido os limites na sétima, mas lancei a oitava, bem no meio, para que Kirill pudesse desfrutar de suas observações científicas. Atingiu o solo como se fosse um peso de 5 quilos em vez de um simples tornilho, abrindo um buraco na terra. Kirill exultava.

- Tudo bem, já nos divertimos o suficiente – eu disse. – Agora, sigamos em frente. Olhe bem que estou marcando o caminho; então não o perca de vista.

Assim, deixamos para trás o mata-moscas e chegamos até o monte de lixo. Não era muito grande, parecia até bosta de gato. Até aquele momento, não havia reparado nele. Ficamos parados, por sobre aquele montinho. O asfalto estava a menos de seis metros. A visibilidade estava ótima, se via cada folha de grama, cada rachadura, como numa foto. Bem, após jogar um tornilho, poderíamos seguir.

Não consegui arremessar o tornilho. Não entendi o que me acontecia, mas não conseguia me decidir a arremessar.

- O que aconteceu? - me perguntou Kirill. – Por que estamos parados aqui?
- Espere – respondi – e cale a boca, pelo amor de Deus.

Pensei que arremessaria o tornilho e então avançaríamos suavemente, como sobre manteiga derretida, não chegaríamos sequer a mover as folhas de grama; e em trinta segundos chegaríamos ao asfalto. E, de repente, comecei a suar! O suor gotejava até de meus olhos. Soube que não poderia arremessar o tornilho ali. Para a esquerda, poderia lançar todas que quisesse, embora por ali o caminho fosse mais longo e houvesse um monte de pedregulhos nada agradáveis. Mesmo assim, eu iria por ali, mas continuar a frente; não iria por nada deste mundo.

Lancei o tornilho para a esquerda, sem dizer nada, Kirill girou a cabine e avançou naquela direção. Depois ele me encarou. Devo ter lhe devolvido o olhar com uma cara muito ruim, pois, no mesmo instante, desviou o olhar.

- Está tudo bem - eu disse. – Economizaremos tempo na volta.

Lancei uma última porca até o asfalto. A partir dali, se tornou muito mais fácil. Encontrei a fenda, ela estava limpa, sem qualquer lixo e sem alterações na cor ou no cheiro. Eu a olhei e senti uma alegria por dentro. Ela nos conduziu até a entrada da Garagem, melhor do que qualquer rota de postes ou de qualquer outro sinal.

Ordenei a Kirill que descesse até um metro e vinte. Me pus de bruços e olhei até as portas abertas. De início, não consegui ver nada, devido ao brilho forte do Sol. Só escuridão. Aos poucos, meus olhos foram se acostumando. Então eu percebi que não havia mudado nada na Garagem desde a última vez que estive nela. O caminhão de lixo ainda estava ali, estacionado junto a vala, em perfeito estado, sem buracos e nem manchas. Tudo estava exatamente em seu lugar sobre aquele piso de cimento, talvez por que ali quase não houvesse geleia de bruxa e nada de fora parecia ter entrado. Porém, havia uma coisa que não me agradava ali, nos fundos da garagem, perto de alguns barris, tinha alguma coisa prateada. Aquilo não estava ali antes. Bem, havia uma coisa prateada ali, mas e daí? Não voltaríamos atrás só por isso. Não tinha nenhum brilho especial, reluzia um pouquinho, suavemente, quase imperceptível. Me levantei, bati o pó de sobre o traje e olhei ao redor. Ali estavam os caminhões, no terreno aberto, e estavam como novos; pareciam até mais novos do que da última vez que os tinha visto, enquanto que o caminhão de gasolina, fora da garagem, estava enferrujado ao ponto de cair aos pedaços. Ali estava também a área coberta, como indicado no mapa. Não gostava do aspecto daquela cobertura. A sombra estava estranha, o sol estava nas nossas costas, mas a sombra da cobertura vinha na nossa direção. Bem, isto não

importava, estava longe de nós. Tudo estava bem o suficiente para começarmos a trabalhar.

Mas, aquela coisa prateada que brilhava lá atrás, o que era? Talvez fosse minha imaginação? Seria bom poder acender um cigarro, sentar e ficar pensando naquilo. Porque reluzia por sobre os barris, por que não estava entre eles, e por que daquela sombra da cobertura. Corvo Burbridge me havia falado algo sobre estas sombras, dizia que eram estranhas, mas não chegavam a ser perigosas, ainda assim, algo acontecia com as sombras daquele lugar. Mas... por que aquele brilho prateado?! Parecia com uma teia de aranha, daquelas que só existem nas árvores dos bosques. Que tipo de aranha teria tecido uma teia ali? Nunca havia visto animais na Zona.

O pior é que o vazio que viemos buscar estava exatamente ali, a uns dois passos dos barris. Deveria ter pego ele da última vez, e aí não estaria me preocupando com essas coisas agora. Mas ele era muito pesado, além de tudo, o desgraçado estava cheio; até consegui levantá-lo, mas não conseguiria arrastá-lo, ainda mais no escuro... Se vocês nunca andaram carregando um vazio nas costas, façam um teste: é como carregar uns dez litros de água, e sem um balde.

Já havia chegado a hora de irmos e eu estava com vontade de um bom trago. Voltei-me para Tender:

- Kirill e eu vamos até a Garagem. Fique aqui e não toque nos controles se eu não lhe mandar, aconteça o que acontecer, mesmo que a terra aqui comece a arder em chamas. Se você ficar com medo e fugir, não haverá lugar no mundo que eu não te encontre...

Ele consentiu seriamente, como que dizendo: “Não vou ficar com medo”. Estava com o nariz vermelho, havia lhe batido forte demais... Baixei cuidadosamente a escada de corda, olhei mais uma vez para quele brilho prateado, acenei para Kirill e comecei a descer. Uma vez no asfalto, esperei até que ele também descesse.

- Não tenha pressa, – eu lhe disse – não precisamos correr.

Esperamos um pouco na calçada, com a cabine ao nosso lado, flutuando um pouco acima de nós, e a escada de cordas tocando em nossos pés. Tender pôs a cabeça para fora da cabine e nos olhou com um ar de desespero. Já era hora de irmos e eu disse a Kirill:

- Siga-me passo a passo, a dois passos atrás de mim. Não tire os olhos de minhas costas e mantenha-se alerta.

Avancei. Parei na abertura da porta para olhar ao redor. É muito mais fácil fazer isto a luz do dia do que durante a noite! Lembro-me de quanto estava parado nesta mesma porta. Estava escuro, um verdadeiro breu, e, na vala, havia o brilho pálido da geleia de bruxa, era semelhante as chamas azuis de quanto se queima álcool, mas aquilo não iluminava nada, pelo contrário, aquilo fazia tudo parecer ainda mais escuro. Mas agora, que diferença, era como uma brincadeira.

Meus olhos já estavam acostumados com aquela penumbra e, por isso, eu conseguia ver até mesmo a poeira dos cantos mais escuros. Havia mesmo algo prateado por ali; eram

filamentos prateados que se estendiam deste os barris até o teto. Realmente se parecia com uma teia de aranha, e talvez fosse exatamente isso, mas, de qualquer forma, era melhor não se aproximar.

Foi então que cometi o meu erro. Eu deveria ter ficado parado por um tempo, com Kirill ao meu lado, esperar até que os olhos dele também se acostumassem com a penumbra e então lhe apontar a teia de aranha. Eu deveria ter lhe mostrado. Mas estava tão acostumado a trabalhar sozinho que simplesmente olhei por minha própria conta e me esqueci de Kirill.

Caminhei mais para dentro e fui até os barris, até onde estava o vazio. O observei, não havia nenhuma “teia de aranha” sobre ele. Peguei em um dos lados e disse para Kirill:

- Pegue o outro lado e não deixe cair, é bem pesado...

Levantei os olhos e senti um nó na garganta. Não consegui falar, eu quis gritar: “Pare! Não se mexa!”, mas não consegui. De qualquer modo, acho que nem teria dado tempo, tudo aconteceu rápido demais. Kirill se aproximou do vazio de costas para os barris e encostou as costas na teia de aranha prateada. Fechei os olhos, fiquei atordoado, escutei apenas o som da teia de aranha se desfazendo. Foi um som de “crack”, bem fraco. Permaneci com os olhos fechados, não conseguia sentir nem meus braços, nem minhas pernas. Foi quando Kirill falou:

- Ok, você o pegou? Vamos levá-lo!

- Vamos.

Levantamos o vazio e fomos para a porta, estava caminhando de costas. Aquela porcaria era muito pesada, mesmo de dois era difícil carregá-la. Saímos ao sol e chegamos até a cabine. Tender veio nos ajudar.

- Bem, vamos lá – disse Kirill. – Um, dois e...

- Não! - eu o interrompi. - Espere um pouco, deixe ele no chão por um instante.

Nós o soltamos.

- Vire-se, quero ver suas costas.

Ele se virou, sem falar nada, e eu lhe olhei, mas não havia nada ali. Pedi para ele virar para um lado e para o outro, mas não havia nada. Voltei a olhar para os barris, e ali também não havia mais nada.

- Escuta, - falei com Kirill sem deixar de olhar para os barris – você viu uma teia de aranha?

- Que teia de aranha? Onde?

- Bem, nada... Acho que tivemos sorte.

Porém eu pensava: “Bem, ainda não dá para saber de nada”.

- Está bem então, venha, vamos levar isto embora.

Colocamos o vazio dentro da cabine e o ajeitamos de uma forma que não se movesse. Ali estava ele, era até bonito, estava limpo e brilhante. O cobre refletia a luz do sol e seu conteúdo azulado se mexia suavemente, como uma nuvem de pó, entre os dois discos. Compreendemos o que eram os vazios, era simplesmente uma espécie de recipiente, como uma jarra de vidro, que se enchia de um xarope azul. O observamos alguns segundos mais, antes de subirmos na cabine e começarmos a vigem de volta.

Como isto era fácil para os cientistas! Para começar, trabalhavam durante o dia, além disso, o único momento perigoso era para entrar na Zona, já que na volta, a cabine teleférica se conduzia automaticamente. Quero dizer, ele tem um mecanismo, acho que se chama “cursógrafo”, que repete, para voltar, exatamente o mesmo caminho que havia feito na vinda. Enquanto flutuávamos no ar, no trajeto de volta, a cabine repetiu exatamente as mesmas manobras, parando apenas alguns instantes a cada mudança de direção, antes de prosseguir. Passamos por cima de cada um dos tornilhos e das porcas que eu havia arremessado, se quisesse, até poderia recolhê-los de volta.

Aqueles dois novatos estavam eufóricos. Olhavam em todas as direções, era como se já não tivessem medo de nada. Logo começaram a tagarelar. Tender levantou os braços, se espreguiçando, e ameaçou voltar a Garagem assim que terminasse de almoçar. Kirill me pegou e começou a explicar o funcionamento do Vórtice Gravitacional, ou “mata-moscas”. Bem, eu logo os pus em seus lugares, mas não com a força. Eu apenas lhes contei o que acontecera com todos os idiotas que tentaram refazer seus antigos caminhos na Zona.

- Calem a boca – eu lhes disse – e fiquem com os olhos bem abertos se não quiserem que lhes ocorra o mesmo que aconteceu com Lyndon, o Baixinho.

Aquilo funcionou muito bem, eles nem mesmo me perguntaram o que havia acontecido com o tal Baixinho. Prosseguimos em silêncio. Eu, só pensava em uma coisa: em abrir logo uma garrafa. Estava imaginando o meu primeiro gole; mas, aquela teia de aranha continuava brilhando em minha mente.

Depois de tudo, saímos da Zona e nos enviaram ao descontaminador (os cientistas o chamam de “bloqueio sanitário”), com a cabine. Nos lavaram em três tanques de ebulição, com diferentes substâncias alcalinas, nos cobriram com uma espécie de pasta, depois com não sei que tipo de pó e voltaram a nos lavar. Após tudo isto nos secaram e disseram:

- Ok, rapazes, vocês estão livres, podem ir!

Tender e Kirill levaram o vazio. Eram tantos os que tinham vindo olhar que mal conseguiam caminhar. Era sempre assim! Ficavam ali, apenas olhando e grunhindo palavras de boas-vindas e parabéns, mas nenhum deles tinha a capacidade de oferecer uma ajuda aos cansados heróis. Que seja, isso não é da minha conta. A partir de agora, mais nada é da minha conta.

Tirei o traje e o joguei no chão (que os malditos sargentos tratem de recolhê-lo). Fui diretamente ao vestiário, por que estava coberto de suor, da cabeça aos pés. Me fechei em

um dos chuveiros com meu cantil, tirei a tampa e me prendi a ele como uma sanguessuga. Depois, me sentei em um dos bancos, me sentindo vazio. Estava tomando aquela bebida forte como se fosse água. Eu estava vivo. A Zona havia me deixado sair ileso, aquela maldita e traiçoeira, estava livre dela, e vivo. Os novatos não conseguem apreciar isto, apenas um stalker pode saber o que isto realmente significa. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, talvez fosse a bebida, ou sei lá. Chupei o cantil até deixá-lo seco. Eu estava encharcado, e o cantil seco. Parecia não ser o bastante, ainda precisava de um último gole. Mas isso se podia arrumar. Tudo se podia arrumar, pois eu estava vivo.

Acendi um cigarro e, enquanto fumava, ali sentado, sentia que tudo estava bem. Foi quando me lembrei da bonificação. Esta era a maior vantagem de trabalhar para o Instituto, poderia ir naquele instante retirar o meu pagamento. Ou talvez me trouxessem ele, no vestiário.

Comecei a me despír lentamente. Ao tirar o relógio, percebi que havíamos passado cinco horas na Zona. Meu Deus, cinco horas! Senti um calafrio, cinco horas, Deus... Realmente, parece que na Zona o tempo passa de uma forma distinta. Mas, pensando bem, o que são cinco horas para um stalker? Um simples piscar de olhos. Mesmo que fossem doze horas, ou dois dias... Quanto não conseguimos sair na mesma noite, temos que passar todo o dia seguinte de cara no chão. Não podemos rezar e nem murmurar, no máximo deliramos, sem saber se ainda estamos vivos ou se já estamos mortos... Então na segunda noite, terminamos o trabalho, pegamos o que encontramos e tentamos sair, tendo ainda o posto militar. Ali ficam os guardas com suas metralhadoras. Esses filhos da puta, canalhas, eles nos odeiam mais que tudo. Eles não querem prender um stalker, porque morrem de medo que ele lhes contamine com algo, querem mesmo é liquidá-lo, matá-lo, e eles tem tudo a seu favor, quem poderá provar que o que fizeram foi ilegal? Então, você tem que ficar de cara no chão novamente, do amanhecer até que volte a anoitecer, e o que pegou ali, do seu lado, sem que se saiba se apenas está ali parado ou se está lhe contaminando com algo e lhe matando aos poucos. Também pode lhe acontecer o mesmo que aconteceu com o Isaque, o Soco, que foi pego pelo amanhecer numa área aberta, entre duas fossas, sem poder ir nem para esquerda, nem para a direita. Dispararam contra ele por umas duas horas, mas não conseguiram acertar. Durante as duas horas ele se fingiu de morto, até que, graças da Deus, conseguiu convencer os soldados e estes o deixaram. Encontrei com ele depois disso, mas quase não o reconheci, não parecia mais o mesmo homem, estava muitíssimo abalado.

Enxuguei as lágrimas e abri o chuveiro, me banhei por um longo tempo. Primeiro com água quente, depois com água fria, e depois, outra vez, quente. Usei uma barra de sabão inteira, até que fiquei entediado e fechei o chuveiro. Alguém estava batendo na porta com força. Escutei Kirill gritando:

- Ei, stalker, saia logo dai! Estou com seu dinheiro bem aqui!

Grana, isto nunca é ruim. Abri a porta, ali estava ele, seminu, apenas de cueca. Parecia em êxtase, toda sua tristeza havia passado. Ele me entregou um envelope.

- Aqui está, em nome de toda a humanidade agradecida!

- Que vá a merda toda a humanidade. Tem quanto aqui?

- Considerando sua coragem e esforços excepcionais além do dever, dois meses de salário!

- Agora sim, ganhando desde jeito eu poderia viver tranquilo. Se conseguisse que me pagassem assim por cada um dos vazios... Já teria enviado Ernest para o inferno há muito tempo.

- Que bom, e então, está satisfeito? - me perguntou Kirill, que, por sua parte, estava radiante, com um sorriso que ia de uma orelha a outra.

- Para mim está bom, e para você?

Ele não me respondeu, me agarrou pelo pescoço e me abraçou, apertando contra seu peito suado, depois me largou com um pequeno empurrão e entrou no chuveiro ao lado.

- Ei! - eu o gritei. – Onde está Tender? Está lavando sua cueca, eu aposto!

- Nada disso, Tender está rodeado de jornalistas. Tinha que vê-lo, se converteu em uma pessoa ilustre. Está lhes explicando tudo com uma autenticidade...

- Está lhes explicando com uma o quê? “Autoridade”?

- Autenticidade.

- Está bem, me desculpe, “doutor”. Na próxima vez que conversarmos trarei um dicionário, “doutor Kirill”.

Naquele momento eu senti como se tivesse tomado um choque elétrico.

- Ei, Kirill, saia aqui um pouco...

- Já estou pelado!

- Oh, pare com isso, não sou uma garota!

Ele saiu, e eu o peguei pelos ombros e lhe virei de costas para mim. Não havia nada. Talvez fosse só minha imaginação. Suas costas estavam limpas, até o suor já havia evaporado.

- O que há com você e minhas costas, hein?

Lhe dei um tapa no traseiro pelado, voltei ao meu chuveiro e fechei a porta. Maldito nervosismo! Primeiro estava vendo coisas estranhas lá, e agora as estava vendo também aqui. Vá tudo para o inferno! Esta noite irei me embriagar. O que gostaria mesmo era ganhar do Richard, isto sim, era o que queria. Aquele desgraçado sabia jogar. Nunca consegui ganhar dele, nem mesmo trapaceando, usando um baralho com cartas marcadas.

- Ei, Kirill – gritei – vai ao Borscht esta noite?

- Não é “Borscht”, se pronuncia “Borshch”, quantas vezes já lhe disse?!

- Qual a diferença? Se escreve B-O-R-S-C-H-T, não me encha o saco com suas regras. Vai ou não? Estou querendo desafiar o Richard.

- Bem, não sei Red. Acho que você, com sua alma simplória, nem consegue imaginar o que acabamos de trazer...

- Ah, e eu suponho que você saiba o que é.

- Bem, para ser sincero, eu também não faço ideia. Mas agora, pela primeira vez, sabemos a funcionalidade dos vazios, se minha brilhante teoria estiver correta, escreverei uma monografia e a dedicarei pessoalmente a você: “A Redrick Schuhart, honrado stalker, com meus respeitos e gratidão”.

- Sim, claro, e por isso eu pego dois anos de cadeia.

- Mas ficará nos registros da ciência para todo o sempre. O batizarão de “a jarra de Schuhart”, gostou do nome?

Enquanto brincávamos, eu me vesti e coloquei o cantil vazio de volta em meu bolso. Depois, contei o dinheiro e fui embora, me despedindo:

- Boa sorte, com sua alma complexa.

Ele não me respondeu, a água do chuveiro fazia muito barulho.

No corredor, encontrei com Tender, estava corado e com o ego inflado, parecia até um pavão. Estava rodeado de nossos companheiros de trabalho do Instituto, repórteres e alguns sargentos, que pareciam ter acabado de almoçar e estavam limpando os dentes. Ele falava sem parar, parecia um charlatão:

- Com a tecnologia que dispomos, nos é permitido contar com uma garantia quase absoluta de segurança e êxito.

Naquele momento, ao me ver, ele engasgou por um momento, então sorriu e me acenou com a mão. “Bem, acho melhor eu desaparecer”, pensei comigo mesmo. Segui em linha reta na direção da porta, mas já haviam me visto. Logo os escutei me seguindo:

- Senhor Schuhart! Senhor Schuhart! Umas palavras sobre a Garagem!

- Sem comentários!

Eu tentei correr, mas não havia como escapar. Eu estava cercado: a direita tinha um cara com um microfone, e a esquerda, outro com uma câmera.

- Havia alguma coisa estranha na garagem? Apenas uma ou duas palavras, nada mais que isto!

- Sem declarações! - eu repeti, tentando evitar a toda custa ficar de frente para a câmara. – É apenas uma garagem, como qualquer outra.

- Obrigado, mas qual sua opinião sobre as turbo-plataformas?

- São uma maravilha!

Comecei a correr para o banheiro masculino.

- O que você acha da Visitação?

- Pergunte isso para os cientistas! - respondi enquanto fechava a porta do banheiro.

Ouvi que batiam à porta e lhes gritei:

- Recomendo a vocês que perguntem ao senhor Tender o por quê de seu nariz estar com um hematoma. Ele é muito modesto para assumir, mas foi a parte mais emocionante de nossa aventura.

Com isso eles saíram correndo pelo corredor, mais rápidos do que cavalos de corrida. Esperei por alguns minutos, até tudo ficar quieto. Pus a cabeça para fora e olhei, já não havia mais ninguém. Então sai e continuei meu caminho tranquilamente, assobiando uma canção. Desci para a entrada e mostrei meu crachá ao sargento polonês, reparei que ele me fazia continência. Ao que parecia, eu me tornei um herói neste dia.

- A vontade, sargento – eu lhe disse. – Me sinto honrado.

Ele sorriu mostrando tantos dentes que parecia que eu lhe havia feito o maior dos elogios.

- Bem, Red, agora, sem dúvidas, você é um herói. Estou orgulhoso de lhe conhecer – ele me disse.

- Então, é isso que contará para as mulheres quanto voltar para a Suécia?

- O que você acha, com isso elas se derreterão nos meus braços!

Acho que ele tinha razão. Para falar a verdade, nunca gostei destes tipos altos e de bochechas rosadas; mas as mulheres enlouquecem por eles, vai se saber o por quê. O tamanho não é tão importante... Segui pensando nestas coisas enquanto caminhava debaixo do sol, por aquelas ruas desertas. Do nada, senti vontade de estar com Guta, naquele exato momento. Só queria lhe olhar e ficar de mãos dadas por um tempo. Depois de estar na Zona, não conseguia querer outra coisa, apenas pegar em suas mãos já me bastava. Especialmente quando você pensa no que falam sobre como nascem os filhos de stalkers. Mas, quem precisa de estar com Guta?! O que eu precisava mesmo era uma garrafa, e uma garrafa cheia de algo bem forte!

Estava passando pelo estacionamento, chegando ao Cordão de isolamento. Havia ali dois carros de patrulha, grandes e amarelos, totalmente equipados, com holofotes e

metralhadoras, aqueles palhaços. É claro, ali estava repleto de soldados usando capacetes azuis. Broqueavam a rua inteira, não havia como passar. Segui caminhando tranquilo, de cabeça baixa, era melhor eu não olhar para eles, ainda mais a luz do dia. Entre eles havia dois ou três figuras que realmente preferia não ver, por que se os ver, coitados... Para a sorte deles, Kirill havia me convencido a trabalhar para o Instituto, do contrário, eu teria ido atrás destas víboras e as liquidaria... Passei pelo meio da multidão e já estava quase do outro lado, quando ouvi que alguém gritava:

- Hei, stalker!

Bem, isto não tinha nada a ver comigo, então não parei, continuei caminhando e procurando um cigarro em meus bolsos. Alguém me alcançou e me segurou pelo braço. Puxei aquele braço e me virei para o homem, lhe dizendo “educadamente”:

- O que diabos pensa que está fazendo?!

- Só um momento stalker – ele me respondeu. – Tenho umas perguntas para você.

O encarei fixamente. Era o capitão Quarterblad, um velho conhecido. Parecia desidratado e meio amarelado.

- Ah, olá, capitão! Como anda seu fígado?

- Não pense que irá se safar desta fazendo piadinhas, stalker – ele respondeu, irritado e sem deixar de me encarar. – É melhor me explicar por que não parou quando o chamei.

Por trás dele havia dois soldados, com as mãos sobre seus coldres. Não conseguia ver seus olhos, sob os capacetes só se conseguia perceber as suas mandíbulas se mexendo. Em que parte do Canadá eles acham estes caras? Ou será que os trouxeram para cá e os reproduziram? Não tenho medo dos policiais, não durante o dia, mas aqueles palhaços poderiam querer me revistar, e eu não estava afim disto.

- Desculpe, era a mim que estava chamando, capitão? - eu exclamei. – Pensei ter lhe escutado chamar um stalker...

- E está me dizendo que você não é um?

- Depois de cumprir pena, graças ao senhor, capitão, eu me endireitei. Abandonei isto para sempre. Graças ao senhor, capitão, os meus olhos se abriram, se não fosse pelo senhor...

- Então, o que estava fazendo na área da Pré-Zona?

- Como assim o que eu fazia?! Eu trabalho ali agora, e já fazem uns dois anos.

Para acabar logo com aquela conversa desagradável, mostrei meus documentos para o capitão Quarterblad. Ele os pegou, e revisou um por um, verificando-os em cada detalhe, só faltou mesmo lambê-los. Quanto os devolveu, parecia satisfeito, seus olhos brilhavam e ele até estava corado.

- Sinto muito, Schuhart – ele me disse. – Eu não esperava isto. Mas é bom ver que não desperdicei meus conselhos com você. Bem, isto é maravilhoso! Não sei se você acredita em mim ou não, mas quero que saiba que mesmo naquela época, eu tinha a sensação de que você acabaria se endireitando. Não admitia um rapaz como você...

Ele começou a discursar, parecia uma gravação. Ao que parecia, em sua cabeça, eu era outro que ele havia resgatado do mal caminho. Eu, claro, fiquei ali escutando, com a cabeça baixa, sinal de humildade, gesticulando e consentindo, abrindo os braços inocentemente, se me lembro bem, até comecei a esfregar os pés pela calçada. Os dois gorilas que estavam escoltando o capitão ficaram ali escutando por um tempo, mas logo se entediaram e saíram, acho que procurando algum lugar mais divertido. Enquanto isso, o capitão seguia prevendo um futuro glorioso para mim: “a educação é a luz, a ignorância, a escuridão...”, “o Senhor ama aos que trabalham com integridade”, etcetera e etcetera... Toda a mesma tagarelice desenfreada que ouvíamos do padre todos os domingos na prisão. E eu precisava mesmo de um trago, minha sede estava me matando.

“Bem”, eu dizia para mim mesmo, “terá que suportar isto. Não tem como evitar, então seja paciente, Red. Ele não vai continuar por muito tempo, olhe, já está perdendo o fôlego. Que bom, ele está parando.” Um dos soldados começou a lhe fazer sinais. O capitão olhou para ele soltando um suspiro de cansaço e me estendeu a mão.

- Bem, fico feliz em tê-lo encontrado, meu honesto sr. Schuhart. Gostaria de lhe convidar para uma bebida em comemoração, mas o médico me proibiu de tomar uísque, talvez ainda possamos tomar uma cerveja qualquer dia, realmente gostaria disso. Mas, agora, o dever me chama. Voltaremos a nos ver.

Que Deus não permita isso! Mas lhe apertei a mão, corei e voltei a arrastar o pé na calçada, acho que era o que ele queria. No final, havia me deixado em paz.

Fui como uma bala até o Borscht. Neste horário, o Borscht está sempre vazio. Por trás do balcão estava Ernest, secando copos e lhes verificando a transparência. Por falar nisto, já repararam como é estranho, sempre que se entra num bar, o taberneiro sempre está enxugando copos, como se disso dependesse a sua vida. Ele parece passar o dia nisto: pega um copo, o olha de alguns ângulos, o põe contra a luz e começa a lustrá-lo com um pano. Limpa e limpa, depois volta a olhá-lo (desta vez pelo fundo) e mais uma vez o lustra.

- Hei, Ernest! Deixe o copo em paz. Vai acabar lhe abrindo um buraco de tanto lhe esfregar.

Ele me olhou através do copo que lustrava, murmurou algo que não consegui entender e, sem dizer nada, me serviu quatro dedos de vodca. Sentei em uma das banquetas do balcão, tomei um gole, fiz uma careta, balancei a cabeça e tomei outro gole. Ao fundo, o motor da geladeira ronronava e a máquina de música tocava algo suave e lento. Ernest limpava outro copo, tudo em paz. Terminei o copo e o deixei sobre o balcão. Ernest, ao percebê-lo, me serviu mais quatro dedos.

- Melhor agora? - ele murmurou. – Está voltando a si, stalker?

- Continue enxugando, entende? Sabia que teve um cara que enxugou e esfregou até que lhe apareceu um gênio. Terminou cheio de grana.

- É mesmo, e quem foi esse cara? - Ernest perguntou com perspicácia.

- O outro taberneiro, o que trabalhava aqui antes de você!

- E o que aconteceu?

- Por que você acha que aconteceu a Visitação? Foi de tanto que ele enxugou o copo. Como acha que chegaram aqui os Visitantes?

- Você é um inútil. – replicou Ernest, rindo.

Ele foi até a cozinha e voltou com um prato de salsichas grelhadas. Colocou o prato na minha frente, me deu o ketchup e voltou para seus copos. Ernest conhece seu trabalho. Tem os olhos treinados, reconhece um stalker que voltou da Zona com um saque; e também sabe do que um stalker precisa depois de estar na Zona. O bom e velho Ernie, um verdadeiro “humanitário”.

Após terminar com os hot dogs, acendi um cigarro e comecei a calcular o quanto Ernie poderia lucrar conosco. Não tenho muita certeza de quanto se paga na Europa por coisas da Zona, ouvi falar que lá um vazio pode chegar a custar quase dois mil e quinhentos; Ernie não nos paga mais que quatrocentos. Mas que se dane, lá eles vendem por 100, e aqui, com muita sorte, nos pagam 20. Claro que, provavelmente, embarcar estas coisas para a Europa não deve ser nada barato. Molhar uma mão aqui e outra lá... O chefe da estação daqui também deve estar na lista de pagamento. Se pensar bem, acho que Ernest não ganha tanto; talvez uns quinze ou vinte por cento no máximo. Se o pegam, são 10 anos de trabalhos forçados. Foi neste momento que um tipo muito educado interrompeu minha nobre meditação. Eu nem mesmo o havia visto entrar, só o vi quanto estava bem ao meu lado, à minha direita, pedindo permissão para se sentar.

- Como não, fique à vontade.

Era um tipo magro, de nariz fino, usando uma gravata borboleta. Seu rosto me era familiar, mas não conseguia lembrar dele. Sentou ao meu lado e pediu a Ernest:

- Uísque Bourbon, por favor. - depois ele se voltou para mim: - Desculpe-me, mas nós já não nos conhecemos? Você trabalha no Instituto, não é?

- Sim, e você?

Ele sacou rapidamente sua credencial de identificação e a pôs na minha frente: “Aloysius MacNaught - Agente Plenipotenciário do Escritório de Emigração”. Claro que o conhecia. Era um dos que fodiam com as pessoas para que elas saíssem da cidade. Por causa de tipos como ele, resta apenas metade da população inicial de Harmont. O que eles pretendem? Limpar a cidade completamente? Afastei sua credencial com a unha.

- Não obrigado, não estou interessado. Planejo morrer aqui, em minha cidade natal.

- Mas, por que? - ele me questionou. – Perdoe minha indiscrição, mas o que o está segurando neste lugar?

- Como “o quê”? Todas as recordações de minha infância, meu primeiro beijo na praça municipal, mamãe e papai... A primeira vez que fiquei bêbado... Foi aqui mesmo, neste bar! A delegacia, tenho tão boas lembranças de lá... - peguei um lenço, muito usado, que carregava no bolso, e enxuguei meus olhos. - Não deixaria este lugar nem por todo o dinheiro do mundo!

Ele começou a rir, tomou um gole de seu Bourbon e respondeu pensativo:

- Não entendo o que se passa na cabeça de vocês harmonitas. A vida nesta cidade é dura. Está tudo sobre controle dos militares, há pouco entretenimento. A Zona está aqui do lado, é como estar sentado em cima de um vulcão. Uma epidemia poderia começar a qualquer momento, ou talvez, até algo pior. Até compreendo que idosos queiram ficar, mas você, quantos anos têm? Vinte e dois, vinte e três? Não percebe que meu departamento é praticamente uma organização de caridade? Não ganhamos nada com nosso trabalho. O único que buscamos é que as pessoas saiam deste buraco infernal e voltem a ter uma vida cotidiana normal. Nós garantimos toda a mudança, lhes buscamos emprego e, no caso de jovens como você, lhes financiamos os estudos. Realmente, eu não entendo.

- Quer dizer que ninguém está querendo ir embora?

- Não, falar “ninguém” é exagero. Alguns estão aceitando nossa oferta, principalmente aqueles que tem família. Mas os jovens e os idosos... O que acham que vão encontrar aqui? Isto é um verdadeiro buraco, um vilarejo perdido no meio do nada.

Foi quando o respondi como merecia:

- Senhor Aloysius MacNaught, o senhor tem toda a razão! Nossa cidade é um buraco, sempre foi e continua sendo. Mas agora é um buraco rumo ao futuro! Passaremos tantas coisas por este buraco até o seu mundo podre que o mudaremos completamente. Quando realizarmos as descobertas que estamos buscando, todos se tornarão ricos, e subiremos até as estrelas, iremos até onde quisermos. Este é o tipo de buraco que temos aqui!

Parei de falar neste ponto, pois percebi que Ernest me olhava espantado. Aquilo me deixou envergonhado, eu não gosto de repetir as palavras de outras pessoas, até mesmo quando concordo com elas. Até porque na minha boca elas ficavam feias, soavam engraçado. Quando Kirill as dizia, você ouvia e ficava de boca aberta. Mas, mesmo que eu tivesse repetido as mesmas palavras que ele, não soou do mesmo jeito. Talvez fosse assim por que Kirill nunca passava coisas roubadas a Ernest por debaixo do balcão.

Ernie se recuperou rapidamente, e me serviu mais seis dedos de combustível, para que eu recuperasse a prudência; enquanto o narigudo senhor MacNaught voltou a beber seu uísque.

- Ah sim, claro; as “baterias eternas”, a “panaceia azul” ... Mas senhor, realmente acredita que as coisas serão do jeito como disse?

- O que eu acredito não é da sua conta. Falava em nome da cidade. Enquanto a mim, o que é que você acha que tem na Europa que eu ainda não tenha visto? Lá é monótono, eu sei. Se matam de trabalhar o dia inteiro e passam a noite toda assistindo TV.

- Não é obrigatório ir para a Europa.

- É tudo a mesma coisa, só na Antártida muda, por que lá é mais frio.

O mais assustador de tudo aquilo é que eu realmente acreditava em tudo aquilo que estava dizendo. Nossa Zona, aquela desgraçada, aquela assassina, me era cem vezes mais querida que toda a Europa e África juntas. E eu ainda não estava bêbado. Por um momento eu parei para pensar em como voltaria para casa. Seria me arrastando com um bando de cretinos iguais a mim, com os quais me enfiaria e espremeria dentro do metrô; eu estava cansado e farto de tudo aquilo.

- E você? - o homem perguntou a Ernest.

- Eu tenho meu próprio negócio – ele respondeu, se dando muita importância. – Não sou nenhum miserável. Investi todo meu dinheiro neste negócio. Até o comandante da base vem aqui de vez em quando, um general. Parece-lhe que tenho motivos para sair daqui?

O senhor Aloysiud MacNaught tentou ganhar alguns pontos citando alguns valores, mas eu não estava escutando. Tomei um bom trago, bem devagar, tirei um monte de trocados do bolso, sai do meu banco no balcão e fui até a máquina de música. Tem uma canção nela que se chama “Não volte se não tiver certeza”, ele me dá uma sensação boa, principalmente depois de voltar da Zona.

A música estava tocando no máximo. Eu peguei meu copo e fui para um canto, onde fiquei esperando, como um bandido armado, para resolver algumas velhas rixas. O tempo voou como um pássaro. Quando estava para colocar minha última moeda naquele jukebox, chegaram Richard Noonan e Gutalin, sendo acolhidos pelos hospitaleiros braços do bar. Gutalin já estava bêbado, seus olhos viravam em todas as direções, buscando um lugar para desabar. Richard Noonan o segurava ternamente pelo cotovelo, enquanto o distraía com algumas piadas. Formavam um belo casal! Gutalin era um gorila, negro e alto, cujas mãos lhe alcançavam os joelhos; enquanto Dick, ao contrário, era pequeno, gorducho e mais rosado do que qualquer um, parecia até que começaria a brilhar.

- Hei, olhe, ali está Red! - Dick gritou.

- Junte-se a nós! Vaaaamooooosss! - Gutalin rugiu. – Nesta cidade toda, só existem dois homens de verdade: Red e eu! Todos os outros são uns porcos ou filhos do capeta! E você também, Red, é um filho do diabo, mas ainda é homem!

Aproximei-me deles com meu copo, e Gutalin me apanhou pela jaqueta e me fez sentar a mesa com eles.

- Sente-se Red! Sente-se, servo de Satan! Gosto de você. Vamos chorar pelos pecados da humanidade. Choraremos longa e penosamente...

- Choremos! - lhe respondi. – E vamos beber as lágrimas do pecado.

- Porque o Dia está próximo! - Gutalin anunciou. – O cavalo branco já está selado e seu cavaleiro pôs o pé no estribo. As orações daqueles que se renderam a Satanás são em vão. Apenas os que resistirem a ele serão salvos. Todos os que se deixaram seduzir pelo diabo, que brincam com os brinquedos do demônio, que buscam os tesouros de Satanás, a todos vocês eu digo: São cegos! Despertem, seus tolos, despertem antes que seja tarde demais! Se livrem destas quinquilharias infernais... - ele então parou, como se tivesse esquecido do que estava falando, e, de repente, ele perguntou com uma voz totalmente diferente: “Pode me dar uma bebida?”, antes de se voltar para mim e continuar. – Onde eu estava?... Sabe, Red, eu estive em cana de novo, disseram que eu era um desordeiro. Mas eu vou continuar advertindo: “Despertem cegos, estão caindo em um abismo e ainda puxam a outros”. Mas eles apenas riem, nada mais que isso. Por isso quebrei o nariz do dono daquela loja e eles me prenderam. E tudo isso para quê?

Ernest se aproximou e colocou uma garrafa por sobre a mesa.

- Hoje é por minha conta – Dick disse a Ernest.

Dick me encarou com um olhar suspeito.

- Estou de acordo com a lei – respondi. – Beberemos o cheque de minha bonificação no Instituto.

- Você foi a Zona? Encontraram algo lá? - Dick me perguntou.

- Um vazio cheio. Direto para o altar da ciência. Acha que é o suficiente?

- Um vazio?! - Gutalin exclamou cheio de pena. – Arriscou a vida por um simples vazio! Você sobreviveu, mas trouxe outro dos artefatos de Satanás para o nosso mundo. Você sabe, Red, o quando de tristeza e pecado...

- Cale-se, Gutalin! - eu o repreendi severamente. – Beba e alegre-se por eu ter voltado com vida. Pela boa sorte, meus amigos!

Aquele brinde pela boa sorte deu bons resultados. Gutalin desmoronou completamente. Soluçava enquanto lágrimas escorriam de seus olhos como se fossem torneiras. O conheço bem, esta era uma de suas fases. Chorava e soluçava, enquanto pregava que a Zona era uma “tentação do demônio”; que não deveríamos tirar nada de lá e que deveríamos inclusive devolver tudo o que já havíamos tirado. E, então, seguir com nossas vidas, como se a Zona nunca tivesse existido. Deixar as coisas do Diabo para o Diabo. Gosto disso, quero dizer, de Gutalin. Sempre gostei dos tipos esquisitos. Quanto ele tem dinheiro compra tudo o que se traz da Zona, nem mesmo tenta negociar, pergunta ao stalker quanto quer e paga; depois, a noite, ele leva de volta para a Zona e enterra. Ele continuaria murmurando mais algumas coisas, mas logo pararia.

- O que é um Vazio cheio? - perguntou Dick. – Sei o que é um “Vazio vazio”; mas, é a primeira vez que ouço falar de um “Vazio cheio”.

Eu lhe expliquei, ele balançou a cabeça e estalou os lábios.

- Nossa... Bem interessante, isto é uma novidade. E com quem você foi, com aquele russo?

- Foi, com Kirill, e também com Tender. Você o conhece, não conhece? É o outro assistente do laboratório.

- Eles devem ter lhe deixado louco...

- Que nada, eles se comportaram muito bem. Especialmente Kirill. É praticamente um stalker. Só precisa de um pouco mais de experiência e que lhe ensinem a ser menos apressado. É um tipo com o qual iria todos os dias para a Zona.

- E também todas as noites? - ele perguntou com um sorriso de bêbado.

- Pare com isso! Não estou brincando...

- Eu sei... Brincadeiras a parte, isso poderia me meter em um monte de problemas... Eu lhe devo uma...

- Quem tem uma o quê?! - Gotalin se levantou alterado.

O agarramos pelos braços e o voltamos a sentar em sua cadeira. Dick pôs um cigarro em sua boca, o acendeu e, por fim, o acalmamos. Enquanto isso, mais e mais gente ia chegando no bar, em pouco tempo, o lugar estava cheio. Quase todas as mesas ficaram ocupadas e Ernest chamou suas garçonetes, que começaram a servir bebidas aos clientes: cervejas, coquetéis, vodca. Notei que, ultimamente, havia muitos rostos novos na cidade, na maioria jovens, alguns bem estranhos, otários metidos a punks, usando cachecóis compridos e coloridos, que chegavam a arrastar no chão. Lhes indiquei a Dick.

- O que eles querem aqui?!

- Tem um monte de construções começando por aqui. Significa trabalho. O Instituto mesmo vai levantar uns três prédios novos. Além disso, estão planejam fechar toda a Zona com um muro, desde o cemitério até a antiga granja. Estão para acabar os bons tempos para os stalkers.

- Quanto é que foram os “bons tempos” para os stalkers?! - eu lhe respondi.

Mas na verdade, pensei comigo mesmo: “Caramba, que maldita ideia é essa?! Ao que parece não vou mais poder tirar uma grana extra. Mas, talvez, seja melhor assim. Menos tentações. Irei a Zona apenas durante o dia, como um trabalhador honesto. Não vou ganhar o mesmo, é claro, mas será bem mais seguro. A cabine, os trajes protetores e tudo mais... Além de não precisar se preocupar com as patrulhas. Posso viver com o salário, e me embebedar com as bonificações especiais.” Mas então, me senti realmente triste. Outra vez teria que ficar juntando trocados. Ter que deixar de comprar isso para poder comprar aquilo. Teria que economizar para comprar para Guta mesmo as roupas mais baratas, deixar de ir a bares, me limitar aos cinemas mais baratos. As perspectivas não eram boas. Os dias se

mostravam cinzas, as tardes também, e as noites...

Enquanto eu me perdia em meus pensamentos, Dick ficava zumbido nos meus ouvidos:

- Ontem a noite, no hotel, eu fui ao bar tomar algo antes de dormir. Havia ali uns tipos novos. Não gostei nada do aspecto que tinham. Um deles chegou até onde eu estava e puxou uma conversa cheia de rodeios, falando como se me conhecesse, como se soubesse o que eu faço, onde trabalho, e sugerindo que me pagaria muito bem por alguns serviços...

- Era só um delator. - eu comentei.

Aquilo não me interessava em nada. Já havia tido minha cota de espias, e estava farto de suas propostas de trabalho.

- Não, Red, não era isso. Me escuta. Eu segui lhe dando corda por um tempinho, com bastante cuidado, é claro. Ele tinha interesse em certas coisas da Zona, coisas grandes. As baterias, o “mata-moscas”, a “água negra” e outras babaquices do gênero, nenhuma destas coisas lhes interessavam... Mas, pelo que entendi, ele me sugeriu no que estava querendo...

- E o que era?

- Geleia de bruxa, pelo que ele me deu a entender. - respondeu Dick, me encarando de uma forma estranha.

- Ah, sim, claro, eles querem geleia de bruxa?! Já que estamos nisso, será que não gostariam também de um “queimador da morte” [\[10\]](#)?

- Foi o mesmo que pensei.

- E?

- Acredita que eles disseram que também o queriam.

- Ah, sério?! - eu respondi. – Bem, que vão eles mesmo buscar. É fácil, em um piscar de olhos. Há porões cheios de geleia de bruxa. Peguem um balde, uma pá e recolham tanta quanto quiserem... Isto é suicídio.

Dick não respondeu, apenas ficou me olhando, sem expressão alguma. O que diabos ele estava pensando? Não estava com ideia de me passar um serviço destes né? Foi neste momento que eu saquei.

- Espera um pouco – eu lhe questionei. – Quem era esse tipo? Nem mesmo no Instituto se arriscam a estudar a Geleia.

- Exatamente – replicou Dick, falando lentamente e sem deixar de me encarar. – São nas investigações que está o verdadeiro perigo para a humanidade. Agora você consegue entender quem eram?

Não, eu não entendia nada, mas arrisquei:

- Está dizendo que eram “Visitantes”?

Ele riu, me deu um aperto de mão e disse:

- Por que não toma mais um trago?! Por sua mentalidade pobre e simplória!

- Por mim, tudo bem! - mas fiquei realmente aborrecido, então, aquele filho da puta me via como um idiota? - Hei, Gutalin – eu o chamei. – Gutalin! Acorda! Vamos beber!

Porém, Gutalin dormia profundamente. Sua face negra jazia sobre a mesa, suas mãos pendiam e chegavam até o chão. Dick e eu tivemos que tomar um gole sem sua companhia.

- Agora está bem melhor! – exclamei depois de beber. – Não sei se sou uma alma simples ou complicada, mas vou te dizer o que você pode fazer com estes tipos aí. Sabe bem o quanto gosto da polícia, mas, mesmo assim, eu os denunciaria.

- Sim, claro. Depois a polícia lhe perguntaria o porquê destes tipos terem ido falar com você e não com nenhum outro. E então?

- Não importa – recuei, sacudindo a cabeça. – Você, seu gorducho idiota, está nesta cidade só a três anos, nunca foi a Zona e não viu a geleia de bruxa mais do que no cinema. Deveria vê-la na vida real, e ver o que ela faz com as pessoas. É algo assombroso, não se deve tirá-la da Zona. Você sabe muito bem que os stalkers são tipos corajosos, que não querem nada mais do que grana e mais grana, mas nem mesmo o finado Pegajoso se arriscaria a aceitar um trabalho destes. Tampouco aceitaria isso o Corvo Burbridge. Prefiro nem pensar que tipo de pessoa quereria essa coisa maldita e nem para quê.

- Bem... Você tem razão - respondeu Dick. – Mas vou te dizer uma coisa: eu odiaria que, numa bela manhã, me encontrassem na cama, após cometer “suicídio”. Não sou um stalker, mas apenas uma pessoa prática, a qual gosta de viver. Tenho feito “isso” já a um bom tempo, e estou acostumado com a rotina.

- Senhor Noonan! - gritou Ernest deste o balcão. – Telefone!

- Que inferno! - exclamou Dick, irritado. – Deve ser outra vez o Controlador de Encomendas. Eles sempre me encontram... Com licença, Red.

Ele se levantou e foi atender o telefone, enquanto eu fiquei ali com Gutalin e a garrafa. Visto que Gutalin não esboçava nenhuma reação, ataquei a garrafa por minha própria conta.

Maldita Zona, parece impossível escapar dela. Fosse aonde fosse, falasse com quem falasse, sempre a Zona, sempre a Zona... Para Kirill era fácil falar da paz e da harmonia mundial que a Zona nos traria. Kirill era uma pessoa boa, nem um pouco idiota (muito pelo contrário, era inteligente até demais), mas não sabe nada da vida no mundo real. Nem sequer imagina o tipo de escória são os bandidos que perambulam pela Zona. E agora ainda há alguém querendo meter a mão na geleia de bruxa... Gutalin é considerado o bêbado lunático da região, mas, se pensar bem, ele não está tão errado. Talvez deveríamos deixar ao diabo estas coisas do diabo e não tocá-las...

Um daqueles jovens de cachecol colorido veio até a mesa e sentou-se na cadeira deixada vazia por Dick.

- Senhor Schuhart?

- Sim, o que foi?

- Meu nome é Creonte e sou de Malta.

- Ah, tá... Como vão as coisas em Malta?

- Acho que as coisas estão bem em Malta, mas não é disto que eu gostaria de conversar. Ernest me disse para falar com você...

“Ah ha”, pensei comigo mesmo, “esse Ernest é um filho da puta, não há nem sequer uma gota de piedade nele. Olhe só para este garoto: bronzeado, limpo e bonito; que ainda não deve nem saber o que é acariciar e beijar uma mulher... Mas Ernest nem se importa com isso, a única coisa que quer é mandar o máximo de gente para a Zona, já que só um de cada três consegue sair de lá com algo de valor, que é o que traz dinheiro para ele.”

- E como anda o velho Ernest? - perguntei. Ele olhou na direção do balcão e me respondeu:

- Parece bem, na verdade, eu gostaria de estar no lugar dele...

- Eu não gostaria... Hei, quer tomar um gole?

- Obrigado, mas não bebo.

- Quer um cigarro então?

- Desculpe, mas também não fumo.

- Que maldição. Então para que diabos quer a grana?! - Ele ficou imediatamente vermelho e deixou de sorrir.

- Talvez eu tenha meus motivos... - ele disse em voz baixa. – Não acha, senhor Schuhart?

- É, você tem toda a razão do mundo.

Servi-me mais uma dose. Minha cabeça já estava doendo, e senti aquele agradável amortecimento por todo o corpo. A Zona parecia ter me liberado completamente.

- Neste momento estou completamente bêbado – revelei. – Estou comemorando como pode ver. Entrei na Zona, sai vivo e ainda ganhei dinheiro. Isto não acontece sempre, sair vivo... E com dinheiro, menos ainda. Então, eu prefiro deixar qualquer conversa séria para mais tarde.

Ele se levantou rápido, pedindo desculpas. Foi quando vi que Dick já havia voltado. Estava em pé, ao lado de sua cadeira. Pela cara que vazia, eu me dei conta de que lhe passara algo ruim.

- O que foi? Perdeu seus vazios mais uma vez?

- Sim, - ele respondeu – outra vez...

Ele se sentou, tomou um trago e voltou a encher nossos copos. Entendi que o problema não tinha nada a ver com mercadorias perdidas. Na verdade ele não dava a mínima para aquelas encomendas; era realmente um empregado exemplar!

- Vamos beber, Red! - ele disse e, sem esperar, simplesmente virou seu copo em um só gole e se serviu outra dose. – Sabia que Kirill Panov morreu?

Eu estava tão chapado que não havia entendido direito. Só que alguém havia morrido, mas e daí.

- Bem, bebamos pelo defunto.

Ele me encarou com os olhos arregalados. Foi então que senti como se algo dentro de mim houvesse quebrado. Lembro-me de ter levantado e me apoiado na mesa para olhá-lo melhor.

- Kirill!?

Veio diante de meus olhos a imagem daquela “teia de aranha”, e ouvi o estalar de quanto ela se rompeu. Através daquele misterioso estalo ouvi a voz de Dick, como se estivesse vindo de outro cômodo.

- Foi um ataque cardíaco. O encontraram no chuveiro, nu. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu. Perguntaram como você estava, e lhes disse que parecia perfeitamente bem.

- O que eles querem saber? Isto é a Zona!

- Acalme-se. Sente-se e beba algo.

- É a Zona! - repeti, sem conseguir deixar de falar isto. – A Zona, a Zona...

Não conseguia ver mais nada ao meu redor, apenas aquela “teia de aranha”. Todo o bar parecia envolvido nela, e quando as pessoas se moviam, ela estalava suavemente. O garoto de Malta estava de pé bem no meio dela, com cara de surpreso. Não entendia nada do que estava ocorrendo.

- Hei, garoto, – lhe falei amavelmente – de quanto precisa? Mil é o suficiente? Toma, aqui tem mil... Toma! - Lhe empurrei o dinheiro em alguns bolos e comecei a gritar: - E vá dizer a Ernest que ele é um filho da puta, um monte de bosta! Não tenha medo, lhe diga! E acima de tudo é um covarde! Diga isso a ele, e depois vá para a estação e suma de volta para Malta! Não pare em lugar algum! - não sei ao certo o que mais gritei, mas lembro que, quanto voltei a

mim, estava de frente para o balcão, onde Ernest me deu um copo de soda.

- Parece que está cheio de dinheiro - ele me disse.
- É, tenho um pouco...
- Então, por que não me empresta algum? Amanhã tenho que pagar os impostos.

Naquele momento eu me dei conta que estava segurando um punhado de notas na mão.

- Então, ele não aceitou... - disse comigo mesmo, olhando para as notas. – Creonte de Malta é um jovem orgulhoso, pelo que parece. Bem, eu não tenho mais nada a ver com isso. Tudo está nas mãos do destino agora.

- O que aconteceu? - me perguntou o meu “amigo” Ernest. – Bebeu demais é?
- Não, eu estou bem – respondi. – Estou “perfeitamente bem”. Só precisando de um banho.
- Por que não vai para casa? Você já bebeu demais por hoje.
- Kirill morreu... - eu lhe disse.
- O que?! Kirill? O perneta?

- Mais perneta vai ser você, filho da puta! Nem mesmo com mil de você se faria um só homem como Kirill. Rato, maldito, depravado, filho da puta! Comprando e vendendo morte, é isso que você faz! Nos comprou a todos com seu dinheiro maldito. Gostaria se eu lhe quebrasse todo este lugar?!

Bem na hora em que estava me preparando para lhe dar o soco que merecia, alguém me pegou e me levou para o outro lado. Eu já não entendia nada, e nem queria entender. Gritei, me contorci, distribuía chutes aleatoriamente. Quanto voltei ao juízo, estava no banheiro, todo encharcado de suor, em um estado miserável. Mal me reconheci ao olhar no espelho. Minha bochecha estava se contraindo, coisa que nunca havia acontecido comigo. Do lado de fora, vinham ruídos de briga, pratos sendo quebrados, mulheres gritando e os urros de Gutalin, mais assustadores que os de um urso:

- Arrependam-se, seus vermes parasitas! Onde está o Red! O que fizeram com ele, servos do demônio?!

Logo, ouvi também as sirenes da polícia. Quanto as ouvi, minha mente se aclarou como um cristal. Lembrei-me de tudo, soube tudo, compreendi tudo. Em minha alma não restava nada além de um ódio frio. “Muito bem!”, eu pensei, “lhe darei uma festa, vou lhe mostrar como um stalker faz, seu grande sanguessuga!” Tirei um “pó de mico” [11] que carregava no bolso pequeno. Nunca o havia usado antes, era novinho em folha. O apertei algumas vezes para “ativá-lo”, abri a porta que dava para o bar e o joguei suavemente numa das lixeiras. Depois, abri uma das janelas que davam para a rua e sai por ela. Até gostaria de ter ficado ali e ver o que aconteceria, mas tinha que sair dali o quanto antes. Este “pó de mico” me causa

verdadeiras hemorragias no nariz.

Enquanto saia pelos fundos, ouvi que meu “pó de mico” estava funcionando perfeitamente. Inicialmente, todos os cães da vizinhança começaram a uivar e latir, os cães sentem estas coisas antes que os humanos, pouco depois, alguém que estava no bar começou a gritar tão alto que meus ouvidos doeram, mesmo a distância que eu estava. Não me era difícil imaginar a multidão enlouquecendo lá dentro: alguns, provavelmente, desmaiaram, outros saíram correndo e muitos se entregariam ao pânico. Esse “pó de mico” é algo realmente terrível. Vai demorar um bom tempo até que Ernest consiga voltar a encher este lugar. Não será difícil para ele adivinhar que isto foi obra minha, mas não me importo. Acabou, Red, o stalker, simplesmente não existe mais. Estou de saco cheio. Basta de arriscar a minha vida e ainda ensinar outros idiotas a arriscarem a deles. Kirill, camarada, meu velho amigo, você estava errado... Desculpe-me, mas estava errado. É Gutalin quem está certo. Isto não é lugar para seres humanos. A Zona é maldita.

Pulei o muro e tomei o caminho de casa. Estava mordendo os lábios, queria chorar, mas não podia. Tudo o que eu sentia era o vazio e a tristeza. Kirill, meu amigo, meu único amigo... Como eu deixei isso acontecer? O que vou fazer sem você? Você me fazia ter perspectivas maravilhosas de um mundo novo e melhorado. E agora, o quê?! Lá, na distante Rússia, alguém chorará por você, mas eu, aqui, não posso. E é tudo minha culpa. Minha culpa, e de mais ninguém, porque eu sou um inútil! Como eu pude deixar você entrar na Garagem antes de esperar seus olhos se acostumarem com a penumbra do lugar?!

Eu sempre segui minha vida como um lobo solitário, sem se preocupar com ninguém além de mim mesmo. Então, eu decidi me tornar seu benfeitor, lhe dar uma força, lhe fazer um pequeno favor. Por que diabos eu fui lhe falar deste vazio?! Cada vez que pensava nisso, sentia uma dor no peito e vontade de gritar. Talvez eu até o tenha feito, e por isso as pessoas na rua estavam me evitando. Mas, de repente, as coisas pareceram melhorar: Guta estava vindo em minha direção. Vinha para mim, minha preciosa, minha querida, caminhando com seus pezinhos graciosos, com a saia balançando por sobre os joelhos. Em cada casa deveria haver pelo menos um par de olhos lhe espiando, mas ela avançava em linha reta, sem se preocupar com ninguém. Foi quanto me dei conta de que ela estava me procurando.

- Oi, Guta. - eu lhe chamei. – Aonde está indo?

Ela contemplou com um só olhar meu rosto quebrado, minha jaqueta encharcada, meus punhos machucados... Mas não disse uma só palavra sobre isso.

- Olá, Red, estava lhe procurando...

- Eu percebi... Vamos para minha casa.

Ela se virou, sem dizer nada. Ela tem um rosto lindo e um pescoço comprido, lembraria um daqueles cavalos de raça, orgulhosos e majestosos, mas submissos a seus donos.

- Não sei, Red... Talvez você não queira mais me ver...

Aquilo me apertou o coração. E agora isso também? Mas respondi tranquilamente:

- Não entendi o que você está querendo dizer, Guta. Desculpe-me, estou um pouco bêbado e não estou pensando direito... Por que você acha que eu não iria mais querer lhe ver?

Eu peguei em sua mão e nós dois começamos a caminhar lentamente para minha casa. Todos os olhos que a estavam espiando se apressaram a se esconder ou a disfarçar. Moro nesta mesma rua a vida inteira, e todos aqui sabem bem quem é Red. Os poucos que não sabem como sou, não demora muito para que o façam, é algo que se percebe de longe.

- Minha mãe quer que eu aborte - ela disse de uma vez. – Eu não quero fazer.

Continuei caminhando e dei vários passos antes de realmente entender o que ela estava dizendo.

- Não quero abortar. Quero ter meu filho, um filho seu. Você pode fazer o que quiser, se quiser fugir... Ir embora para o outro lado do mundo... Eu não vou tentar te deter...

Eu a escutei, percebi que ela estava ficando mais e mais perturbada, enquanto eu seguia cada vez mais atordoado. Isto tudo não fazia sentido. Na minha cabeça, um pensamento estúpido ficava zumbindo: “uma pessoa a mais, uma pessoa a menos..”

- Ela disse que se eu tiver um filho com um stalker, nascerá um monstro... Além de que você é um vagabundo, que eu e a criatura que nascesse não teremos uma família. Que hoje está aqui, livre, mas em breve estará preso de novo. Mas essas coisas não me importam, estou disposta a qualquer coisa. Posso me arrumar sozinha, criarei a criança sozinha e a educarei muito bem. Sim, eu posso me ajeitar sem você também! Mas não pense em voltar, pois eu não lhe deixaria passar nem pela porta.

- Guta, minha querida... Espere um pouco...

Não consegui terminar a frase. O nervosismo idiota crescia dentro de mim, e já estava perceptível.

- Docinho... Por que está me procurando então? Para me afastar de você?

Eu a abracei, estava sorrindo como um débil mental, enquanto ela chorava contra o meu peito.

- O que será de nós, Red? - ela me perguntava em lágrimas. – O que será de nós?

• [1] Optei por manter o termo *stalker*, em vez de tentar uma tradução, apenas por questão estética e pela tradição que se criou em torno do termo.

• [2] Originalmente: “máquina de escrever”.

• [3] No original: “Slimy” (em russo: Слизняк, *Sliznyak*). Os nomes de stalkers foram traduzidos para termos relativos em português, visto que estes se tratavam de pseudônimos (apelidos) e não de seus nomes verdadeiros. O mesmo vale para “Knuckles” (ou Мослатый, *Moslatyj*), traduzido como “Soco” na continuação do parágrafo e para os demais stalkers ao longo da história.

• [4] Denominação dada a um cômodo, ou parte de um cômodo, das antigas casas ricas, usado pelas mulheres para se arrumar, geralmente após o banho e antes de sair de casa. No texto é usado como uma gíria satírica para o local onde os personagens se preparariam para as incursões.

- [5] Originalmente: “gás mostarda”.
- [6] No original: “três milhas”.
- [7] No original: *Mosquito mange* (em russo: комариная плешь, *kamarinaya pliesh*). Parece ser a anomalia chamada nos jogos de *Springboard* (“Trampolim”). Mais adiante, o texto diz que este seria apenas um nome popular que os stalkers dariam a anomalia chamada pelos cientistas de *graviconcentrate* (olhar nota de rodapé nº 9).
- [8] No original: *Hänsel und Gretel*, título original do conto que, no Brasil, se conhece por “João e Maria”.
- [9] No original: *Graviconcentrate* (em russo: гравиконцентрат, *gravikontsentrát*). Uma das anomalias tem este nome na versão em russo dos jogos, a qual é chamada “vortex” (“vórtice”) nas traduções ocidentais.
- [10] No original: *Death lamps* (ou, em russo, смерть-лампа, *smert-lampa*); literalmente “lâmpadas da morte”.
- [11] No original: *Itcher* (ou, em russo, Зуду, *Zudu*), que significada literalmente “coceira” ou “coçador”. Este caso, foi baseado na tradução em espanhol do livro, que usa o termo *picapica*, que equivale ao português “pó de mico”; um pó que em contato com a pele e mucosas causa irritação e coceira, embora, no contexto da história, ele se refira a algum tipo de material (artefato) oriundo na Zona.

2. REDRICK SCHUHART, 28 ANOS, CASADO, DESEMPREGADO.

Redrick Schuhart, agachado por detrás de uma lápide, observava a um soldado por entre os ramos de um freixo cinza. Desde o carro, os holofotes escaneavam o antigo cemitério. De vez em quando, a luz batia-lhe nos olhos, fazendo-o fechá-los e prender a respiração.

Estava parado ali a quase duas horas, sem sair do lugar. A patrulha seguía estacionada no mesmo ponto, com o motor ainda funcionando, revisando com seus três refletores as sepulturas abandonadas, as cruzes tortas e enferrujadas, os arbustos sem podar, já crescidos bem além do que deveriam, e a parte mais alta do muro de três metros de altura, que terminava ali, logo a esquerda. As patrulhas do Cordão tinham medo da Zona. Eles nem mesmo desciam de seus carros. Próximo ao cemitério então, o medo era tamanho que eles nem se atreviam a disparar. Redrick os ouvia falar de vez em quando, bem baixinho; chegou a ver também, algumas vezes, bitucas de cigarro sendo jogadas pela janela do carro, que rolavam pelo chão, espalhando fracas faíscas avermelhadas. Havia chovido a pouco tempo e tudo estava encharcado, e, mesmo com um macacão impermeável, Redrick sentia o frio e a umidade.

Redrick soltou o ramo, que segurava para espiar os soldados, com cuidado, virou a cabeça e se pôs a escutar os arredores. A sua esquerda (em um lugar não muito longe, mas, também, não muito perto) parecia haver mais alguém. Ele ouviu mais uma vez o sussurrar de folhas e a terra sendo pisados, e, depois, o cair seco de alguma coisa dura e pesada. Redrick se arrastou para trás, cuidadosamente. A luz de um refletor lhe passou por cima da cabeça, e ele se comprimiu contra a relva molhada, permanecendo imóvel como uma estátua; apenas após alguns instantes continuou a se arrastar até que, entre as cruzes, lhe surgiu o que parecia o vulto de um homem vestido de preto. Estava sentado, imóvel, junto a uma das sepulturas. Estava apoiado firmemente em um obelisco de mármore e voltado para Redrick, sua face pálida com olhos negros afundados na face. Ele não o havia visto com muita nitidez, pois fora apenas por um segundo, mas era como se tivesse todos estes detalhes já guardados na memória.

Redrick se arrastou mais alguns metros e procurou o cantil que trazia na jaqueta. O pegou e levou até a boca e por um tempo ficou ali, agarrado ao cantil, apenas escutando. Depois, olhou ao redor. Havia uma abertura numa parede próxima, e ali estava Burbridge, com um buraco de bala em seu traje de cor cinza chumbo. Ainda estava ali, deitado de costas, puxando a gola do casaco com as duas mãos por sobre a face, para abafar seus gemidos de dor. Redrick sentou-se ao seu lado, desenroscou a tampa de seu cantil, levantou cuidadosamente a cabeça de seu companheiro; sentindo com sua mão a nuca quente, suada e pegajosa; e levou o cantil até os lábios dele. Estava escuro, mas a débil iluminação que remanesceu sobre aquele local dos holofotes lhe permitia ver os olhos dilatados e vitrificados de Burbridge e a escura e rala barba que lhe cobria as faces. Burbridge bebeu rapidamente

vários tragos, e, em seguida, estendeu uma das mãos para apalpar o saco onde carregava o que haviam pego.

- Você voltou... Red... Bom, camarada... Não é capaz de deixar um velho para morrer, não é mesmo...

Redrick virou a cabeça para trás e tomou um longo trago do cantil.

- Ainda estão ali. É como se estivessem obcecados com essa rua...

- Isto não é coincidência... Alguém nos dedurou... Estavam nos esperando...

Ele falava com grande dificuldade, e de uma só vez.

- Pode ser. - comentou Redrick. – Quer outro trago?

- Não. Agora não. Não me abandone aqui... Se não me abandonar, eu não morrerei, você não se arrependerá... Você não vai me abandonar, não é Red?!

Redrick não respondeu, estava olhando para a rua, na direção que vinha a luz. Dali conseguia ver o obelisco de mármore, mas não conseguia ver se “aquilo” continuava sentado ali ou não.

- Me escuta, Red, não estou falando bobagens. Você não se arrependerá. Sabe por que o Burbridge aqui continua vivo? Sabe? Bob, o Gorila, se arreentou. O Faraó e o Banqueiro, bateram as botas; que stalkers eles eram, e mesmo assim morreram. O Pegajoso também. Assim como Norman Quatro-Olhos, o Hooligan, e Pedro, o Sarnento. De todos eles, eu sou o único que continua vivo. Sabe o por quê?

- Você sempre foi um rato miserável – Red respondeu, sem tirar os olhos da estrada. – Um verdadeiro e grandíssimo filho da puta.

- É sou um rato mesmo. Mas neste lugar, se você não for um, não sobrevive por muito tempo. Mas, todos eles também eram. O Faraó, o Pegajoso... Todos eram ratos. Mas, eu sou o único que continua vivo. Você sabe o por quê?

- Sim, eu sei. - Red replicou, para acabar com a conversa.

- Está mentindo... Você não sabe nada... Já ouviu falar da Esfera Dourada?

- Já.

- Você acha que é um mito, um conto de fadas, não é?

- É melhor se calar. Poupe suas forças.

- Eu estou bem... Você me tirará daqui... Nós viemos a Zona juntos tantas vezes... Você seria capaz de me abandonar? Eu te conheci quando... Ainda era um menino... Seu pai...

Redrick não respondeu. Daria qualquer coisa para fumar um cigarro. Pegou um, o abriu, espalhando o tabaco entre as mãos e o cheirou. Mas aquilo não era o bastante, não lhe serviu de nada.

- Você tem que me tirar daqui - Burbridge continuava. – Eu me queimei por sua causa. Foi você que não quis trazer o Maltês.

Creonte, o Maltês queria ter ido com eles. Havia insistido o dia todo, pedia apenas uma pequena porcentagem, prometendo que conseguiria trajes especiais. Burbridge, sentado do lado dele, acenava para Red com sua mão, como se estivesse lhe dizendo: “Vamos levá-lo, não nos fará mal algum”. Talvez tenha sido por isso que Red o recusou.

- Isto lhe aconteceu por você ser ganancioso. - disse Red, friamente. – Não tenho nada a ver com isso. Será melhor que você se cale.

Por alguns instantes, Burbridge se limitou a gemer; voltando as mãos à gola de seu casaco e pondo a cabeça para trás.

- Pode ficar com tudo o que pegamos! - murmurou. – Mas não me abandone aqui.

Redrick olhou para o relógio, faltava pouco para o amanhecer e os patrulheiros não iam embora. Os holofotes continuavam buscando entre os arbustos, e um dos patrulheiros estava bem perto de onde eles haviam camuflado o jipe, o encontrariam a qualquer momento.

- A Esfera Dourada – insistiu Burbridge. – Eu a achei. Contavam tantas histórias sobre ela. Eu mesmo inventei algumas. Que era capaz de conceder qualquer desejo... Ah, qualquer desejo! Se isto fosse verdade eu não estaria aqui. Estaria em algum lugar chique da Europa, nadando em dinheiro.

Redrick baixou os olhos para ele. Diante daquela iluminação precária, o rosto de Burbridge parecia com o de um morto, mas seus olhos vitrificados encaravam continuamente a Redrick.

- Juventude eterna, para que diabos a iria querer. Grana, que isto também vá para o inferno. Mas consegui boa saúde, bons filhos e estou vivo! Você não é nem sequer capaz de pensar nas situações em que já estive. Mas, ainda estou vivo...

Ele lambeu os lábios e continuou:

- Somente pedi uma coisa: seguir vivo e com saúde; e os meus filhos...

- Você quer ficar quieto?! - lhe interrompeu Redrick. – Está parecendo uma mulherzinha. Se puder, eu te tiro daqui. E sobre Dina, sinto muito, mas ela já ficou bem popular nas ruas...

- Dina?! - sussurrou asperamente o velho. – Minha pequena preciosa... Ela ficou muito mimada, Red. Nunca lhe neguei nada, e por isso ela acabou se perdendo... mas, Artie, o meu Arthur. Você já o viu, Red? Alguma vez já viu um garoto como ele?

- Já lhe disse: se puder, te salvo.

- Não – replicou teimosamente Burbridge. – Me tirará daqui seja como for. A Esfera Dourada; quer que eu lhe diga onde ela está?

- Diga.

Burbridge gemeu e tentou mover o corpo.

- Minhas pernas... Olhe como elas estão!

Redrick estendeu uma das mãos e a deslizou pela perna, abaixo do joelho.

- Os ossos... - gemeu o ferido. – Os ossos ainda estão aí?

- Sim, tem ossos aqui. Pare de se afligir.

- Está mentindo! Por que você mente para mim?! Acha que eu não sei, que nunca vi uma coisa destas acontecer?!

Na verdade, apenas se sentia as pernas até a rótula, abaixo dela, até os pés, estavam como borracha, poderia até se dar um nó nelas.

- Os joelhos estão inteiros... - respondeu Red.

- Tenho certeza que você está mentindo. – disse Burbridge tristemente. – Mas, bem, você só precisa é me tirar daqui, mais nada, e então lhe darei tudo. A Esfera Dourada; lhe desenharei um mapa, indicando todas as armadilhas. Contarei tudo.

Burbridge prometia muitas coisas, mas Redrick não estava prestando atenção. Estava preocupado com a estrada. Os refletores já não vasculhavam as moitas, estavam parados. Todos se fixaram naquele obelisco. Na neblina, que assumia tons azulados com aquele brilho, Redrick reparou que o vulto negro e recurvado passeava por entre as lápides; parecia caminhar cegamente, na direção da luz. Redrick o viu esbarrar em uma grande cruz, cambalear, voltar a esbarrar contra a mesma cruz e, finalmente, contorná-la para poder continuar com sua marcha, mantendo os braços estendidos para frente e os dedos esticados e abertos. De repente ele desapareceu, como se houvesse sido tragado pela terra, para depois reaparecer, à direita e um pouco mais longe. Aquilo caminhava com uma persistência inumana e peculiar, parecendo até um daqueles brinquedos em que se dá corda. Depois disso, os holofotes se apagaram. Se ouviu o ranger da transmissão e o ronco de motor, e logo brilhou na mata as sirenes azul e vermelha. A patrulha fugiu em disparada, acelerando ferozmente rumo a cidade e desaparecendo para trás dos muros.

- Eles foram embora. - murmurou Burbridge, febril. – Red, vamos, rápido. - Ele girou sobre si mesmo, buscando sua bolsa e tentou se levantar. - Vamos! O que está esperando?!

Redrick continuava olhando para a estrada. Estava escura e não se conseguia ver nada, mas “aquilo” continuava vagando por ali, com certeza, como se fosse um robô, tropeçando, caindo, esbarrando contra os túmulos ou se ocultando nos matagais.

- Bem, – disse Red em voz alta. – vamos embora.

Ele levantou a Burbridge, que se agarrou em torno de seu pescoço com o braço esquerdo. Redrick se viu impossibilitado de se levantar, seguindo de quatro, levando-o sobre as costas. Atravessou o buraco na parede e se agarrou na relva molhada com as mãos.

- Vamos, vamos! - sussurrava Burbridge asperamente. – Não se preocupe, estou com a bolsa e não vou soltá-la. Anda logo!

O caminho lhe era conhecido, mas a relva molhada o tornava escorregadio e os galhos dos freixos lhe acertavam o rosto, além daquele velho robusto, que lhe era insuportavelmente pesado, como um cadáver em suas costas. A bolsa com o saque ficava fazendo barulho e parecia enganchar em tudo o que surgia no caminho. Red ainda estava temeroso de encontrar-se com “aquilo”, que poderia estar em qualquer lugar no meio daquela escuridão.

Quando chegaram na estrada, ainda estava escuro, mas já se podia perceber o alvorecer. Nos arvoredos, do outro lado da pista, alguns passarinhos já começavam a cantar, inseguros e sonolentos, e a penumbra noturna começava a tomar alguns tons azulados por sobre as casas negras dos subúrbios distantes. Daquela direção vinha uma brisa fria e úmida. Redrick deixou Burbridge no encostamento da estrada e cruzou o asfalto sozinho, até onde estava o jipe. Não demorou muito para achá-lo e remover os ganhos que lhe cobriam os parabrisas e a capota. O conduziu de volta à estrada sem acender os faróis, e ali estava Burbridge, segurando sua bolsa com uma das mãos e verificando suas pernas com a outra.

- Se apresse! Vamos, rápido! Os meus joelhos, eu ainda tenho os meus joelhos! Se, pelo menos, eu conseguir salvar os joelhos...

Redrick o pegou e o levantou por sobre os ombros, colocando-o no banco de trás do carro. Burbridge despencou ali com um grunhido de dor, mas sem soltar a bolsa. Redrick pegou seu casaco de listras cinzas e o cobriu com ele. O velho conseguiu manter-se firme com a sacola.

Red pegou uma lanterna, e voltou para revisar o caminho que fizeram, verificando se não haviam deixado vestígios. Não haviam, pelo menos não muitos. O jipe havia esmagado a grama alta ao cair para a rua, mas o mato voltaria a se erguer em umas tantas horas. Havia muitas bitucas de cigarro em volta do lugar onde, a pouco tempo, a patrulha estava parada. Ao vê-las, Redrick, voltou a ter vontade de fumar. Acendeu um cigarro, ainda que o que mais desejasse era sair dali o mais rápido possível. Mas não podia fazê-lo. Tudo tinha de ser feito devagar e com cuidado.

- O que está fazendo? - Burbridge gemeu do carro. – Você ainda não derramou a água, as coisas de pesca estão secas... O que está esperando?! Vamos esconda logo o que pegamos!

- Cale-se e não me encha o saco! Vamos pelos subúrbios ao sul...

- O quê?! Subúrbios?! Ficou louco!? Vou perder meus joelhos, filho da puta! Meus joelhos!

Redrick deu uma última tragada e guardou a bituca na caixa de fósforos.

- Não seja idiota, Corvo. Não podemos ir direto pela cidade. Há bloqueios em três ruas. Nos parariam, pelo menos, em um deles.

- E daí?!

- Se virem suas pernas, vão sacar e tudo acaba para nós dois.

- O que tem minhas pernas? Estávamos pescando e acabei me machuquei, isto é tudo.

- E se apalparem?

- Que apalpem, gritarei tão alto que nunca mais em suas vidas voltaram a pôr as mãos em outra perna.

Mas Redrick já estava decidido. Levantou o acento do motorista, com a lanterna acesa, abriu um compartimento escondido e disse:

- Vamos ver, me dê isto aqui.

O tanque de combustível sob o acento era falso. Redrick pegou a bolsa e a colocou ali, prestando atenção no tilintar que se ouvia a partir dela.

- Não quero correr nenhum risco - murmurou. – Não posso ter esse luxo.

Voltou a tampar o tanque falso, o cobriu com algumas tralhas e trapos e recolocou o banco sobre ele. Brubridge continuava a gemer e grunhir, pedindo que se apressasse e lhe prometendo a Esfera Dourada. Mexendo-se no banco de trás, ele olhava preocupado para os raios de sol, cada vez mais intensos no horizonte. Redrick não lhe dava atenção, abriu o saco plástico cheio de água, que continha um peixe, derramou a água por sobre os aparatos de pesca e colocou o peixe, que ainda se debatia, dentro da cesta de pesca. Dobrou o saco plástico e o enviou no bolso. Agora estava tudo certo: dois pescadores que voltavam de uma pescaria não muito proveitosa. Se acomodou junto ao volante e ligou o motor.

Ele avançou sem acender os faróis. Pela esquerda se estendia aquele muro de três metros de altura, que cercava a Zona, enquanto que a direita, de vez em quando, aparecia alguma cabana abandonada, com as janelas pregadas e a pintura desbotada. Redrick enxergava bem no escuro, apesar que já não estava tão escuro; além disso, ele conhecia bem aquele caminho. Então, quanto viu aquele vulto encurvado à frente do carro, se arrastando pesadamente, nem mesmo diminuiu a velocidade, se curvou por sobre o volante e seguiu. “Aquilo” caminhava no meio da rua, como faziam todos os de sua “espécie”, indo na direção da cidade. Redrick desviou dele pela esquerda e acelerou.

- Santa mãe! - murmurou Burbridge na traseira. – Red, você viu aquilo?

- Sim.

- Meu Deus! Era só o que nos faltava!

Naquele momento, Burbridge começou a rezar em voz alta.

- Cale-se! - gritou Redrick

A curva já deveria estar por ali, bem perto. Redrick diminuiu a marcha. Buscava, por entre a fileira de casas decadentes e cercas que se estendiam a sua direita, a velha cabana do transformador elétrico, o poste com a placa de segurança e a ponte apodrecida sobre a vala de esgoto. Redrick girou o volante e o carro virou bruscamente.

- Aonde está indo?! - grunhiu Burbridge – Vai me fazer perder as pernas, seu filho da puta!

Redrick se voltou rapidamente para ele, apenas o suficiente para lhe acertar uma bofetada em sua face barbuda. Burbridge balbuciou um pouco, mas preferiu manter-se em silêncio. O carro sacudia muito e as rodas derrapavam na lama fresca, deixada pela chuva da noite passada. Redrick acendeu os faróis, as luzes brancas e desinquietas iluminaram velhas trilhas tomadas pela chuva e grandes poças de lama, margeadas por cercas apodrecidas e tortas. Burbridge chorava, soluçava e fungava. Já não prometia mais nada, apenas se queixava e ameaçava, mas em voz baixa e pouco compreensível. Tudo que se podia escutar eram umas poucas palavras soltas, algo sobre suas penas, joelhos e seu querido Artie. Depois de um pouco, se calou por completo.

Aquela vila se estendia ao longo do lado oeste da cidade. Antigamente haviam ali casas de veraneio, jardins, pomares e mansões pertencentes aos políticos da cidade e seus moradores mais prósperos. Campos verdejantes e agradáveis, com pequenos lagos de águas límpidas e praias de areia fina, bosques de bétulas e represas cheias de carpas. O mau cheiro e a poluição não haviam chegado a este verdejante local, assim como o sistema de esgoto da cidade. Mas agora, tudo estava abandonado. Apenas uma das casas pelas quais passaram ainda parecia estar habitada, em uma das janelas se via uma luz amarelada através das cortinas fechadas, haviam algumas roupas no varal, encharcadas pela chuva, e um cachorro enorme se lançou furiosamente na direção deles, perseguindo o jipe por alguns metros através da lama.

Redrick dirigiu com cuidado por cima de uma velha e desgastada ponte. Quando se aproximou do acesso para a Rodovia do Oeste, parou o carro e desligou o motor. Ele desceu do carro e começou a caminhar pela rua, sem olhar para Burbridge, com as mãos nos bolsos do casaco molhado. O dia já havia clareado, mas tudo ao seu redor continuava úmido, quieto e sonolento. Ele observava a estrada, por entre os arbustos do acostamento. Dali, podia se ver claramente o posto policial: um pequeno trailer com três janelas iluminadas. A patrulha estava estacionada ao seu lado. Redrick ficou olhando por alguns minutos; não se via qualquer atividade, talvez os vigilantes haviam sentido frio ou cansaço durante a noite e estavam se esquentando no interior do trailer, cochilando com os cigarros dependurados em seus lábios. “Que esforçados”, Redrick comentou suavemente. Buscou o soco-ínglês que tinha no bolso, deslizando os dedos pelos anéis, apertando o bronze frio no punho. Ainda encolhido para se proteger do vento gelado, com as mãos nos bolsos, retornou para o jipe, que estava parado torto entre os arbustos. Aquele era um lugar escondido e silencioso, talvez ninguém houvesse estado ali nos últimos dez anos.

Quando Redrick chegou de volta no veículo, Burbridge o encarou estupefato. Ele parecia ainda mais velho. Enrugado, calvo, sem se barbear e com os dentes desgastados. Se

encararam mutuamente por alguns instantes, até que Burbridge lhe disse claramente:

- O mapa... com todas as armadilhas, todas elas... Você a encontrará; e não se arrependerá.

Redrick o escutou sem se mover. No final, deixou o soco-ínglês no bolso e estalou os dedos.

- Limite-se a ficar ai deitado, como se estivesse inconsciente, entendeu? Gema e não deixe que lhe toquem.

Ele sentou-se novamente no banco do motorista, tomou o volante e religou o jipe. Tudo correu bem, ninguém saiu do trailer para pará-los. Passaram devagar, obedecendo todas as leis de trânsito e fazendo as sinalizações devidas. Depois, Redrick acelerou e foi em direção ao centro da cidade pela rota sul. Era por volta das seis da manhã e as ruas estavam vazias, o asfalto estava molhado e brilhante, completamente negro, os semáforos piscavam sozinhos e inúteis nos cruzamentos. Passaram junto a uma padaria, de janelas grandes e bem iluminadas, sentia-se o agradável aroma de pão recém-assado, quentinho e delicioso.

- Estou morrendo de fome. - falou Redrick, enquanto esticava os músculos adormecidos, apertando as mãos contra o volante.

- O quê!? - respondeu Burbridge, incomodado.

- Disse que estou com fome. Para onde vamos? Para a casa, ou diretamente para o Açougueiro[12]?

- Para o Açougueiro, e rápido - resmungou Burbridge, inclinando-se para frente e lançando seu bafo quente contra a nuca de Redrick. - Direto para a casa dele. Vamos logo! Ele ainda me deve setecentos. Vai acelerar ou não? Está parecendo uma tartaruga.

Impotente e irritado, Burbridge lançou uma série de xingamentos, insultos e reclamações, tentando se livrar de uma crise de tosse. Redrick não falou nada, lhe faltava tempo e forças para tentar tranquilizá-lo, porém, acelerou a toda velocidade. Queria terminar com tudo aquilo o mais rápido possível e ver se conseguiria dormir ao menos por uma hora, antes de ir a uma reunião no "Metrópole". Entrou na rua 17, seguiu por duas quadras e estacionou na frente de um sobrado, de cor cinza.

Foi o próprio Açougueiro quem os atendeu à porta. Acabara de acordar e seguia para o banheiro, vestindo um fino roupão de borlas douradas, levando em um copo sua dentadura. Estava com o cabelo despenteado e grandes e escuras olheiras.

- Ah, olá Red, como está?

- Coloque a dentadura e vamos.

- Está bem...

Ele lhe assinalou a sala de espera com a cabeça e seguiu até o banheiro, correndo com

suas pantufas persas. De dentro do banheiro ele perguntou:

- Com quem aconteceu?
- Burbridge.
- E o que foi?
- As... Pernas...

Redrick escutava água corrente, cuspidas e gargarejos, e alguma coisa que caía e rolara pelo piso de azulejos do banheiro. Ele despencou em cima de uma poltrona, exausto, e acendeu um cigarro. Aquela sala de espera se mostrava muito agradável. O Açougueiro não poupava despesas, era um cirurgião muito competente e reconhecido, muito influente nos círculos médicos, não apenas na cidade, mas também em todo o estado. Não se envolvia com stalkers por dinheiro, mas sim pelos diversos tipos de artefatos tirados da Zona, que ele utilizava em suas pesquisas. Também obtinha novos conhecimentos estudando stalkers que se acidentavam e as diversas enfermidades, ferimentos e traumatismos que o corpo humano poderia sofrer, que, até então, eram desconhecidas. Além de tudo, ganhava fama e reconhecimento como o único médico do planeta especializado em infecções “não humanas”. É claro que, mesmo assim, ele não recusava qualquer dinheiro, e em grande quantidade, menos ainda.

- O que aconteceu com as pernas dele exatamente? - saiu do banheiro com uma toalha em torno do pescoço, usando um dos lados dela para secar delicadamente os dedos.

- Caiu na geleia.

O Açougueiro soltou um sibilo.

- Bem, se acabou para o Corvo. Que pena, era um stalker dos bons.

- Não faz diferença - observou Redrick, recostando-se na poltrona. – Você lhe fará pernas artificiais e com elas ele vai voltar a ir para a Zona.

- É, ele é disso mesmo.

O Açougueiro assumiu uma expressão de profissional dedicado e concluiu:

- Só um momento, irei preparar-me.

Enquanto se vestia, ele deu um telefonema, provavelmente para sua clínica, para que preparassem tudo para a operação. Redrick, porém, permanecia imóvel na poltrona, fumando. Se moveu unicamente para pegar seu cantil, bebeu, de um só gole, apenas o pouco que ainda lhe restava no fundo da garrafa; depois, tratou de não pensar em mais nada, de simplesmente aguardar.

Depois, foram até o carro; Redrick tomou o lugar de motorista, e o Açougueiro se sentou no banco de passageiro ao seu lado. Imediatamente se inclinou para o assento traseiro

e apalpou as pernas de Burbridge. Este, submisso e intimidado, murmurava pateticamente promessas de enchê-lo de grana, mencionando algumas vezes sua falecida esposa e seus filhos, rogando que lhe salvasse ao menos os joelhos.

Quando chegaram a clínica, o Açougueiro estourou em gracejos ao perceber que não havia nenhum enfermeiro lhes esperando na entrada. Ele saltou do veículo antes mesmo dele parar e correu para o interior da clínica. Redrick acendeu outro cigarro. Burbridge, subitamente, começou a falar calma e claramente:

- Você quis me matar... Eu não vou esquecer isso...

- Mas não o matei. - Redrick replicou.

- Não, não me matou... - Burbridge então ficou alguns segundos em silêncio, antes de completar: – Isso eu também não vou esquecer...

- Aham, claro, você não teria tentado me matar – considerou Redrick, virando-se para encará-lo. – Simplesmente me abandonaria ali. Teria me deixado na Zona, levando qualquer coisa de valor que eu tivesse, como fez com o Quatro-Olhos.

Os lábios do velho tremeram nervosamente, até que no final sussurrou:

- O Quatro-Olhos se matou... Sozinho... Eu não tive nada a ver com aquilo...

- Seu bastardo... - retrucou Redrick tranquilamente, lhe virando as costas. – Seu grande filho da puta.

Os enfermeiros, todos sonolentos e com rostos enrugados, saíram correndo da clínica, empurrando uma maca. Redrick, se esticando e bocejando, ainda com o cigarro aceso, apenas assistia enquanto eles, trabalhosamente, tiravam Burbridge do banco traseiro e o colocavam sobre a maca. O velho se mantinha imóvel, com as mãos cruzadas por sobre o peito e o olhar temeroso voltado para o céu. Seus grandes pés, cruelmente corroídos pela geleia, estavam dobrados de uma forma estranha e nem um pouco natural. Era o último dos primeiros stalkers, que haviam começado a buscar tesouros na Zona logo após a Visitação, quando aquele local ainda não era chamado Zona, antes de existirem institutos, muros ou forças da ONU, quando a cidade ainda estava petrificada de medo e o mundo engolia as mentiras inventadas pela mídia. Naquela época, Redrick tinha apenas 10 anos, Burbridge ainda era forte e ágil, gostava de beber as custas dos outros, de brigar, se exibir e seduzir garotas desprevenidas. Não tinha o mínimo interesse por seus próprios filhos, era um verdadeiro canalha, ordinário e desprezível, quanto estava bêbado, espancava sua mulher, fazia isso com prazer e fazendo o máximo de barulho possível, para que todos soubessem o que estava fazendo. E ele continuou espancando-a, até ela morrer.

Redrick deu a volta com o carro e foi para sua casa, não prestou atenção nos semáforos, fez curvas fechadas e alertou com a buzina os poucos pedestres que encontrou no caminho. Estacionou na frente da garagem. Ao sair do veículo, percebeu que o síndico se aproximava dele, a partir do parquinho; ele parecia indisposto, como de costume, seu rosto enrugado e os olhos inchados demonstravam um profundo desgosto, parecia até que não

estava caminhando encima de terra mas sobre esterco líquido.

- Bom dia – disse Redrick educadamente.

O síndico parou a cerca de meio metro dele, apontou com o polegar para trás, por sobre o ombro, e lhe perguntou:

- Isto é obra sua? - sem dúvida aquelas eram as primeiras palavras dele no dia.

- Do que está falando?

- Os balanços. Foi você quem os arrumou?

- Foi.

- E por qual motivo?

Redrick, sem responder, caminhou até a porta da garagem. O síndico o seguiu.

- Perguntei por que consertou os balanços. Quem lhe mandou fazer isso?

- Minha filha. - ele respondeu, tranquilamente, enquanto deslizava a porta para abri-la.

- Não estou lhe perguntando por sua filha – exclamou o outro, aumentando o tom de voz. – Isso é outra coisa. Perguntei quem lhe deu permissão. Quem o deixou como dono do parquinho.

Redrick se voltou para ele e o encarou, olhando fixamente para a ponta de seu nariz, pálido e repleto de pequenas veias. O síndico deu um passo para trás e disse, com uma voz mais contida:

- Além disso, você ainda não pintou o terraço. Quantas vezes tenho que lhe disser que...

- Não me encha o saco. Não estou pensando em me mudar.

Ele voltou a subir no jipe e ligou o motor. Ao tomar o volante, percebeu que seus dedos estavam muito brancos. Ele se inclinou para fora do carro e disse, sem se controlar:

- Mas, se vocês me obrigarem a me mudar, será melhor que rezem, miseráveis...

Ele, então, enfiou o carro na garagem, acendeu a luz e fechou o portão. Depois tirou a sacola do tanque falso, deu uma arrumada no interior do veículo, colocando a sacola em um velho cesto de vime, colocando em cima de tudo os equipamentos de pesca, ainda molhados e cobertos de mato e folhas, e pegou o peixe que Burbridge havia comprado na noite anterior em um mercadinho dos subúrbios. Ao final, voltou a revisar o carro, por puro costume, encontrando uma bituca de cigarro esmagada grudada no lado direito do para-choques traseiro. Ele a pegou, era de uma marca sueca. Depois de pensar alguns instantes, acabou por guardá-la na caixa de fósforos, onde já haviam outras três bitucas.

Não encontrou com ninguém enquanto subia as escadas. Parou na frente de sua porta, que se abriu lentamente, antes mesmo dele ter tempo de pegar suas chaves. Entrou encurvado, carregando o pesado cesto debaixo do braço, enquanto submergia no calor e no odor acolhedor do lar. Guta lhe abraçou e ficou imóvel, com a cabeça apoiada contra seu peito. Redrick sentia o coração de sua esposa batendo acelerado, mesmo através de suas roupas grossas. Ele não a apressou, ficou ali, esperando, pacientemente, até que se acalmasse, mesmo que ali fora onde ele começou a se dar conta do tanto que estava cansado.

- Bem... - ela disse rapidamente, com voz baixa e rouca.

Ela soltou de Redrick e se foi para a cozinha, acendendo a luz ao passar pela entrada.

- Em um minuto lhe prepararei um café. - ela disse do interior da cozinha.

- Trouxe um peixe – ele respondeu, forçando um tom amável e alegre. – Por que não frita ele? Estou morrendo de fome...

Ela voltou, com parte do rosto coberto pelos cabelos soltos. Redrick deixou a cesta no chão e a ajudou a pegar a rede com o peixe e levar para a cozinha, onde colocaram o peixe na pia.

- Vá tomar um banho - disse Guta. – Quanto terminar o peixe já estará pronto.

- Como está Martha [\[13\]](#)? - ele perguntou, enquanto tirava as botas.

- Ficou até tarde falando, demorei muito para fazê-la se deitar. Não parava de perguntar “onde está o papai, onde está o papai”. Ela não pode viver sem o seu papai.

Guta se movia graciosamente pela cozinha, forte e silenciosa. Enquanto ela fazia as escamas voarem do peixe com uma faca, água fervia em uma panela sobre o fogo e manteiga derretia em outra. Pelo ar se espalhava o reenergizante aroma de café recém-preparado.

Redrick caminhou descalço de volta para a sala e recolheu a cesta, para levá-la para a dispensa. Depois, olhou para o quarto, onde Martha dormia tranquilamente, com um cobertor meio caído para fora da cama e usando uma blusa amarrotada. Estava tranquila e acalentada, parecendo um animalzinho dormindo profundamente. Redrick não resistiu e lhe acariciou as costas, sentindo seu corpo quente e dourado, e pela milésima vez ele se espantou de sua pele coberta por aquela pelugem espessa e sedosa. Ele queria levantá-la e pegá-la no colo, mas temia acordá-la, além do mais, ele estava asquerosamente sujo, com cheiro de morte, da Zona. Voltou para a cozinha e se assentou a mesa.

- Me dê uma xícara de café... Vou tomar banho depois.

Sobre a mesa estava a correspondência do dia anterior: “A Gazeta de Harmont”, “Esportes”, “PlayBoy” (só de revistas havia uma verdadeira pilha), e um grosso volume de capas cinzas: “Informes do I.I.C.E.”, número 56. Redrick pegou o bule de café fumegante que Guta lhe trazia e tomou os Informes. Havia marcações, diagramas e gráficos, além de

fotografias daqueles estranhos objetos tão familiares. E outro artigo póstumo de Kirill: “Uma propriedade inesperada da Armadilha Hidromagnética Tipo 77B”. O sobrenome Panov estava destacado em negrito, debaixo, em letras bem pequenas, dizia: “Doutor Kirill A. Panov, Federação Russa[14], tragicamente falecido durante uma expedição em abril...” Redrick jogou o informe para o lado, tomou um gole de café, tão quente que lhe queimara a boca, e perguntou:

- Alguém veio aqui?

Houve um pequeno silêncio, Guta estava em pé em frente ao fogão e olhando para ele.

- Gutalin. - respondeu finalmente. – Estava bêbado e fedendo como um gambá, o ajudei a encontrar a porta.

- E Martha?

- Não queria deixá-lo ir, é claro. Começou a chorar. Eu lhe disse que o tio Gutalin não estava se sentindo muito bem e ela então respondeu: “Gutalin está todo quebrado de novo.”

Redrick riu um pouco e tomou outro gole. Depois perguntou:

- E os vizinhos?

Novamente, Guta guardou um rápido silêncio, antes de responder:

- Como sempre.

- Bem, não precisa me falar.

- Ah! - ela exclamou agitando a mão, demonstrando desgosto. – A mulher de baixo veio bater à porta, ontem à noite. Estava com os olhos arregalados, rangendo os dentes de raiva, por que fizemos barulho no banheiro no meio da noite passada.

- Aquela vaca velha, ninguém merece... - disse Redrick cerrando os dentes. – Olha, não seria melhor nos mudarmos? Que comprássemos uma casinha nos subúrbios da cidade, ou no campo, onde não houvesse mais ninguém, talvez um velho chalé, um que fora abandonado?

- Mas... e quanto a Martha?

- Deus do céu, acha que nós dois não seríamos suficientes para fazê-la feliz?

Guta balançou a cabeça.

- Ela adora as outras crianças, e todas elas também gostam muito dela. Não é culpa deles que...

- Não, eles não têm culpa.

- Bem, não vale a pena ficar falando destas coisas. Alguém te ligou, mas não deixou

recado. Eu disse que você havia ido pescar.

Redrick deixou o bule de café na mesa e se levantou.

- Tudo bem, vou tomar um banho agora. Tenho um monte de coisas para fazer hoje.

Ele se fechou no banheiro, tirou as roupas e as jogou no cesto de roupas sujas. Guardando no armário o soco-ínglês, o resto das porcas e tornilhos e o que sobrara do maço de cigarros. Passou um bom tempo na banheira, debaixo do chuveiro, na água bem quente, esfregando o corpo com uma esponja áspera, até que sua pele ficou avermelhada. Depois, fechou o a ducha e se sentou na beirada da banheira, pegando um cigarro para fumar. A água fazia barulho nos encanamentos e se ouvia o tilintar de pratos na cozinha. Logo se pôde sentir o cheiro de peixe frito e Guta o chamou na porta, lhe trazendo uma cueca limpa.

- Se apresse – ela aconselhou. – O peixe está esfriando.

Ela havia voltado ao seu estado normal, ao seu autoritarismo. Redrick riu consigo mesmo enquanto se vestia, isto é, colocava uma bermuda e uma camiseta para ir a mesa.

- Agora podemos comer. - ela disse, sentando-se também a mesa. – Você colocou a roupa suja no cesto?

- Ham-ham. – ele respondeu com a boca cheia. – Que peixe delicioso!

- Você colocou água?

- Ai, não... Sinto muito, “senhor”, não acontecerá mais, “senhor”... Por favor, sente-se e fique um pouco quieta!

Ele a pegou pela mão e tentou fazê-la sentar-se em seu colo, porém ela se apartou e sentou-se na cadeira de frente para ele.

- Está se negando para o seu marido... - comentou ele, novamente com a boca cheia. – O que foi, não está se sentindo bem?

- Que lindo marido que eu tenho neste momento... Ah, mas não é um marido, é só um saco vazio. Primeiro você tem que se encher.

- E se eu não precisar? - perguntou Redrick. – Às vezes acontecem milagres, sabia?

- Nunca vi milagres como este... Quer uma bebida?

Redrick, ficou um pouco indeciso, brincando um pouco com o garfo.

- Não, obrigado. - em seguida olhou para o relógio e se levantou. - Tenho que ir. Prepara a minha roupa boa. Tenho que estar bem apresentável, com terno e gravata.

Ele foi para a dispensa, aproveitando a boa sensação dos pés descalços sobre o piso limpo e gelado, fechando a porta atrás de si; em seguida começou a dispor por sobre a mesa

os itens que havia trazido da Zona[15]: dois “vazios”, uma caixa de “espinhos”, nove “baterias”, três “braceletes”. Uma espécie de argola parecida com um “bracelete”, porém mais leve, dois centímetros mais larga e feita de um metal esbranquiçado. Dezesseis “gotas negras”, em um recipiente de plástico[16]. Duas “esponjas” maravilhosamente bem preservadas, cada uma do tamanho de um punho. Três “pós de mico” e um pote de “argila carbonada”. Ainda restava na bolsa uma vasilha grossa, de porcelana, cuidadosamente embalado em fibra de vidro, no qual Redrick parecia não querer tocar. Continuou fumando enquanto examinava aquelas riquezas espalhadas por sobre a mesa. Depois, abriu uma gaveta e tirou dela uma folha de papel, um lápis e uma calculadora. Passou o cigarro para o canto da boca e começou a escrever números e mais números, limpando as cinzas que caíam do cigarro sobre o papel de vez em quando. Por fim, ele havia dispostos os números em três colunas. Somou as duas primeiras e as cifras eram realmente impressionantes.

Deixando a bituca do cigarro em um cinzeiro, ele abriu cuidadosamente a caixa, espalhando os “espinhos” por sobre a folha de papel. Estes, sob luz elétrica, adquiriam uma tonalidade azulada, por vezes mesclada com outros tons de amarelo, verde e vermelho. Pegou um deles e o apertou suavemente entre o polegar e o dedo indicador, tomando cuidado para não se furar. Apagou a luz e aguardou um momento, enquanto seus olhos se acostumavam com a penumbra. Porém o “espinho” permanecia igual. O deixou e tomou outro, o apertou do mesmo modo e nada. Apertou um pouco mais forte, arriscando-se a se furar, e então o “espinho gritou”; faíscas avermelhadas saltaram dele, as quais foram, lentamente, sendo substituídas por uma pulsação de coloração esverdeada, bem mais lenta e suave. Por alguns instantes, Redrick admirou aquele pequeno e estranho show luminoso. Os documentos do Instituto diziam que talvez estas luzes significassem algo, talvez algo muito importante. Mas, Redrick o largou e pegou outro para testar. Assim ele testou todos os 73 “espinhos”, dos quais apenas 12 “gritaram”. Os demais permaneceram em “silêncio”, Na verdade todos eles poderiam “gritar”, porém alguns necessitavam de uma máquina especial, que teria o tamanho daquela mesa, apertá-los apenas com os dedos não era o suficiente. Redrick acendeu a luz e acrescentou mais dois dígitos em sua conta.

Depois disto, ele tomou coragem, e finalmente decidiu mexer no vasilhame que havia deixado na bolsa. Enfiou as mãos dentro dela e, prendendo o fôlego, tirou o pacote, composto pela vasilha embalada em fibra de vidro, e colocou delicadamente sobre a mesa. Ficou contemplando por um bom tempo, pensativo, enquanto coçava a barbicha com o dorso da mão. Ao final, pegou o lápis, o girou desajeitadamente por entre os dedos envoltos na luva de borracha, e o soltou novamente por sobre a mesa. Pegou outro cigarro e o fumou inteiro, sem tirar os olhos do pacote.

- Mas que inferno! – disse ao final, enquanto voltava a guardar o pacote em sua sacola, em um gesto de impulsividade. – Basta disso; chega!

Juntou rapidamente todos os “espinhos”, devolvendo-os a sua caixa e voltou a se levantar. Já era hora de sair. Com uma meia hora de sono, talvez ele conseguisse esvaziar a mente, mas, por outro lado, talvez fosse muito melhor chegar lá cedo e ver como estavam as coisas. Ele tirou as luvas, devolveu o avental de onde o havia retirado e saiu da dispensa sem apagar a luz. Suas roupas já estavam prontas, estendidas em cima da cama. Redrick se vestiu. Enquanto se enrolava para arrumar a gravata em frente ao espelho, o chão gemeu por

detrás dele, ele ouviu uma respiração pesada e se esforçou para não começar a rir.

- Rá! – gritou uma vozinha perto dele, enquanto algo lhe agarrara a perna.

- Akh[17]! – exclamou Redrick, caindo para trás, por sobre a cama. Martha, rindo e gritando, subiu por cima dele, pisando-lhe, despenteando-lhe o cabelo e o inundando com um fluxo interminável de acontecimentos e perguntas. William, o filho do vizinho, havia arrancado uma das pernas de sua boneca. Havia um gatinho novo no terceiro andar, inteiro branco e de olhos vermelhos (talvez ele não tivesse dado ouvidos a sua mãe e tivesse ido à Zona...). Havia jantado mingau de aveia e geleia. Titio Gutalín estava todo machucado e doente de novo, e estava até chorando. Por que os peixes não se afogam embaixo da água? Por que a mamãe não dormiu a noite inteira? Por que temos cinco dedos e só duas mãos, e apenas um nariz? Redrick abraçou cuidadosamente aquela criaturinha terna que subia por cima dele, olhou aqueles olhos grandes e escuros, quase sem a parte branca, e esfregou a bochecha contra a bochecha dela, coberta com pelugem sedosa e dourada.

- Martha, minha macaquinha! Minha doce e pequena macaquinha!

Neste momento, o telefone tocou ao lado da cabeceira da cama.

- Estou ouvindo.

Apenas silêncio.

- Alô! Alô!?

Continuou sem resposta, até que se ouviu uma batida e depois apenas os tons curtos e repetidos. Redrick se levantou, deixou a menina no chão, pôs o terno e as calças e não mais prestou atenção na menina, que continuava falando sem parar, enquanto ele se limitava a sorrir mecanicamente, com uma expressão distraída. No final ela gritou que “o papai havia comido a própria língua” e se foi, deixando-o sozinho. Redrick voltou a dispensa, colocou dentro de uma maleta tudo o que estava por sobre a mesa, foi ao banheiro pegar seu soco-ínglês de bronze, voltou outra vez a dispensa, pegou a maleta com uma mão e o cesto com a bolsa na outra, saiu, trancou com a chave e avisou a Guta:

- Já estou indo.

- Quanto vai voltar? – ela perguntou, enquanto saía da cozinha.

Havia arrumado o cabelo e se maquiado. Também havia trocado o roupão por um vestido de usar em casa, que era o favorito de Redrick, de cor azul brilhante e com um decote baixo.

- Eu te ligo. – respondeu ele, observando-a bem.

Ele se aproximou dela e lhe deu um beijo no pescoço.

- É melhor você ir. – disse ela, suavemente.

- E eu? Não vou ganhar um beijo também?! – Reclamou Martha, se metendo entre os dois.

Ele se inclinou bem para despedir-se da menina. Guta o olhava fixamente.

- Isso é besteira. – Ihe disse Red – Não se preocupe, eu te ligo.

No corredor, um andar abaixo, ele viu um gordo de pijama listrado brigando com a fechadura de sua porta. Do interior de seu apartamento exalava um cheiro quente e azedo. Redrick se deteve e o cumprimentou:

- Bom dia.

O gordo apenas o olhou cautelosamente por cima do ombro roliço e murmurou alguma coisa incompreensível.

- Ontem à noite, sua esposa veio... – comentou Redrick. – Não sei o porquê, mas ela disse para fazermos silêncio. Deve ter havido algum mal-entendido...

- O que eu tenho a ver com isso? – disse o gordo de pijama.

- Ontem à noite, minha esposa estava lavando roupa – continuou Red. – Se os incomodou, peço desculpas.

- Eu não falei nada sobre isso. Faça o que quiser em sua casa.

- Bem, fico feliz em ouvir isso.

Redrick saiu, foi até a garagem, colocou o cesto com o pote no compartimento secreto e o escondeu com o assento. Depois ainda ficou observando seu trabalho por alguns segundos antes de sair para a rua.

Não precisou ir muito longe: caminhou apenas dois quarteirões até a praça, depois cruzou pelo parque e precisou avançar apenas mais um quarteirão para chegar no Bulevar Central. De frente com o Metrópole, como de costume, havia uma fileira de carros brilhantes e limpos, vermelhos e cromados. Os funcionários, de uniformes roxos, levavam malas para dentro do hotel; haviam também pessoas com jeito de estrangeiros, em duplas e trios, fumando e conversando sobre as escadarias de mármore. Redrick decidiu que ainda não era hora de entrar. Se acomodou debaixo do toldo de uma pequena cafeteria, que ficava de frente para o hotel, pediu um café e acendeu um cigarro. A cerca de meio metro de sua mesa havia dois agentes da Interpol, comiam apressadamente salsichas assadas ao estilo de Harmont e bebiam cerveja em grandes copos de vidro. Do outro lado, a uns três metros, um sargento de aspecto sombrio devorava batatas fritas, segurando firmemente o garfo em sua mão; havia deixado o seu capacete azul apoiado no encosto de uma cadeira ao seu lado e o seu coldre, carregado com a arma, no assento. Não havia nenhum outro cliente além destes. A garçonete, uma mulher já de certa idade, que Redrick não conhecia, bocejava atrás do balcão, cobrindo delicadamente a boca maquiada com a mão. Eram umas 8:40.

Redrick viu que Richard Noonan saía do hotel mascando alguma coisa enquanto

arrumava seu chapéu. Descia rapidamente as escadarias, o baixinho estava corado e gordo, sempre feliz, bem-vestido, limpo e confiante de que o dia lhe seria propício. Se despediu de alguém com um aceno de mão por cima do ombro esquerdo, arrumou seu sobretudo e seguiu até seu Peugeot. Assim como seu dono, aquele Peugeot também era pequeno, bem aprumado, limpo e parecia confiante de o dia lhe seria totalmente propício.

Redrick tentou esconder o rosto com uma das mãos para não ser visto por Noonan, que subiu apressado em seu carro, se acomodou no assento dianteiro e passou alguma coisa para o banco de trás; em seguida se inclinou para pegar alguma coisa e se pôs a ajustar o espelho retrovisor. O Peugeot expeliu uma nuvem de fumaça azulada, tocou a buzina para alertar um africano que, vestido com um de seus trajes típicos, atravessava distraidamente da calçada para a rua. Ao que parecia, estava indo para o Instituto, para o qual ele tinha que contornar a fonte e passar de frente com o café. Já era tarde demais para sair dali, de modo que Redrick tentou ao máximo cobrir o rosto e se inclinou por sobre seu copo; mas não adiantou. A buzina do Peugeot soou em seu ouvido, em seguida se escutaram os freios e a voz alegre de Noonan chamando:

- Hey, Schuhart! Red!

Redrick murmurou um xingamento e levantou o rosto. Noonan vinha em sua direção com a mão estendida e um sorriso no rosto.

- O que está fazendo aqui a esta hora da madrugada? – lhe perguntou enquanto se aproximava. - e acrescentou, voltando-se para a garçonete: - Muito obrigado, senhorita, mas não vou pedir nada. – depois, voltando para Redrick, continuou – Fazem uns mil anos que não te vejo, homem! Onde você estava? O que anda fazendo?

- Nada demais – respondeu Redrick, com descaso. – Apenas coisas sem importância.

Noonan tomou a cadeira de frete para Red, empurrou o copo para um lado, o portaguardanapos e o prato (que ficavam por sobre as mesas) para outro lado, e iniciou o seu falatório:

- Você está meio pálido, não tem dormido direito? Vou te falar, ultimamente estou muito ocupado com todos os novos equipamentos automáticos, mas nunca deixo de dormir o tempo necessário, não senhor; aqueles aparelhos podem todos irem para o inferno...

Por um instante ele olhou ao redor e acrescentou:

- Me desculpe, mas está esperando alguém? Eu lhe interrompi? Estou atrapalhando algo?

- Não, não... – respondeu Redrick, calmamente. – Estava com um pouco de tempo livre e decidi tomar um café, apenas isso...

- Bem, de qualquer forma, eu também não posso me demorar muito – disse Dick, olhando para o relógio. – Escuta, Red, por que não deixa estas “coisas sem importância” e volta para o Instituto? Você sabe que te aceitariam de volta quanto quisesse. Inclusive, se

quiser trabalhar novamente com um russo, há um novo lá.

Red balançou a cabeça e respondeu:

- Não, não há ninguém que se pareça com Kirill. Além do mais, já não tenho mais nada que fazer no Instituto. Agora lá é tudo automático; eles têm robôs para ir até a Zona, e são estes robôs que recebem todo o crédito por tudo, aos ajudantes de laboratório se pagam esmolas... Não seria o suficiente nem mesmo para os cigarros...

- Isto podemos acertar...

- Não quero que ninguém me “arrume” nada. Na minha vida inteira, eu sempre me virei sozinho... e pretendo continuar assim.

- Você ficou muito orgulhoso. – observou Noonan, com um tom acusativo.

- Não, nada disso. Apenas não gosto de ficar juntando moedinhas.

- Bem, você está certo. – disse Noonan distraidamente, enquanto observava a maleta de Redrick que estava sobre a cadeira a seu lado, prestando atenção em uma plaquinha metálica com caracteres cirílicos. – É exatamente isso, uma pessoa deve ter dinheiro suficiente para não precisar se preocupar com ele. Isto foi presente de Kirill? – ele terminou perguntando e apontando para a maleta.

- Ele me deixou como herança... Por que não o vejo mais no Borscht?

- É você que nunca mais foi lá – refutou Noonan. – Eu almoço ali quase todos os dias. No Metrópole cobram o olho da cara por um simples hambúrguer. - ao que ele rapidamente acrescentou: - Hei, me diga, como você está financeiramente?

- O quê? Está querendo me pedir dinheiro emprestado?

- Não, não. O que quero é justamente o contrário.

- Então está querendo me emprestar dinheiro?

- O que tenho é um trabalho.

- Meu Deus! – exclamou Redrick. – Até você!?

- E quem mais? – perguntou Noonan.

- Oras... Há vários... contratantes.

Noonan, após levar algum tempo para entender, começou a rir.

- Não! Não estou falando de sua... “especialidade”.

- Então do que você está falando?

Noonan voltou a olhar o relógio.

- Façamos o seguinte – ele disse enquanto se levantava. – Venha almoçar comigo no Borscht, por volta de umas duas da tarde, e, então, conversaremos.
- Talvez eu não esteja livre neste horário...
- Então, esta tarde... Lá pelas seis. Está de acordo?
- Bem... veremos. – Respondeu Redrick, olhando também para o relógio.

Eram quase nove horas. Noonan o saudou com a mão e voltou para seu Peugeot. Redrick o seguiu com os olhos, chamou a garçonete, pagou a conta e comprou um maço de cigarros [18], depois caminhou lentamente até o hotel, com sua maleta. O sol já estava forte, a rua estava se tornando cada vez mais abafada e Redrick começou a sentir uma sensação de queimação nos olhos. Ele fechou os olhos com força e se ressentiu por não ter dormido nem mesmo uma hora antes de atender aquele importante negócio.

Foi quando lhe ocorreu: nunca antes, fora da Zona, havia lhe ocorrido algo como aquilo; e mesmo na Zona, apenas umas duas ou três vezes. Tinha a impressão de haver sido trasladado para um outro mundo. De uma vez, um milhão de distintas sensações recaíram sobre ele: fortes, doces, suaves, perigosos, perturbadores, algumas grandes como uma casa e outras pequenas como um grão, duro e áspero como um paralelepípedo, suave e complexo como os mecanismos de um relógio. O ar ficou pesado, como se começasse a ter cantos e curvas, enquanto todo o espaço ao seu redor começava a se encher de grandes e duras esferas, estranhas e escorregadiças pirâmides e gigantescos cristais espinhosos; e ele tinha que avançar abrindo caminho por entre estas ilusões, como se andasse em uma loja de antiguidades feias e estranhas.

Tudo aquilo durou apenas um instante e desapareceu assim que ele abriu os olhos. Não era um outro mundo, era este mesmo, apenas lhe mostrando uma outra face, desconhecida. Esta face que lhe era revelada por um único segundo, antes de desaparecer, não lhe dando tempo suficiente para compreendê-la. Foi quando ele ouviu uma buzina raivosa, Redrick acelerou o passo até atingir o muro do Metrópole. Seu coração estava muito acelerado. Deixou a maleta na calçada e abriu, impaciente e apressadamente, o maço de cigarros. Acendeu um, tragou profundamente e descansou, como se houvesse acabado de escapar de uma briga.

- Precisa de alguma ajuda, senhor? – um policial, que havia parado ao lado dele, lhe perguntou.

- Na... não – conseguiu pronunciar Redrick, junto com uma tossida. – É que este calor está muito sufocante.

- Se quiser, posso levá-lo para algum outro lugar.

Redrick recolheu sua maleta e respondeu:

- Muito obrigado, mas já estou melhor.

Ele se dirigiu para a entrada do hotel, subiu os degraus e entrou no saguão; ali estava fresco, escuro e vazio. Ele desejou acomodar-se em uma daquelas enormes cadeiras de couro, para retomar um pouco o fôlego, mas já estava ficando tarde; assim, ele apenas se permitiu terminar o cigarro, enquanto observava, com os olhos quase fechados, a multidão ao seu redor, se empurrando pelo lobby. Ali estava o Ossudo [19], folheando com raiva as revistas da banca. Redrick jogou a bituca de cigarro no lixo e entrou no elevador.

Ele não conseguiu fechar a porta a tempo e outras pessoas começaram a se amontoar com ele na pequena cabine. Havia um homem gordo que respirava com dificuldade, uma mulher muito perfumada acompanhada de um menino mal-encarado comendo chocolate e uma senhora idosa corpulenta com uma barbicha no queixo. Redrick acabou comprimido em um dos cantos; e fechou os olhos para não ficar olhando o menino, cuja baba mesclada com chocolate lhe escorria e lambuzava todo o limpo e jovial rosto, o qual ainda não apresentava nem o menor traço de pelos. Também não queria ver a mãe dele, que tentara embelezar o busto magro com um grande colar, constituído de bolas negras com decorações em prata, nem os olhos afundados na gordura do rosto do homem obeso, e nem ainda as assustadoras verrugas sobre o grande nariz da velha. O gordo tentou acender um cigarro, o que iniciou uma discussão dele com a velha que durou até o quinto andar, onde ela desceu. Quando as portas do elevador voltaram a se fechar, o homem acendeu o seu cigarro com uma cara de alguém que havia lutado bravamente pelos direitos civis, porém, a fumaça logo o fez começar a tossir e se sacudir, estirando os lábios como um camelo velho, e ainda acabou acertando uma forte e dolorida cotovelada entre as costelas de Redrick.

Redrick desceu no oitavo andar, e seguiu pelo corredor luxuoso, revestido com um tapete grosso e iluminado por lâmpadas ocultas. Sentia-se o cheiro de tabaco caro, de finos perfumes franceses, do couro legítimo de que são feitas as carteiras que vivem cheias, de “mulheres da noite”, das mais caras, e de cinzeiros feitos de ouro maciço, tudo isso em um nível que chegava a feder, feder como os asquerosos fungos que cresciam na Zona. De fato, muitos ali eram realmente como eles, bebendo a Zona, comendo, crescendo e engordando dela, sem dar a mínima para nada, nem mesmo com o que poderia acontecer depois, quando já estivessem fardos e cheios de poder, quando tudo aquilo que alguma vez esteve na Zona já tiver sido levado para fora dela. Redrick continuou caminhando até chegar no quarto 874, no qual entrou sem bater. Rouco [20], sentado em uma mesa junto a uma janela, admirava um charuto, quase como se realizasse algum tipo de ritual. Ainda estava vestindo pijama, o cabelo estava molhado e bem penteado e seu rosto inchado e de aparência adoecida estava perfeitamente barbeado.

- Aham – comentou sem levantar o olhar. – A pontualidade é uma das qualidades mais nobres. Bom dia, rapaz!

Cortou a ponta do charuto e o segurou com as duas mãos, enquanto o passava por debaixo do nariz.

- Onde está o bom e velho Burbridge? – perguntou, finalmente movendo o olhar para Redrick, fixando nele seus olhos claros, de um azul angelical.

Redrick deixou sua maleta sobre o sofá, se sentou, pegou seus cigarros e respondeu: - “Burbridge não virá.”

- O bom e velho Corvo Burbrigde... – Repetiu Rouco, enquanto acomodava o charuto entre os dedos para levá-lo a boca. – Os nervos o estão matando...

Ele continuava com o olhar fixo em Redrick, com aqueles olhos de cor celestial, sem piscar. Ele nunca piscava. A porta se abriu parcialmente, o Ossudo entrou e lhe perguntou:

- Com quem você estava falando?!

- Ah, olá – lhe disse Redrick alegremente, enquanto sacudia as cinzas de seu cigarro ao chão.

Ossudo enviou as mãos em seus bolsos e adentrou a sala, precisou de poucos passos de suas pernas grandes e compridas, como as de um pássaro, para se pôr diante de Redrick.

- Já lhe falamos mais de cem vezes: – ele criticou a Redrick. – Nada de contatos antes de nossas reuniões. E o que você faz?!

- Eu lhe disse “olá”, e você ainda não me respondeu.

Rouco começou a rir, enquanto Ossudo se irritava mais.

- Olá, olá, olá... – desviou o olhar e se deixou cair no sofá, sentando ao lado de Redrick. – Você não pode se comportar desta maneira. Está me entendendo? Não pode!

- Se é assim, nos encontremos em algum outro lugar, aonde não haja ninguém que me conheça.

- O rapaz tem razão. – interveio Rouco. – Foi nosso o erro. Quem era aquele homem?

- Richard Noonan. É representante de algumas companhias fornecedoras do Instituto. Mora aqui neste hotel.

- Você viu como isso não foi nada... – disse Rouco ao Ossudo.

Rouco pegou um enorme isqueiro, que tinha a forma da Estátua da Liberdade, o olhou por alguns instantes e acabou devolvendo-o ao seu lugar, encima da mesa. Então, perguntou em tom amigável:

- Onde está Burbridge?

- Burbridge está mal.

Os dois trocaram olhares.

- Que descanse em paz. – Rouco comentou, um pouco preocupado. – Eles o pegaram?

Redrick não respondeu imediatamente, primeiro deu uma longa tragada em seu cigarro, depois soltou a fumaça lentamente e jogou a bituca no chão.

- Não se preocupem, não há perigo. Ele está no hospital.

- Você acha mesmo que não tem perigo! – exclamou Ossudo nervoso; levantando-se e indo até a janela, da onde perguntou: – Em qual hospital?

- Não se preocupe, tudo está bem. Vamos logo aos negócios, estou com sono.

- Me responda, em qual hospital?! – insistiu Ossudo, irritado.

- Já lhe disse, está tudo bem – replicou Redrick, pegando sua maleta. – Então, faremos negócios ou não?

- Faremos sim. Faremos, filho. – Respondeu Rouco, amistosamente.

Ele se levantou rápido, tirou as revistas e tudo mais que estava por sobre a mesinha de centro, derrubando tudo ao chão, e se assentou diante dela, com suas mãos rosadas e macias apoiadas sobre os joelhos.

- Me mostre o que você trouxe.

Redrick abriu a maleta e retirou a lista que havia feito em sua casa, colocando encima da mesa, diante de Rouco. Este a observou e recuou um pouco. Ossudo, em pé por detrás dele, também a lia, por cima de seus ombros.

- Isto é o total. – explicou Redrick.

- Já entendi. Mas, quero ver a mercadoria. – disse Rouco.

- A grana.

- O que é essa tal “Argola”? – perguntou Ossudo desconfiado, apontando por cima do ombro de Rouco para o item da lista.

Redrick ignorou a pergunta, seguia segurando a maleta aberta por sobre os joelhos, com o olhar fixo naqueles olhos azuis e angelicais. Após alguns instantes, Rouco deu uma risada e comentou:

- Por que será que gosto de você, hein rapaz? Depois ainda dizem que não existe amor a primeira vista. – ele suspirou dramaticamente e acrescentou: – Phil, camarada, como dizem por aqui: ‘Abre a carteira e dê uns tantos trocados para ele’... Traga-me também uns fósforos; sim? – balançando o charuto diante dele.

Phil (o Ossudo), murmurou algo consigo mesmo enquanto lhe apanhava uma caixa de fósforos e lhe entregara. Depois foi ao outro cômodo, separado por uma cortina. Redrick o ouviu conversar com uma outra pessoa, com uma voz confusa e irritada disse algo sobre bocas fechadas e moscas. Rouco, finalmente, acendera seu charuto, continuava olhando

fixamente para Redrick, agora com um sorriso gélido nos lábios finos e pálidos. O stalker, com o queixo apoiado em sua maleta, mantinha também o olhar fixo nele, sem piscar, ainda que suas sobrancelhas começavam a arder e os olhos lagrimejavam. Ossudo retornou com três maços de notas, os jogou sobre a mesa e se assentou, como se o houvessem ofendido. Redrick esticou preguiçosamente os braços por sobre o dinheiro, mas Rouco lhe fez um sinal para que esperasse. Então ele apanhou dois dos maços e os guardou nos bolsos de seu pijama.

- Vejamos agora...

Redrick tomou o maço de notas restante e o guardou no bolso interno de seu terno, sem contá-lo. Em seguida, lhes mostrou sua mercadoria. O fez lentamente, deixando que os dois examinassem bem o material, conferindo-o com a lista. A casa estava totalmente silenciosa, não se ouvia nada mais que a pesada respiração de Rouco e pequenos tiques do cômodo ao lado, como se alguém estivesse batendo em um copo com uma colher. Redrick fechou a maleta, travando a fechadura, Rouco ergueu os olhos.

- E o mais importante?

- É impossível... – ele se pôs pensativo por alguns instantes e continuou: – Por enquanto...

- Gostei desse “por enquanto”... – disse Rouco, calmamente. – O que você acha, Phil?

- Você não está tentando nos enganar, está Schuart? – disse Ossudo, desconfiado. – Quero saber o por quê de tanto mistério...

- Bem isto é complicado, são meus negócios... – respondeu Redrick. – Esta é uma profissão arriscada...

- Bem, bem... – exclamou Rouco – Onde está a câmera?

- Droga! – Redrick disse enquanto esfregava as mãos no rosto, sentindo que estava corando. – Me desculpe, eu me esqueci completamente.

- “Lá”? – comentou Rouco, fazendo um gesto vago com o charuto.

- Não tenho certeza, mas provavelmente foi “lá”... – Redrick fechou os olhos e reclinou-se no sofá, depois acrescentou: – A esqueci completamente.

- Que azar. – disse Rouco. – Mas você, pelo menos, viu?

- Não, nem mesmo isso. – respondeu Redrick tristemente. – Essa é a questão, não chegamos até os fornos maiores. Burbridge caiu na geleia e tivemos que voltar de imediato. Pode ter certeza que se tivesse visto, eu teria me lembrado.

- Hei, Hugh, olhe isto! – falou Ossudo, assustado. – O que é esse negócio?!

Com os olhos arregalados, ele mostrou o dedo indicador direito, no qual a argola de

metal branco girava veloz e continuamente.

- Isso não para! – Ele gritou, enquanto desviava o olhar da argola e passou a olhar fixamente para Rouco.

- Como assim não para? – Rouco questionou cautelosamente.

- Eu a coloquei no dedo e dei um impulso, nada demais... Já faz mais de um minuto de está girando sem parar.

Ossudo se levantou rápido, segurando sua mão estendida a frente dele, e se foi por detrás da cortina com a argola prateada girando em seu dedo sem nenhuma dificuldade, parecendo uma hélice.

- O que diabos você nos trouxe?! – perguntou Rouco.

- Por Deus, eu não sabia disto! Se eu soubesse, teria cobrado muito mais.

Rouco o encarou fixamente, depois se levantou e foi também ao outro cômodo (atravessando a cortina). Imediatamente após isso se iniciou uma discussão. Redrick pegou uma das revistas que estava caída no chão e a folheou. Estava repleta de fotos de esplêndidas mulheres, mas, naquele momento, elas lhe davam nojo. Olhou ao redor, inspecionando com os olhos toda a sala; estava querendo algo para beber. Depois, tirou o maço de notas do bolso e se pôs a contá-lo. Estava exatamente como combinado, mas pela precaução, ele contou uma segunda vez. No momento em que estava voltando a guardar o dinheiro no bolso interno do terno, Rouco voltou para a sala.

- Você tem muita sorte, rapaz. – disse Rouco enquanto tomava novamente o assento de frente para Redrick. – Faz ideia do que é o movimento perpétuo?

- Não, nunca cheguei a estudar estas coisas...

- Não lhe faz falta alguma saber. – replicou Rouco, enquanto tirava mais um maço de notas do bolso – Aqui tem o pagamento por este primeiro exemplar. Te darei duas vezes esta quantia por cada um que me trouxer. Entendeu, rapaz? O dobro por cada um. Mas, com uma condição: que ninguém mais saiba disto, com exceção de nós dois. Estamos entendidos?

Redrick apanhou o dinheiro e o guardou em silêncio.

- Já me vou – disse enquanto se levantava. – Quando e onde nos encontraremos de novo?

Rouco também se levantou.

- Entraremos em contato. Espere nossa ligação todas as sextas-feiras, entre as nove e as nove e meia da manhã. O saudação em nome de Phil e Hugh e uma reunião será marcada.

Redrick consentiu e se dirigiu para a porta. Rouco o acompanhou, colocando a mão em seu ombro.

- Quero que entenda. – ele acrescentou. – Tudo isto está muito bom, excelente, e esta argola é uma maravilha, mas ainda precisamos de duas coisas, mais do que tudo, as fotos e o frasco cheio. Nos devolva a câmera, com as fotos e o frasco, mas ele cheio, não vazio. Então, você nunca mais precisará nem mesmo ouvir falar da Zona.

Redrick moveu-se de forma a fazer aquela mão cair de seu ombro, abriu a porta e saiu. Caminhou sem olhar para trás por sobre o macio carpete que revestia o corredor, sentindo que aquele olhar azul e angelical permanecia fixo em sua nuca. Ele nem mesmo esperou pelo elevador, desceu pelas escadas, desde o oitavo andar. Ao sair do “Metrópole”, chamou um táxi e foi até o outro lado da cidade. O motorista era um estrangeiro, Redrick não o conhecia, um rapaz de nariz grande e cheio de espinhas. Deveria ser um dos centenas de jovens que haviam fluído para Harmont nos últimos anos, seguindo as ideias de aventuras extraordinárias, riquezas incalculáveis, fama internacional ou alguma nova religião estranha. Eles vinham aos montes e acabavam como motoristas, ajudantes em construções ou mesmo delinquentes; arruinados, famintos, torturados por desejos fracassados, profundamente desiludidos e com a certeza de terem sido enganados outra vez. Metade deles, voltaram para a casa depois de um mês ou dois, maldizendo e xingando, para exportar a desilusão a todos quanto lhes fosse possível. Alguns poucos, se tornaram stalkers e morreram bem rápido, antes mesmo de aprender os macetes do trabalho. Alguns outros poucos conseguiram trabalho no Instituto, mas apenas os mais estudados e inteligentes, que, pelo menos, podiam trabalhar como ajudantes de laboratório. O resto deles, desperdiçavam as noites em bares, arrumando brigas por pequenas diferenças de opinião sobre isto ou aquilo, por mulheres que não valiam a pena, ou, simplesmente, por estarem bêbados; dando mais trabalho do que a polícia do município, os soldados do exército ou os vigilantes da cidade estavam acostumados. O motorista espinhento fedia a álcool e tinha os olhos mais vermelhos que um coelho. Porém estava muito animado e imediatamente começou a contar para Redrick que, nesta mesma manhã, no bairro em que morava, havia aparecido um morto que tinha saído de seu túmulo no cemitério:

- Ele voltou para sua casa, a qual já estava fechada há anos. Todos que moravam lá já haviam se mudado, sua viúva, agora já uma senhora idosa, sua filha com o marido e seus netos. Os vizinhos me disseram que ele havia morrido há uns 30 anos, ou seja, antes mesmo da Visitação. Mas, agora, ele estava ali. Ficou caminhando em volta da casa, fungando e arranhando, depois parou e se sentou ao lado do muro dela, como se estivesse esperando algo. Pessoas de toda a vizinhança vieram vê-lo, ficavam olhando e olhando, mas é claro que tinham medo de se aproximar. No final das contas alguém teve uma ideia brilhante: arrombar a porta para que ele pudesse entrar. E sabe o que aconteceu? Ele se levantou, entrou e fechou a porta atrás de si. Eu já estava atrasado para o trabalho, então não pude ver como isso terminou, mas quando sai, estavam falando de ligarem para o Instituto para que alguém fosse lá e o mandasse de volta para o inferno...

- Já pode estacionar – lhe interrompeu Redrick. – É aqui que eu desço.

Procurou nos bolsos, mas não tinha dinheiro trocado e teve que pagar o motorista com uma das notas altas dos maços que acabara de receber. Depois ele ficou parado à porta da casa, até que o táxi já estivesse longe.

A casa de Corvo não estava nada mal, um sobrado com uma sala de vidro, onde se via

uma mesa de bilhar; e um jardim muito bem cuidado com uma estufa e um coreto branco entre macieiras. Em torno de toda a propriedade, havia uma cerca de metal, pintada com uma tinta verde brilhante. Redrick apertou a campainha várias vezes antes do portão se abrir aos pares, com o rangido do motor automático. Ele avançou lentamente pelo caminho sombreado, contornado por roseiras ornamentais. Gopher [21] estava em pé na varanda, era um negro corcunda, vivia trêmulo, mas mantinha sempre o desejo de ser útil. Ele, apressadamente, se virou de lado, baixou uma perna no degrau da varanda, tateando com ela apoio, a firmou e arrastou o outro pé para junto do primeiro, depois acenou cordialmente a mão direita, de seu braço saudável, na direção de Redrick, como se dissesse: “Eu o estou vendo, já estou indo, só um instante”.

- Olá, Red! – uma voz feminina, vinda do jardim, o saudou.

Redrick virou a cabeça e viu os ombros nus e bronzeados, a boca vermelha e brilhante, uma mão que o saudava se destacando entre todo aquele verde, próximo ao teto branco do coreto. Fez um gesto com a cabeça para Gopher e saiu do corredor, passando por entre as roseiras, dirigindo-se para o coreto, cruzando o gramado verde e macio. Ali estava Dina Burbridge, sentada em um grande tapete vermelho, estendido sobre a grama, e com um copo na mão; vestindo apenas um biquíni mínimo. Sobre o tapete havia também um livro de capa brilhante e um balde de gelo, do qual desbocava o delgado gargalo de uma garrafa, acomodados sob a sombra de um arbusto.

- Oi, Red – lhe disse Dina, saudando-o com um aceno do copo. – Onde está o velho? Não me diga que ele “esqueceu o caminho de casa” novamente...

Redrick parou próximo a ela, com a maleta nas costas e a ficou olhando. Sim, Corvo havia descrito filhos maravilhosos quando revelou seu desejo na Zona. Esta parecia toda de pura seda e cetim, de pele firme, impecável, sem o menor sinal de uma ruga sequer, sem nada fora do lugar: sessenta quilos de carne delicada, com olhos verde-esmeralda que tinham um brilho próprio, uma boca carnuda e úmida, ornada com dentes branquíssimos e cabelos negros e brilhantes, refletindo o sol, descuidadamente caídos por sobre um dos ombros. O sol acariciava lhe o corpo, desde os ombros até o ventre e quadris, deixando profundas sombras entre os seios quase nus. Redrick estava em pé, do seu lado, e a olhou descaradamente. Ela o olhou de volta e sorriu, entendendo bem o que se passava, levou o copo aos lábios e tomou vários goles lentamente.

- Você quer um pouco disso? – perguntou, passando a língua nos lábios. Esperou um pouco até que ele entendesse o duplo sentido e, então, lhe estendeu a mão com o copo. Ele olhou ao redor, até encontrar uma espreguiçadeira na sombra. Sentou-se e esticou as pernas.

- Burbridge está no hospital – ele disse. – Vão lhe amputar as duas pernas.

Ela lhe olhou só com um olho, sem deixar de sorrir, o outro olho estava encoberto pelos longos cabelos, caídos por sobre o ombro. Seu sorriso estava petrificado, um sorriso doce em um rosto bronzeado. Ela girou o copo mecanicamente, como se estivesse apenas ouvindo o som dos cubos de gelo se batendo.

- As duas?

- Sim, as duas. Talvez abaixo do joelho, talvez por cima.

Ela deixou o copo de lado e pôs todo seu cabelo para trás, já não sorria.

- Que triste... – ela disse. – Isto significa que você...

Apenas para Dina Burbridge ele poderia ter contato exatamente como tudo aconteceu. Até poderia ter lhe contado que voltou para o carro pronto para abandoná-lo, e que Burbridge havia lhe suplicado, não por ele próprio, mas por seus filhos, por ela e por Artie, prometendo-lhe a Esfera Dourada; mas não contou. Apenas tirou um maço de dinheiro do bolso e o colocou encima do tapete, perto das compridas pernas da garota. As notas se abriram como um leque. Dina pegou algumas, distraidamente e as olhou como se não soubesse o que era aquilo, porém não demonstrava muito interesse.

- Este é o último pagamento então. – ela comentou.

Redrick se esticou desde a espreguiçadeira para pegar a garrafa do balde de gelo e olhou o rótulo. Água gelada gotejava do vidro, e ele teve que apartá-la para o lado para evitar que lhe caísse nas calças. Ele não gostava de uísque caro, mas em um momento destes, ele precisava de um trago. Estava a ponto de levar a garrafa a boca, quando ouviu um murmúrio por detrás de si. Ali estava Gopher, arrastando-se penosamente pelo gramado, segurando com as duas mãos um copo cheio de um líquido claro. O esforço fazia escorrer suor por seu rosto escuro, e o deixava ofegante. Ao perceber que Redrick o olhava, ele estendeu as mãos em um gesto desesperado e, inutilmente, gemeu e grunhiu tentando falar com sua boca desdentada.

- Tudo bem, eu o espero. – Red lhe disse, enquanto devolvia a garrafa ao balde.

Gopher finalmente chegou, entregou o copo para Redrick e lhe apalpou timidamente o ombro com sua mão artrítica.

- Muito obrigado, Dixon – disse Redrick, seriamente. – Isto é exatamente o que eu precisava neste momento. Como de costume, você nunca falha.

Enquanto Gopher acenava com a cabeça, feliz e constrangido, segurando na cadeira com a mão sã, Redrick o saudou e bebeu metade do copo em um só gole. Em seguida se voltou para Dina:

- Você quer? – perguntou lhe oferecendo o copo.

Ela não respondeu, estava distraída dobrando uma nota ao meio, e depois a dobrando novamente, e novamente.

- Vamos, pare com isso – disse ele. – Vocês não perderão tudo. Seu velho pai...

Ela o interrompeu:

- Então, você o tirou de lá, arrastando-o por toda a Zona. Você é um idiota mesmo. Seu ruivo idiota, você carregou mesmo aquele filho da puta cretino nas costas, não foi? Burro,

como pode desperdiçar uma chance destas; você é um caso perdido mesmo...

Ele a olhou, esquecendo-se do copo, ela se levantou e se aproximou dele, pisando por sobre o dinheiro que havia se espalhado no chão. Parou diante dele, com as mãos na cintura, bronqueando-lhe o resto do mundo com seu maravilhoso corpo, que cheirava a uma mistura de perfume doce e suor.

- Aquele velhote tem todos os idiotas na mão, inclusive você. Ele ainda vai quebrar suas pernas, e pisar nessa sua cabeça oca com suas muletas. Acha mesmo que ele lhe mostrará alguma misericórdia ou amor fraternal? – a garota já estava falando aos gritos. – Aposto como ele lhe prometeu a Esfera Dourada, não foi? Um mapa lhe indicando todas as armadilhas, não é? Estúpido; você vai ver o mapa que ele lhe dará! Que Deus tenha piedade da alma do pobre e estúpido Redrick Schuhart.

Redrick se levantou devagar e acertou um tapa no rosto da garota. Ela caiu para o lado, na grama, e se encolheu, escondendo o rosto entre as mãos.

- Idiota, imbecil... Red – murmurou ela. – Deixar passar uma oportunidade destas...

Redrick a olhou sem falar nada, enquanto terminava o copo de vodca. Devolveu o copo para Gopher, sem nem mesmo olhá-lo. Não havia mais nada a dizer. Que belos filhos Burbridge havia descrito na Zona, “amáveis e respeitosos”. Ele saiu à rua e chamou um táxi. Pediu ao motorista que o levasse ao Borscht. Ainda tinha alguns assuntos que resolver, mesmo estando morrendo de sono. Já estava meio zozzo e, por fim, acabou dormindo no carro, com o corpo debruçado por sobre sua maleta. Acordou com o motorista lhe sacudindo e dizendo: “Senhor, já chegamos.”

- Chegamos?! Aonde chegamos? – Red perguntou olhando tudo ao redor. – Ao banco? Eu lhe disse ao banco?!

- Não, meu amigo, você me disse ao Borscht. E estamos aqui, no Borscht.

- Ah, ok, me desculpe, eu devo ter sonhado.

Redrick pagou a corrida e desceu do carro; mal conseguindo mexer as pesadas pernas. O asfalto estava fervendo sob o sol, realmente fazia muito calor. Redrick estava ensopado de suor, sentia um gosto amargo na boca e seus olhos lagrimejavam. Olhou ao redor antes de entrar, a rua estava deserta, como era de costume a aquela hora do dia. A maior parte do comércio estava fechada, e o Borscht não deveria ser diferente, porém Ernest já estava em seu posto, enxugando copos e olhando feio para um trio que bebia cervejas na mesa do canto. Ele ainda não havia retirado as cadeiras de cima das demais mesas. Um empregado desconhecido, usando um jaleco branco, limpava o chão, e outro, por detrás de Ernest, pelejava com uma caixa de cerveja. Redrick se aproximou do balcão, onde deixou sua maleta, e disse um “olá”. Ernest murmurou algo incompreensível, mas que não parecia uma saudação muito calorosa.

- Vamos, me dê uma cerveja. – disse Redrick imperativamente.

Ernest pegou uma caneca no balcão, tirou uma garrafa da geladeira, a abriu e a ergueu por sobre a caneca. Redrick, com a boca aberta, fixou o olhar nas mãos do taberneiro. Elas tremiam. A garrafa bateu algumas vezes contra a borda da caneca. Redrick desviou o olhar para seu rosto. Ele estava com os olhos fundos, a boca torta e as sobrancelhas caídas. O empregado passava o pano no chão justamente abaixo dos pés de Redrick, os do canto discutiam em voz alta sobre seus negócios e o outro empregado, retornando com as caixas de cerveja, acabou esbarrando em Ernest, de forma tão rude que este desequilibrou-se. O rapaz murmurou uma desculpa e se foi.

- Você trouxe? – Ernest perguntou, com uma voz sufocada.

- Se eu trouxe o quê? – Redrick olhou por cima do ombro, um dos homens da mesa do canto se levantou preguiçosamente e caminhou até a porta, onde se deteve para acender um cigarro.

- Venha, vamos conversar. – disse Ernest.

O empregado que passava pano no chão também estava entre Redrick e a porta de saída. Era um tipo negro e corpulento, parecido com Gutalin, porém parecia ser umas duas vezes maior.

- Então vamos. – respondeu Redrick, recolhendo sua maleta.

Ele já não sentia sono, nem em um olho, nem no outro. Ele atravessou para trás do balcão, desviando do empregado que carregava as caixas de bebida, que, ao que parecia, havia prensado o dedo em algum lugar, pois estava com o dedo na boca quando olhou para Redrick. Era outro tipo grandalhão, de nariz chato e orelhudo. Ernest seguiu para os fundos do bar, e Redrick foi com ele. Os três homens da mesa do canto estavam bloqueando a porta e o rapaz da limpeza estava posicionado na entrada para o depósito.

Chegando na sala dos fundos, Ernest tomou uma cadeira e sentou-se junto a uma das paredes, ao lado de uma mesa onde estava o capitão Quarterblad. Este, pálido e irritado, se levantou, enquanto, de algum lugar à esquerda, um enorme soldado da ONU surgiu, com o capacete azul puxado para frente, lhe cobrindo os olhos, e começou a revistar a Redrick com suas enormes mãos. Se deteve no bolso direito do terno, de onde tirou o soco-ínglês de bronze. Depois o empurrou na direção do capitão. O stalker se aproximou da mesa e colocou a maleta sobre ela, de frente para Quarterblad.

- Sanguessuga... – disse a Ernest; o qual simplesmente ergueu as sobrancelhas e deu de ombros.

Tudo havia sido preparado, os dois empregados estavam junto a porta, sorrindo satisfeitos. Aquela era a única porta, e a janela possuía grades do lado de fora. O capitão Quarterblad, contraindo o rosto como se estivesse com nojo, mexia na maleta com as mãos, tirando os objetos dela e colocando por sobre a mesa: dois “vazios”, nove “baterias”, “gotas negras” de diversos tamanhos, dezesseis “espinhos” em uma sacola plástica, as duas “esponjas” perfeitamente preservadas e o pote de argila carbonada.

- Tem algo nos bolsos? – questionou gentilmente o capitão. – Esvazie-os.

- Malditas víboras, canalhas – murmurou Redrick, enquanto tirava o maço de dinheiro do bolso e o colocava sobre a mesa, por onde as notas de espalharam.

- Aham... – exclamou o capitão. – Mais alguma coisa?

- Malditos sejam, seus cães imundos! – gritou Redrick, jogando o outro maço de dinheiro no chão. – Tomem! Tomara que se sufoquem com isso!

- Muito interessante. – o capitão disse calmamente. – Recolha.

- Um dia destes, eu ainda mando todos vocês para o inferno... – replicou Redrick, juntando as mãos em suas costas. – Que seus lacaios recolham. Por mim, que se levante e recolha você mesmo.

- Recolha este dinheiro, stalker – repetiu o capitão, sem alterar a voz, apenas apoiando os punhos na mesa e se inclinando na direção de Redrick.

Os dois se encararam por alguns segundos. Ao final, Redrick, murmurando e xingando, se agachou e começou a juntar as notas relaxadamente. Os empregados do bar riam e debochavam às suas costas, e até o soldado da ONU não segurou um leve riso.

- Não riam – disse Redrick. – Ou perderão o nariz...

Ele estava se movendo de quatro pelo chão, recolhendo as notas de dinheiro uma a uma, enquanto, lentamente, se aproximava mais e mais da argola de metal negro que repousava tranquila sobre um alçapão naquele chão empoeirado. Pouco a pouco ele ia se virando, buscando o melhor jeito de alcançá-lo. Durante o tempo todo ele não cessava de gritar obscenidades, naqueles instantes ele disse todos os xingamentos e palavrões que conhecia, e outros mais ainda, que inventara na hora. Quanto ele achou ser a hora certa, ele se calou, se esticou e puxou a argola metálica, de uma vez e com toda a sua força; e antes que o alçapão aberto caísse no chão, ele se lançou para o seu interior, caindo no chão cinza e frio da adega.

Ele caiu sobre suas mãos, girou pelo chão e se levantou rapidamente, em um pulo. Começou a correr encurvado, sem enxergar, confiando em sua memória e na sorte, avançando pelo estreito corretor entre as caixas de garrafas, esbarrando nelas pelo caminho e lhes ouvindo cair e quebrar atrás de si. Corria muito, virando ao atingir a parede, subiu escadas invisíveis e se lançou com toda a sua força contra a porta, de dobradiças enferrujadas. Assim ele conseguiu chegar a garagem de Ernest. Estava tremendo e ofegante, sob seus olhos haviam manchas de sangue e lágrimas e seu coração batia acelerado, tão forte que parecia que lhe saíria pela garganta. Mas ele não parou, nem por um instante sequer. Correu até um beco bem distante e ali, usando as mãos, desmontou e espalhou uma montanha de lixo, a qual escondia um buraco na parede. Em seguida, deitou de bruços e se arrastou pelo buraco, ouvindo o som de algo prendendo e rasgando sua roupa. Quanto chegou do outro lado, um pátio estreito, continuou abaixado atrás de umas latas de lixo. Tirou o terno e a gravada e os jogou fora, se limpou rapidamente, ergueu-se e continuou correndo, seguindo por outros becos

imundos e fedorentos. Ouviam-se sirenes ao fundo, o que o fez correr ainda mais rápido. Invadiu alguns quintais, pulando muros e cercas, assustando crianças e desviando de roupas penduradas em varais. Buscava sair daquele bairro o mais rápido possível, temia que Quarterblad o mandasse isolar, tornando impossível fugir. Para sua sorte, Redrick conhecia muito bem aquela área. Em todos aqueles quintais, varandas e lavanderias ele brincou quando criança. Tinha amigos e conhecidos em praticamente todas as casas. Em outras circunstâncias seria fácil para ele se esconder nesta região, poderia ficar por ali semanas. Mas ele não estava querendo arriscar; afinal, havia acabado de realizar uma audaz fuga bem debaixo do nariz do capitão Quarterblad, o que facilmente lhe acrescentaria, pelo menos, mais uns doze meses em sua sentença.

Na rua Sete, a sorte voltou a lhe ajudar, algum tipo de irmandade estava organizando um desfile ou protesto; umas duzentas pessoas avançavam fazendo muito barulho, todos tão desarrumados e sujos como ele mesmo. Alguns estavam até pior, pareciam que haviam passado a tarde toda se arrastando por buracos nas paredes e derramando lixo sobre suas roupas, e isso após terem passado a noite em alguma mina de carvão. Ele saiu por um dos portões e se misturou na multidão, atravessando-a na diagonal, empurrando a todos, pisando em pés alheios, recebendo golpes e cotoveladas, e devolvendo alguns também, até chegar ao outro lado da rua e adentrar em outro portão, escondendo-se em uma garagem. Apenas neste momento o familiar som das sirenes de um carro da patrulha ressoou. Isto fez o protesto parar, e as pessoas em procissão se espremeram, como se fosse um acordeão. Mas, naquele momento, Redrick já estava em outro bairro, e Quarterblad já não o poderia alcançar. Ele seguiu para sua própria garagem, passando pelos fundos de uma loja de eletrônicos, porém teve que esperar, pois alguns empregados carregavam televisores em uma van. Ele se acomodou entre os arbustos de lilás, junto a parede de gesso branco sem janelas de uma casa. Ali, ele recuperou o fôlego e aproveitou para fumar um cigarro. Fumava com avidez, pondo, ocasionalmente, as mãos sobre a face ou sobre o peito, na tentativa de se recuperar da taquicardia. Então se pôs a pensar, e ficou pensando e pensando. Quando os empregados da loja terminaram o serviço e se foram com a van, ele sorriu e disse suavemente consigo mesmo:

- Obrigado, rapazes. Fizeram este tonto ficar esperando aqui e lhe deram a chance de pensar...

Então, ele se pôs a andar rapidamente, mas não com muita presa; de forma inteligente e premeditada, exatamente como quando “trabalhava” na Zona; e entrou em sua garagem pela porta dos fundos. Silenciosamente, levantou o velho assento e pegou cuidadosamente o pote de porcelana que estava na cesta embaixo dele, pondo-o por dentro de sua camisa. Pegou sua velha jaqueta de couro, que estava pendurada em um gancho; e encontrou também um boné sujo jogado no canto, colocando-o e puxando-o por sobre os olhos. As fendas da porta da garagem deixavam halos de luz solar entrarem, os quais eram cortados por partículas de poeira que dançavam pelo ar. Do lado de fora, crianças brincavam e gritavam e, enquanto estava saindo, ele reconheceu, no meio delas, a voz de sua filha. Posicionando os olhos na fenda mais larga, viu Martha, através dela, que parecia uma macaquinha, correndo, carregando dois balões, em torno dos balanços; enquanto, sentadas em um banco próximo, três senhoras idosas, tricotando com rolos de lã em seus colos, a olhavam com os lábios franzidos em hostilidade. Aquelas velhotas pareciam trocar entre si suas opiniões imundas;

mas as outras crianças se comportavam bem, brincavam com ela sem se preocupar com nada. Tudo o que tinha se esforçada havia valido a pena, ele havia feito o escorregador, a casa de bonecas, os balanços... e até o banco onde as velhas estavam assentadas. “Tudo está bem”, pensou consigo mesmo, enquanto se afastava da fenda. Ele ainda deu mais uma última olhada na velha garagem antes de voltar para a saída dos fundos.

A sudoeste da cidade, em um posto de gasolina abandonado, ao final da Rua dos Mineiros, havia uma cabine telefônica. Somente Deus saberia quem a utilizava, já que todas as casas daquela região já a muito haviam sido abandonadas e estavam com portas e janelas lacradas por tábuas. Além delas, só o que se via era o enorme terreno baldio que antigamente servia como depósito de lixo. Redrick se assentou à sombra da velha cabine e enfiou sua mão numa rachadura que havia no chão por debaixo dela. Com a mão, ele verificou que ainda estavam ali sua arma, enrolada em um pedaço de papel de cera empoeirado, assim como uma caixinha de chumbo com munições e um saco plástico com socos-ingleses, e sua velha carteira com documentos falsos. Seu esconderijo estava em perfeita ordem, intocado. Retirou a jaqueta e o boné, apanhou de dentro de sua camisa o frasco de porcelana e ali permaneceu por vários minutos, admirando-o em suas mãos. Admirando a invencível e inevitável morte que aquele frasco continha. Um tique nervoso começou a assolá-lo novamente.

- Schuart - ele murmurou como se não ouvisse a própria voz. – O que diabos está fazendo, seu verme asqueroso?! Este troço poderia nos matar a todos!

- Filhos da mãe! - ele gritou pensando nos empregados do depósito de TVs. – Se me pusessem na linha antes... Eu simplesmente jogaria isto de volta na maldita Zona e tudo já estaria acabado...

Ele olhou ao seu redor com tristeza. O ar quente reverberava por sobre o asfalto rachado, as janelas pregadas com tábuas o observavam de forma sombria e pelo terreno baldio rolavam folhas secas empurradas pela brisa. Ele estava completamente só.

- Bem, – ele disse decididamente. – cada um tem que cuidar de si mesmo... Somente Deus cuida de todos... E acho que chegou a minha hora...

Rapidamente, para não correr o risco de mudar de ideia, ele colocou o frasco de porcelana dentro do boné, e envolveu este com a jaqueta. Depois se ajoelhou e empurrou com força a cabine, que se moveu para o lado. O pacote que acabara de fazer cabia perfeitamente no buraco que havia embaixo dela, e ainda sobrava um pouco de espaço. Tornou a mover a cabine, pondo-a de volta no lugar, e verificou se havia ficado firme. Por fim se levantou, limpando a sujeira das mãos.

- Pronto, está tudo arrumado.

Então ele entrou na cabine abafada, colocou uma moeda e discou um número.

- Guta – ele falou. – Por favor, não fique preocupada, mas... me pegaram outra vez...

Ouviu-se um suspiro estremecido, ao que ele rapidamente acrescentou:

- Foi coisa pequena... Uns seis ou oito meses no máximo, e com direito a visitas... Vamos nos acertar... Não lhe faltará nada, eles lhe enviarão dinheiro.

Guta continuou em silêncio.

- Amanhã de manhã lhe chamarão na delegacia... Nós nos veremos ali. Leve a Martha.

- Eles farão alguma inspeção? - ela perguntou.

- Que façam. Não tem nada ai em casa. Não se preocupe, mantenha o bom ânimo. Sabe como é, os olhos brilhantes e a cabeça erguida. Você se casou com um stalker, então não reclame... Amanhã nos veremos... Lembre-se: eu não te liguei. Um beijo, meu amor...

Ele desligou bruscamente, e permaneceu ali, parado, com os olhos fechados e os dentes tão cerrados que chegou a lhe doer os ouvidos. Depois, depositou outra moeda e discou mais um número.

- Estou ouvindo. - atendeu Rouco.

- É o Schuhart, me escuta e não me interrompa.

- Schuhart?! Que Schuhart? - questionou Rouco com naturalidade.

- Já lhe disse que não me interrompa. Me pegaram. Eu escapei, mas vou me entregar. Vou pegar de dois e meio a três anos e minha esposa ficará sem um centavo. Vocês cuidam dela, para que não lhe falte nada, me entendeu? Eu perguntei se me entendeu?!

- Continue. - disse Rouco.

- Perto do lugar onde nos encontramos pela primeira vez. Tem uma cabine telefônica. É a única que tem aqui, não tem como errar. A porcelana está debaixo dela. Se vocês a quiserem, venham pegá-la, se não... não. Mas quero que cuidem da minha esposa. Vou ficar um bom tempo sem vê-la... E se, quando eu voltar, descobrir que vocês jogaram sujo comigo... Será melhor que não o tenham feito... Entendeu?

- Entendi tudo - respondeu Rouco. – Obrigado. Quer que lhe arranjemos um advogado?

- Não – completou Redrick. – Tudo para minha esposa, até o último centavo. Adeus.

Desligou e olhou ao seu redor novamente. Depois, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça se pôs a caminhar, subindo lentamente a rua dos Mineiros, por entre as casas abandonadas.

• [12] No original: *Butcher* (ou, no russo, “Мяснику”, *Myasniku*), literalmente “açougue” ou “matadouro”, usado aqui como gíria ou apelido para um médico. Poderia ter traduzido por “Doutor” (fazendo alusão ao personagem do jogo).

• [13] No original russo, a filha de Red é chamada Мартышка (*Martyshka*), e em inglês é chamada Monkey, ambas palavras se traduzem por “macaca” (ou melhor, pelo contexto, “macaquinha”); um apelido dado a menina pela aparência animalesca e por ser muito bagunceira.

Optei pelo nome Martha por soar parecido e por ser o nome dado a filha do stalker no filme de Tarkovsky. Na terceira parte da história se revela que seu verdadeiro nome é Maria. (veja nota de rodapé 41)

- [14] No original: URSS (sigla para “União Soviética”).
- [15] Os nomes que o livro dá aos artefatos em inglês são os seguintes: empties, pins, batteries, bracelets, black sprays, sponges, itchers, carbonated clay; e os nomes originais em russo são: пустышки, булавками, батареек, Браслета, чёрных брызг, губки, зуды, газированной глины. Tentei fazer uma relação entre estes artefatos e os que aparecem nos jogos; os “vazios”, “braceletes”, “pó de mico” e a “argila carbonada” não parecem ser relacionados com nenhum, os demais podem ser representados pelos seguintes artefatos do jogo: crystal thorn (“espinho”), flame battery ou shell (“bateria”), droplet (“gota negra”), slime ou slug ou sparkler (“esponja”).
- [16] O texto original descreve o recipiente como sendo de “polietileno”, que nada mais é do que o polímero (também chamado de “polieteno”) utilizado na fabricação dos tipos mais comuns de plásticos.
- [17] Transliteração aproximada da interjeição original Ах, expressão idiomática do russo usada para exprimir surpresa (dentre outras coisas). Poderia ser entendida como “nossa!”, “eita!”, “arre!”. Para o inglês foi traduzido como um simples “Oh! Oh!”
- [18] Originalmente: *Lucky Strike*, marca norte-americana de cigarro.
- [19] Originalmente: em inglês, *Bones*; ou seja, “Ossos”; porém o termo original em russo (Костлявый, *Kostlyavy*) seria melhor traduzido por “Ossudo”
- [20] Originalmente: *Throaty* (em inglês) ou Хрипатый (*Khripaty*, em russo), tendo o mesmo significado: “Rouco”.
- [21] No original russo Суслик (“Suslik”), denominação dada a pequenos roedores subterrâneos, aparentados aos esquilos e marmotas, chamados popularmente em inglês de “gopher”. Na tradução em inglês do livro ele é chamado “Hamster”, mas optei por manter o mais próximo possível do original. Outras traduções que poderia usar (pelo contexto) seriam “Marmota”, “Cobaia” e/ou “Esquilo”.

3. RICHARD H. NOONAN, 51 ANOS, SUPERVISOR DE COMPRAS DE EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS NA DIVISÃO HARMONT DO I.I.C.E.

Richard H. Noonan estava em seu escritório, sentado em sua mesa, rabiscando um grande bloco de notas. Ele sorria simpaticamente e acenava com sua cabeça calva, embora não prestasse atenção às palavras de seu visitante. Não estava fazendo nada ali, além de aguardar um telefonema, enquanto seu visitante, o Dr. Valentine Pilman, lhe prestava um sermão preguiçosamente. Pelo menos pensava que lhe estava prestando um sermão; ou simplesmente se convencia a si mesmo que estava fazendo isto.

- Bom, levando em conta tudo isto... - respondeu finalmente Noonan, após cortar outro grupo de cinco linhas que completavam a folha do bloco – É realmente muito estranho.

A esbelta mão de Valentine se esticou e sacudiu graciosamente as cinzas de seu cigarro no cinzeiro, enquanto, educadamente, lhe perguntava:

- E o que, exatamente, você está “levando em conta”?

- Bem... Tudo isto que o senhor acabou de falar – respondeu Noonan pronta e alegremente, esticando-se em sua cadeira – Até a última palavra.

- E o que foi que eu acabei de falar?

- Ah... Isto não importa. O importante é que nós levaremos em conta tudo o que tenha dito.

Valentine (o “Doutor” Valentine Pilman, ganhador de um prêmio Nobel) estava sentado diante dele, em uma simples cadeira. Ele era pequeno, magro e elegante. Não havia sequer uma mancha em seu casaco de camurça ou qualquer ruga em sua calça. A camisa era de um branco simplesmente perfeito, contrastando com a gravata de cor lisa e escura, e os sapatos tão engraxados que reluziam. Também usava óculos escuros lhe cobrindo os olhos e um sorriso malicioso nos lábios finos e pálidos. Sua testa larga era contornada por cabelos negros e curtos, quase raspados.

- Em minha opinião, você recebe um salário muito alto para não fazer nada - ele disse. – E também, em minha opinião, está nos sabotando, Dick.

- Shhhh – respondeu Noonan – Não fale isso em voz alta, pelo amor de Deus.

- Na verdade, – acrescentou Valentine – faz muito tempo que eu o estou observando. Acho que você não faz absolutamente nada.

- Espere um momento. - respondeu Dick, erguendo seu dedo rosado. – Como assim eu não faço absolutamente nada? Por acaso eu já deixei de lhes responder sequer um pedido? Os deixei sem resposta alguma vez sequer?

- Não sei. - respondeu Valentine, voltando a sacudir suas cinzas – Recebemos tanto equipamentos bons, quando ruins. De fato, os bons são mais frequentes, mas não sei o que isso tem a ver com você, ou se tem algo a ver...

- Bem, se não fosse por minha causa, os equipamentos bons seriam bem mais raros. Além disso, vocês cientistas quebram muitos bons equipamentos e depois ficam pedindo reembolso. E quem o senhor acha que lhes cobre as costas? Por exemplo...

Neste momento eles foram interrompidos pelo toque do telefone. Noonan o atendeu rapidamente.

- Senhor Noonan? - perguntou a secretária – Outra vez o Sr. Lemchen.

- Transfira.

Valentine se levantou, acenou com dois dedos erguidos, se despedindo, e saiu do escritório. Era realmente baixinho, mesmo em pé.

- Sr. Noonan? - perguntou uma voz pesada e familiar ao telefone.

- Sim, estou ouvindo.

- Não é nada fácil falar com você em seu escritório.

- É que acabou de chegar uma nova entrega.

- Sim, eu já estou sabendo, sr. Noonan. Estarei na cidade por pouco tempo. Queria que pudéssemos discutir pessoalmente certas coisas, e estou me referindo aos detalhes dos últimos contratos com a Mitsubishi Denshi, com todos os aspectos legais...

- Estou às ordens.

- Neste caso, porque não passa aqui, no meu escritório, em meia hora? O que lhe parece, está bom?

- Está perfeito, dentro de meia hora então.

Richard Noonan desligou o telefone e se levantou esfregando as rechonchudas mãos uma na outra. Atravessou o escritório cantarolando alguma canção pop juvenil da moda, se interrompendo em uma nota especialmente aguda, passando a rir de si mesmo por aquilo. Pegou seu chapéu, jogou o casaco por sobre o ombro e saiu em direção a recepção.

- Vou me encontrar com alguns clientes, minha linda. – disse para a secretária. – Fique aqui e, como dizem, cubra as minhas costas. Quando voltar, lhe trago um presente.

Ela pareceu ficar transtornada, ao que Noonan lhe mandou um beijo no ar e saiu para o corredor do Instituto. Em alguns pontos do corredor ele foi parado por algumas pessoas lhe pedindo informações e explicações, conversas das quais ele conseguia se safar, pedindo aos requisitantes que lhe “cobrissem as costas” ou, simplesmente, que tivessem mais paciência. Por fim, ele conseguiu sair, ileso e sem comprometimento algum, agitando seu passe na frente do sargento responsável pela portaria do Instituto, para que lhe abrisse o portão.

Nuvens pesadas e cinzas se estendiam por sobre a cidade. Era um dia escuro, e as primeiras gotas de chuva já começavam a cair sobre o asfalto do estacionamento, marcando diversos pontos mais escuros nele. Noonan pôs o casaco por sobre a cabeça e os ombros e correu ao longo da fila de carros, até alcançar o seu Peugeot; entrou rapidamente e jogou o casaco para o banco de trás. Tirou o “ISTO” [22] do bolso e o pôs no encaixe da ignição, empurrando com o polegar até o encaixar totalmente; acomodou-se no banco e esperou a partida. O Peugeot deslizou suavemente através da rua, indo em direção a saída da Pré-Zona.

O temporal caiu de uma só vez, como se um balde d’água tivesse sido derramado desde os céus. O asfalto tornara-se escorregadio com a água, o que fazia o carro derrapar levemente nas curvas, Noonan ligou os limpadores de para-brisas e diminuir bem a velocidade. Ele começou a pensar consigo mesmo: “Então, eles receberam os relatórios e, agora, devem começar a me elogiar... Bem, eu estou aqui para isso e mereço o reconhecimento; principalmente se for do Sr. Lemchen em pessoa. Apesar de tudo, isto é estranho, não é? O tanto que gostamos de ser elogiados. Elogios não nos dão dinheiro, não tem valor monetário. Reconhecimento? Sou reconhecido pelo quê? Por quem? Ah, sim, claro, sou famoso: três pessoas me conhecem! Não, espera, são quatro se contar também a Beylisa [23]. Criatura engraçada é o tal do ser humano. Parece que nós, simplesmente, gostamos de ser elogiados, tal como crianças gostam de sorvete. É uma verdadeira estupidez. É a forma de parecermos melhores aos nossos próprios olhos? Como se eu não conhecesse a mim mesmo... O velho e gordo Richard H. Noonan... A propósito, do que é este H [24] mesmo? As vezes eu mesmo me esqueço... E não tenho ninguém para perguntar... Não é algo para se perguntar ao sr. Lemchen... Ah, lembrei: Herbert! Richard Herbert Noonan. Nossa, está caindo um verdadeiro dilúvio...”

Ele entrou na avenida Central e de repente se deu conta do quanto aquela cidade havia crescido nos últimos anos. Agora a avenida estava margeada por arranha-céus, e estavam construindo mais um. Seria o *Luna Complex* [25], “o melhor do jazz mundial, shows de variedade e blá, blá, blá...” Tudo para entreter nossos valentes soldados e valorosos turistas, especialmente os idosos... Sem esquecer também os nobres cavaleiros da ciência. Enquanto isso, os subúrbios esvaziavam cada vez mais...

Seria interessante saber como tudo isto terminaria. Bem, a dez anos atrás a aposta mais segura seria cordões militares impenetráveis, uma zona de exclusão de pelo menos 30 [26] quilômetros, acessível apenas a cientistas e soldados, nada mais do que isto. Uma horrível cicatriz no rosto do planeta, [27] perfeitamente isolada do resto do mundo.

Muitos pensavam que seria assim. Houve tantos discursos, tanta burocracia... E agora,

ninguém sequer se lembra de como foi que uma determinação tão firme quanto esta se tornou tão maleável quanto geleia... “Por um lado temos que aceitar, mas, por outro, não podemos deixar de questionar.” Acho que tudo começou quando os stalkers trouxeram os primeiros artefatos para fora da Zona. Os primeiros foram as “Baterias”, se não me engano... Quanto se descobriu então que as “Baterias” se recarregavam e multiplicavam sozinhas... Ainda mais quando se utilizaram delas para fazer o “ISTO”... A Zona já não era mais uma feia cicatriz, mas havia se tornado uma espécie de baú do tesouro... Agora, já não há ninguém que saiba o que ela realmente é... Uma doença, uma dádiva, uma tentação do demônio, a Caixa de Pandora, o inferno na Terra... Mesmo assim a usufruem como podem... Já são vinte anos grunhindo e rosnando teorias, desperdiçando bilhões para tentar organizar a “pilhagem”, sem resultados práticos. Todos tem seus próprios interesses e trabalham em prol unicamente deles, enquanto os cientistas transmitem, com um ar de máxima importância, suas descobertas, tais como “determinado objeto ao ser bombardeado por raios-X em um ângulo de 18°, irradia, em resposta, elétrons radiotérmicos [28] em um ângulo de 22°”... Vão para o inferno, não vou mesmo viver o suficiente para ver como tudo isso acaba...

O veículo passou de frente a casa que Corvo Burbidge tinha no Centro. Devido ao temporal, todas as luzes estavam acessas. Nas janelas do segundo andar, podiam-se ver silhuetas de diversas pessoas dançando, coisa da charmosa Dina. Provavelmente estavam apenas começando, ou talvez já o estivessem esticando desde a noite passada... Era a nova moda na cidade: organizar festas que duravam dias. Com certeza estamos criando jovens muito fortes, resistentes e persistentes na busca por seus interesses...

Noonan estacionou o carro na frente de um antigo prédio, nada bonito, que possuía um discreto cartaz escrito: “Escritório de advocacia Korsch, Korsch e Saymak”. Desligou o carro, guardou o “ISTO” no bolso, pôs o seu chapéu e saiu correndo com o casaco por sobre a cabeça e os ombros, em direção a entrada. Passou rapidamente pelo porteiro, que estava oculto por detrás de um jornal, e subiu as escadas, recobertas por um carpete velho e gasto. Seus passos ecoavam enquanto ele seguia pelo escuro corredor do segundo andar. [29] Aquele lugar exalava um odor estranho, o qual Noonan já havia desistido de identificar a muito tempo. Ele seguiu até a última porta do corredor e a adentrou.

Na sala de espera, ao invés da tradicional secretária, estava um rapaz desconhecido, de pele bem bronzeada, sem paletó e com as mangas da camisa arregaçadas; o qual verificava os componentes de um aparelho eletrônico desmontado sobre a mesa. [30]

Richard pendurou o casaco e o chapéu, alisando o que lhe restava de cabelo, passando as mãos simultaneamente por trás das orelhas e olhou de forma indagante ao jovem, o qual lhe acenou com um movimento de cabeça. Por fim, Noonan abriu a porta do escritório. O senhor Lemchen se levantou lentamente de sua grande cadeira de couro, a qual estava acomodada de frente a uma janela, fechada por suas cortinas. Seu grande rosto de feições militares estava franzida, talvez aquilo fosse uma tentativa de fazer um sorriso de boas vindas, talvez estivesse descontente por causa do mal tempo, ou poderia, ainda, estar segurando um espirro.

- Ah, ai está você. - ele lhe disse lentamente – Vamos, entre, fique à vontade.

Noonan buscou onde se pôr cômodo naquele escritório, porém apenas o que via ali era

uma cadeira dura, de encosto reto, abandonada no canto da mesa, assim ele preferiu se encostar na borda da mesa. Seu ânimo jovial estava desaparecendo por algum motivo, o qual ele próprio desconhecia. Até que rapidamente se deu conta: neste dia não haveriam elogios. Pelo contrário, este seria “O Dia da Ira”, ele pensou filosoficamente, enquanto preparava-se mentalmente para o pior.

- Se quiser, pode fumar. - o senhor Lemchen lhe disse, enquanto voltava a se assentar em sua grande cadeira.

- Obrigado, senhor, mas eu não fumo.

Lemchen acenou com a cabeça como se aquilo fosse a confirmação de suas piores suspeitas. Ele juntou as pontas de seus dedos, como que formando uma torre com as mãos e as ficou olhando por alguns segundos, após os quais, afirmou:

- Acho que nós não vamos discutir as questões legais da Mitsubishi Denshi Company.

Aquilo fora uma piada, diante da qual Richard Noonan, imediatamente, sorriu e respondeu:

- Como quiser!

Ele estava realmente incomodado com aquela situação, além do que, ao se apoiar na borda da mesa seus pés mal tocavam o chão.

- Eu sinto lhe dizer, Richard, mas o seu relatório causou uma impressão muito favorável entre os lá de cima...

“Hum, ai vem...” Noonan pensava consigo mesmo.

- Estavam inclusive para recomendá-lo a uma condecoração. – prosseguiu o senhor Lemchen – Porém eu os adverti que esperassem um pouco mais; e eu tinha razão... - neste momento ele pareceu se esforçar para abandonar a contemplação de suas mãos com os dedos em forma de torre e olhou fixamente para Noonan – Você teve estar se perguntando o porquê de eu ter me comportado de maneira tão cautelosa.

- Provavelmente teve os seus motivos. - respondeu Noonan de forma inexpressiva.

- Sim, eu os tive. Quais são os resultados de seu relatório, Richard? A gangue do Metrôpole foi desmantelada, graças aos seus esforços. O grupo “Flor Verde” foi todo pego em flagrante. Brilhante trabalho, também seu. O “Quasímodo”, os “Músicos Vagabundos” e todos os demais grupos... Não me recordo os nomes de todos agora, mas, enfim, todos se desfizeram, fugiram, sabendo que, hora ou outra, também seriam pegos. Tudo isso realmente aconteceu, confirmamos ao cruzar informações de diversas fontes. Nós limpamos o campo de batalha e essa vitória é graças a você, Richard. O inimigo se retirou em debandada, sofrendo severas baixas. Esta é a situação atual, não é mesmo?

- De qualquer forma, – Noonan falou cautelosamente – nos últimos três meses, a perda de materiais oriundos da Zona através de Harmont, cessou. Pelo menos segundo os informes

dos quais disponho.

- Então, o inimigo se retirou, certo?

- Bem, se o senhor prefere usar esta metáfora; sim.

- Não! Não é assim! - asseverou o Sr. Lemchen – O fato é que este inimigo nunca recua! Eu sei que isto é ruim, mas é a verdade. Ao apressar seus relatórios de vitória, você demonstrou grande imaturidade. E foi por isso que eu sugeri de imediato que adiassem qualquer recompensa a sua pessoa.

“Vá para o inferno você e suas recompensas”, pensou Noonan enquanto balançava um dos pés, se admirando com o brilho de seu sapato. “Enfie estas suas recompensas no sótão, juntando teias de aranha, não preciso de seus sermões moralistas para saber com que tipos de pessoas estamos lidando. Não me venha com este papo furado de ‘o inimigo’; simplesmente me diga quanto, onde e como eu errei e o que estes bastardos filhos da puta roubaram desta vez, onde roubaram e qual a brecha na segurança que eles usaram para passar... Sem toda esta besteirada, pois não sou nenhum novato estúpido, já estou nisso a quase meio século, e não estou aqui por suas recompensas e condecorações idiotas...”

- O que você sabe sobre a Esfera Dourada? - Lemchen lhe perguntou subitamente.

“Deus do céu, o que tem a ver a Esfera Dourada com tudo isso?”, Noonan, irritado, pensou; “Porque não vai para o inferno com todas essas suas indiretas”; mas, respondeu a pergunta, informando com um tom entediado:

- A Esfera Dourada é uma lenda. Um artefato místico que estaria no centro da Zona, teria a forma de uma “bola de ouro” e concederia desejos aos homens.

- Qualquer desejo?

- Bem, segundo a versão canônica da lenda, sim, qualquer desejo. Porém, existem versões distintas da lenda.

- Sim, de acordo, e o que sabe sobre os “queimadores da morte”?

- Há oito anos, um stalker chamado Stefano Norman, vulgo “Quatro-Olhos”, trouxe da Zona algum tipo de artefato que, até onde se sabe, era algum tipo de emissor de uma radiação fatal para qualquer organismo terrestre. Este tal “Quatro-Olhos” chegou a oferecer o artefato para o Instituto, mas, não conseguiram chegar a um consenso sobre o preço. “Quatro-Olhos” voltou a adentrar-se à Zona e nunca mais foi visto. Também é desconhecido o paradeiro atual do tal artefato. O pessoal do Instituto evita a todo custo tal assunto e Hugh (o do Metrópole, você o conhece) oferece qualquer valor que se possa escrever em um cheque por ele.

- Isso é tudo o que você sabe? - perguntou Lemchen.

- Sim, é tudo. - Noonan passeava com o olhar ao longo daquela sala, era um lugar entediante, com absolutamente nada para se olhar.

- Muito bem, muito bem. E o que sabes sobre os “olhos de palinuro”?

- Como assim olhos?

- Olhos de palinuro... Lagosta[31], sabe? Estas que tem pinças. – explicou Lemchen, movendo as mãos como se fossem as tenazes do animal.

- Nunca ouvi falar deles – Noonan respondeu franzindo a testa.

- E sobre as “folhas chocalho” [32]?

Noonan desencostou da mesa e se pôs de frente para Lemchen, com as mãos nos bolsos, enquanto lhe respondera:

- Não sei nada sobre elas, e você?

- Infelizmente, eu também não sei nada. Nem sobre as “folhas chocalho”, nem sobre os “olhos de palinuro”. Mas eles existem.

- Em nossa Zona?

- Sente-se, sente-se. - indicou Lemchen – Nós mal começamos a conversar. Sente-se.

Noonan deu uma volta pela sala e, por fim, se assentou na cadeira dura de assento reto, enquanto pensava febrilmente: “Aonde está querendo chegar? O que é todo este material novo? Talvez os tenham encontrado nas outras Zonas e está tentando me fazer de bobo, este porco idiota. Ele nunca gostou de mim, maldito velhaco, não consegue esquecer aquele embuste...”

- Vamos, continuemos com nossa pequena revisão. - comentou Lemchen, enquanto abria um pequeno canto da cortina e olhava pela janela – Está um verdadeiro dilúvio lá fora, eu gosto assim. - Ele soltou a cortina, voltou a sentar-se e, olhando para o teto, perguntou – Como anda o velho Burbridge?

- Burbridge? Corvo Burbridge está sendo vigiado. Está inválido, mas parece levar uma vida muito boa. Já não parece mais ter vínculos com a Zona. Atualmente é dono de quatro bares e uma escola de dança. Além de organizar eventos para oficiais da cidade, e também para turistas. Sua filha Dina parece levar uma vida desregrada, enquanto que o filho, Arthur, acaba de se formar em Direito.

Lemchen acenou com a cabeça, demonstrando satisfação.

- E quanto a Creonte, o Maltês, o que ele anda fazendo?

- Ele é um dos poucos stalkers ainda ativos. Já estive envolvido com o grupo de Quasímodo, mas, agora, vende tudo o que acha para o Instituto, através de mim, é claro. Eu lhe concedo anistia, pois não é má pessoa. Mas, ultimamente, tem bebido demais, e temo que ele não vá durar muito mais tempo.

- Ele tem contato com Burbridge?

- Até onde sei, segue a Dina em tudo que ela faz... Tentando conquistá-la... Pelo que sei, sem nenhum resultado.

- Muito bem. - disse o senhor Lemchen – Sabes algo de Red Schuhart?

- Saiu da cadeia no mês passado. Parece não ter dificuldades econômicas. Decidiu emigrar, mas está com... - Noonan fez uma pausa, antes de completar – Bom, está passando por problemas familiares. Parece que não lhe sobra tempo para se preocupar com a Zona.

- E isso é tudo?

- Sim.

- Não parece muita coisa. O que aconteceu com Carter, o Sortudo?

- Faz muito tempo que deixou de ser stalker. Vende carros usados e tem uma pequena oficina mecânica para adaptar o uso do “ISTO” em carros. Tem quatro filhos, a esposa morreu ano passado, mas ainda mantêm a sogra.

Lamchen acenou novamente com a cabeça.

- Bem, estou esquecendo algum de nossos “velhos amigos”? - ele perguntou amavelmente.

- Jonathan Milles, mais conhecido como “o Cacto”. Ele está internado no hospital, morrendo devido a um câncer. Esqueceu também a Gotalín.

- Ah sim, claro. Sabes algo de Gotalín?

- Segue o mesmo de sempre. Trabalha com mais uns três homens. Costumam ir a Zona e passam vários dias ali, destruindo tudo o que podem. Sua antiga organização, os “Anjos Lutadores”, acabou se desfazendo.

- Por que?

- Bem, você deve se lembrar que eles costumavam comprar os saques dos stalkers. Gotalín então o levava de volta a Zona, “as coisas do demônio devem ficar com o demônio”. Agora já não tem mais de quem comprar, além disso, o novo diretor do Instituto convenceu a polícia a persegui-los.

- Entendo – Lemchen consentiu. – Há algo sobre novatos?

- Bem, novatos surgem e desaparecem. Há uns cinco ou seis com alguma experiência, mas, ultimamente, já não tem quem lhes comprem os saques, logo, estão perdidos. Os estou encontrando um a um. Acredito que os stalkers estão extintos em nossa Zona, chefe. Os mestres já se retiraram, os novatos não sabem o que fazer e já não há estímulos para a “profissão”. A tecnologia tem ganhado cada vez mais terreno. Agora temos “stalkers

robóticos”.

- Sim, sim, eu já ouvi falar sobre isso. Mas, estas máquinas são muito custosas, ou será que estou enganado?

- Isto é uma questão de tempo, em breve, elas já terão pago e compensado o investimento.

- De quanto tempo estamos falando?

- Creio que uns cinco ou seis anos.

O senhor Lemchen voltou a consentir com a cabeça antes de declarar:

- A propósito, talvez você não saiba, mas nossos inimigos podem também estar usando estes “stalkers robóticos”.

- Em nossa Zona? - perguntou Noonan, colocando-se na defensiva.

- Sim, em todas elas. Aqui, parecem ter sua base em Rexopolis, de onde levam o equipamento de helicóptero, por sobre as montanhas, até o Cânion da Serpente, o Vale Escuro ou a base do Monte Rochoso

- Mas esta é apenas a periferia da Zona – respondeu Noonan de forma perspicaz – Estas áreas já estão praticamente vazias. Não podem encontrar nada ali.

- Encontram pouco, muito pouco. Mas, ainda assim, encontram. De qualquer jeito, é apenas uma informação, nada mais do que isso, e não é de sua responsabilidade. Bem, recapitulemos: em Harmont praticamente já não há mais stalkers “profissionais”. Os que ainda vivem aqui já não tem mais vínculos com a Zona; e os novatos estão perdidos e sem qualquer estímulo para continuar nesta vida. O inimigo está derrotado e se escondeu em algum canto para lamber suas feridas. Já não há saques, e quanto há, não se tem para quem vender. A retirada ilegal de materiais da Zona de Harmont cessaram a praticamente três meses. Correto?

Noonan aguardou em silêncio, pensando consigo mesmo: “É agora que ele vai me atacar, mas aonde está o erro? Tem que ser alguma coisa realmente grande. Bom, vamos, maldito velhaco, fale logo! Não fique enrolando.”

- Não ouvi sua resposta. - observou o senhor Lemchen, colocando a mão em torno de sua orelha enrugada.

- Bem chefe... - disse Noonan temeroso – Já basta disso. Você me tem nas mãos, então diga logo o que tem para me dizer.

O senhor Lemchen pigarreou forte, antes de comentar amarguradamente:

- Então, não tem nada para dizer em sua defesa? Simplesmente fica ai, de cabeça baixa diante de um superior. Como acha que eu me senti anteontem? - ele se interrompeu para

se levantar da cadeira e andar até a proximidade de um cofre – Resumindo: nos últimos dois meses, segundo nossas fontes, mais de seis mil artefatos provenientes das diferentes Zonas chegaram as mãos de nossos inimigos. - ele deu um forte tapa na tampa do cofre que estava diante dele, e se voltou asperamente para Noonan. - Não se console com ilusões! - gritou – Temos as impressões digitais de Burbridge! Do Maltês! E as de Ben Havelly, o Enxerido, o qual você nem mesmo ousou mencionar! Assim como as de Heresh, o Hindu, e de Zmyg, o Pigmeu! Então é assim que você tem controlado os novatos?! Há “braceletes”, “espinhos”, “argolas brancas”... E, como se não bastassem, agora também há estes tais “olhos de lagosta”, “caudas de cão”, “folhas chacoalhantes”... Seja lá o que forem, para o inferno com tudo isso! - novamente ele se interrompeu – caminhou de volta a sua mesa e tornou a se sentar, juntando novamente as pontas dos dedos – O que você acha sobre tudo isso, Richard?

Noonan puxou um lenço e seu bolso e enxugou o suor da face.

- Eu... Eu não sei de nada disso tudo... - ele respondeu sinceramente – Me perdoe chefe... Mas, estou um pouco... Me deixe recuperar um pouco o fôlego... Burbridge... Mas, Burbridge já não tem mais nada a ver com a Zona, seguimos todos os seus passos... Organiza eventos ao ar livre... A beira de lagos... E lucra muito com isso... Não precisa de mais dinheiro. Me desculpe, talvez esteja falando besteira, mas não o perdi de vista deste de que saiu do hospital.

- Bem, não vou segurá-lo por mais tempo – disse o senhor Lemchen – Lhe concedo uma semana, para ver se me traz alguma evidência de como este material da Zona passa pelas mãos de Burbridge, e dos demais. Adeus.

Noonan se levantou, despediu-se rapidamente e saiu para a recepção, ainda usando o lenço para enxugar o suor que lhe escorria pelo pescoço. O jovem bronzeado agora permanecia parado, fumando enquanto contemplava o aparelho [\[33\]](#) desmontado sobre sua mesa. Seu olhar, que se dirigiu rapidamente para Noonan, se mostrava vazio.

Richard Noonan pôs o chapéu de volta na cabeça, pegou o seu casaco e saiu. Nunca lhe havia ocorrido nada como aquilo. Sua mente estava confusa e seus pensamentos pareciam se emaranhar cada vez mais: “Isto não pode ser... Ben J. Havelly, o Enxerido?! O desgraçado já tem até um apelido! Mas, ele não passa de um novato! Um novato imprestável ainda por cima... Ah, Burbridge, seu aleijado idiota... Você me armou uma e eu caí... Você me pegou com as calças arriadas... Como isso pode acontecer? Igual como em Cingapura... batendo com a minha cara numa mesa e, depois, com a nuca numa parede...”

Ele entrou no carro, e ficou parado ali por um tempo, observando o painel. Não se lembrava aonde estavam as chaves. Não se lembrava que já não haviam chaves. Água da chuva derramou de seu chapéu e respingou em suas pernas, ao que ele o tirou e o jogou no banco de trás, sem olhar. A chuva caía torrencialmente no para-brisas, e Richard chegou a pensar que era por causa disso que ele não conseguia se concentrar e decidir qual seria o próximo passo a dar. Ele ergueu a mão e a bateu em um tapa contra a testa careca. Estranhamente, ele se sentiu melhor após fazer isso. Ao menos se lembrou que não encontraria as chaves do carro, pois não as utilizava, e que o “ISTO” estava no bolso de seu casaco. “A ‘bateria eterna’, tenho que tirá-la do bolso, droga... e colocar no encaixe da ignição. Assim posso pelo menos sair com o carro e ir para algum lugar... Qualquer lugar longe deste

prédio, onde aquele velho filho da puta está, provavelmente me olhando de alguma janela...” No momento em que apanhava o “ISTO” em seu bolso e o tinha na mão, ficou imóvel por um tempo ao concluir: “Já sei por onde começar. Começarei com ele. Ah, é isso mesmo, começar com ele! Ninguém como eu jamais começou algo deste gênero com alguém como ele... E isto será muito bom.” Ele então ligou os limpadores de para-brisa e desceu a avenida, sem prestar atenção em quase nada a sua frente, mas, estava, aos poucos, se acalmando. “Tudo bem então, que seja como foi em Cingapura. Afinal, no final das contas, tudo terminou bem. Se bateram minha cara contra uma mesa, foi só uma vez... Poderia ter sido pior, poderia ter sido outra parte de meu corpo... Poderia ter sido contra algo com pontas afiadas em vez de uma mesa. Bem, sigamos a pista. Onde fica mesmo o seu pequeno negócio, não enxergo nada... Ah, ali está ele!”

Não era horário de expediente, mas, o “Cinco Minutos” estava ali, tão iluminado quanto a fachada do Metrópole. Tremendo como um cachorro que acabara de sair da água, Richard entrou naquele local tão iluminado, que cheirava a perfume, tabaco e champagne vencidos. O velho Benny estava sentado no balcão, ainda sem o uniforme, comendo algo com um garfo que segurava firmemente. Na frente dele, assistindo-o comer, estava a Madame, com os enormes seios apoiados no balcão, próximos a vários copos vazios. O hall de entrada ainda nem havia sido limpo da noite passada. Quando Noonan adentrou, Madame, de imediato, o encarou com seu rosto muito maquiado, de início, ela parecia mal-humorada, mas, logo sua face se abriu em um sorriso profissional.

- Oh – ela lhe disse – O senhor Noonan em pessoa?! O que houve? Com saudades das meninas?

Benny continuou a comer sem perceber nada, era mais surdo que uma porta.

- Saudações, minha dama. Me diga, por que eu iria querer menininhas, se tenho diante de mim uma mulher completa?

Por fim, Benny percebera sua presença e contorceu o horrendo rosto, repleto de cicatrizes azuis e roxas, na tentativa de expressar um sorriso de boas-vindas, enquanto o saudava:

- Olá, patrão! Foi a chuva que o trouxe?

Ao que Noonan apenas sorriu e lhe acenou com a mão em resposta, ele não gostava de falar com Benny por ser obrigado a gritar constantemente.

- Bom, amigos, onde está meu gerente favorito? - Richard perguntou.

- Em sua sala. - respondeu a Madame – Amanhã ele tem que pagar os impostos.

- Ah sim, sei como são estes impostos. Bem, Madame, por favor me prepare o de sempre, eu volto logo.

Ele caminhou silenciosamente por sobre o carpete de tecido sintético, cruzou o salão e as entradas encortinadas de diversos cubículos, junto a cada um deles havia uma flor pintada

na parede. Entrou silenciosamente no corredor após eles e entrou, sem bater, pela porta revestida com couro, que havia em seu final.

Mosul Kitty estava sentado em sua mesa, examinando em um espelho uma dolorosa ferida que tinha no nariz. Não lhe importavam em nada os impostos que teria que pagar no dia seguinte. Em sua mesa, vazia, não havia nada além de um frasco de Timerosal[34] e um copo com algum tipo de bebida esbranquiçada. Mosul Kitty olhou na direção de Noonan com os olhos irritados e se levantou subitamente da cadeira, deixando cair o espelho que segurava. Noonan, por sua vez, sem dizer nenhuma palavra, adentrou-se a sala e tomou assento na cadeira de frente para ele, onde o ouviu murmurar algo sobre aquela maldita chuva e o seu reumatismo antes de lhe dizer:

- Hey, por que não nos fecha a porta, amigo.

Mosul correu até a porta, batendo com seus grandes sapatos no chão, trancou a chave e voltou para sua mesa. Ele, então, se voltou para Noonan, com sua cabeça cabeluda e olhar fixo. Noonan continuava lhe encarando com os olhos parcialmente fechados, lembrou-se então que o verdadeiro nome de Mosul Kitty era Rafael. Aquele homem era famoso pelos enormes punhos, ossudos e com um tom arroxeadado, sem pelos, o que os destacavam de seus braços muito peludos (os quais lhe faziam parecer usar um casaco). Ele passou a usar o apelido Kitty[35] porque acreditava piamente que este era um nome tradicionalmente utilizado pelos antigos grandes reis mongóis[36].

- Rafael, bem, Rafaelzinho... Como andam as coisas? - Noonan perguntou gentilmente.

- Tudo está em ordem, chefe. - Rafael Mosul respondeu rapidamente

- Resolveu o problema com a delegacia?

- Nos custou cento e cinquenta, mas agora todos estão felizes...

- Isso sairá do seu bolso, afinal, foi sua culpa, meu amigo. Terá que se responsabilizar por isso.

Mosul assumiu uma expressão patética na face, mas, lhe estendeu as mãos, como um sinal de aceitação.

- É preciso trocar o piso do hall de entrada. - disse Noonan.

- Faremos isso.

Noonan fez uma pausa, franzindo os lábios.

- Temos "algo"? - ele perguntou em voz baixa.

- Temos um pouco... - respondeu Mosul, também em voz baixa.

- Vamos vê-lo.

Mosul foi até o cofre, pegou um pacote e a abriu sobre a mesa, na frente de Noonan. Este remexeu com o dedo as diversas “gotas negras” de seu interior; recolheu um “bracelete” e o examinou de todos os ângulos, antes de o devolver.

- Só isso?

- Eles não nos trazem mais... - explicou Mosul, com um tom de culpa na voz.

- Então, eles não trazem mais... - repetiu Noonan; que se levantou cuidadosamente e chutou a canela de Mosul com toda a sua força. Este, gemendo de dor, se abaixou e se agarrou à parte dolorida de sua perna; mas rapidamente voltou a se levantar e se posicionar firmemente diante de Noonan, o qual se lançou contra ele, agarrando-o pelo colarinho e sacudindo-o violentamente, enquanto lhe desferia uma enxurrada de xingamentos. Mosul, gemendo e grunhindo, deixava sua cabeça ir e voltar com os trancos, até, por fim, ser jogado e cair por sobre o sofá do escritório.

- Então está trabalhando para os bandidos, não é mesmo? Seu grande filho da puta lazarento – Noonan chiava diante de seus olhos atemorizados. – O Corvo Burbridge está nadando em artefatos e você me traz pedrinhas embrulhadas numa folha de papel! - Noonan lhe acertou um tapa no rosto, exatamente sobre a ferida de seu nariz – Vou fazer com que te prendam! Você vai dormir sobre um monte de merda e comer o pão que o diabo amassou... Vai se arrepender de ter nascido! - e lhe deu outro tapa no nariz ferido – Por onde Burbridge está recebendo artefatos?! Por que os novatos estão levando para ele em vez de trazer para você?! Quem lhe está fornecendo?! Como fazem isto sem que eu fique sabendo de nada?! Para quem você está trabalhando seu porco imundo?! Fale!

Mosul abriu e fechou a boca mudo, Noonan o largou e voltou a se sentar em sua cadeira, colocando os pés sobre a mesa.

- E então? - ele perguntou.

Mosul limpou o sangue que lhe escorria do nariz e disse:

- O que está havendo, chefe?! Não é possível que Burbridge tenha artefatos... Não tem como ter, ninguém tem!

- O quê? Está discordando do que eu falei? - perguntou suavemente Noonan, baixando os pés de cima da mesa.

- Não, não, chefe, de jeito nenhum – respondeu apressadamente – Eu discordando do senhor? Nem em sonho!

- Vou me desfazer de você – Noonan o ameaçou. – Afinal, você não sabe trabalhar... Então, para que diabos você me serve? Inúteis como você eu conheço dezenas, preciso de um homem de verdade, que dê conta do trabalho.

- Espera um pouco chefe... - replicou Mosul, com o rosto todo sujo de sangue. – Por que está me atacando assim, do nada? Vamos conversar um pouco - ele voltou a tentar limpar

o sangue de seu nariz, antes de continuar. – Você está dizendo que Burbridge está cheio de artefatos; não sei, mas acho que alguém está lhe mentindo; nestes últimos tempos, ninguém tem artefatos. Além do mais, apenas novatos têm entrado na Zona, e retornam sem nada... Desculpe chefe, mas alguém está mentindo para o senhor...

Noonan o observou dissimuladamente. Ao que parecia, Mosul realmente não sabia de nada. De qualquer jeito, não lhe valeria a pena mentir, Burbridge pagava muito mal.

- São muito lucrativos estes piqueniques?

- Os piqueniques? Acho que não. Não o suficiente para nadar em grana. Mas já não há muitas coisas lucrativas para se fazer nesta cidade.

- Onde eles os fazem?

- Em que lugares? Bem, eu não sei. São em diferentes lugares. Próximo ao Monte Branco, nas Fontes Termiais, no lago Arco-Íris...

- E quem são os clientes?

- Os clientes? - Mosul se calou, se pondo pensativo e, por fim, continuou, como se falasse de algo confidencial – Se o senhor estiver pensando em entrar nesse negócio, chefe, eu aconselho a não fazê-lo. O senhor não conseguiria competir com o Corvo.

- E por que não?

- Bem, para começar, os principais clientes do Corvo são os capacetes azuis. – ele respondeu, enumerando seus argumentos com os dedos – Depois, também tem os oficiais do posto de controle. Os turistas do Metrópole, do Lírio Branco e do Plaza. Além disso ele faz muito propaganda. Até alguns dos daqui vão com ele. Além disso, chefe, não vale a pena se meter neste negócio. Não nos pagam bem nem pelas garotas, você sabe...

- Então os daqui também vão com ele?

- Os mais novos, na sua maioria...

- Bem, o que fazem nestes piqueniques?

- O que fazem? Bem, vão todos em um ônibus, entende? Quando chegam lá, já está tudo pronto, as mesas, tendas, música... E cada um tem um interesse. Os oficiais querem as garotas. Os turistas querem ver a Zona; e as Fontes Termiais ficam ao lado dela, separadas apenas pelo Cânion Sulfuroso. O Corvo desenterrou algumas ossadas de animais naquela área, e mostra aos turistas através de binóculos.

- E os daqui, o que preferem?

- Os daqui mesmo? Bem, eles não se interessam por estas coisas... Estão buscando alguma forma de se divertirem...

- E quanto a Burbridge?
- O Corvo... Ele é como todos os outros, oras...
- E você?

- Eu? Eu também sou como qualquer outro, fico vigiando para que as garotas não se machuquem... Bem, sou mais ou menos como qualquer outro...

- E isto tudo dura quanto tempo?
- Ah, isto varia. As vezes dura só uns dois ou três dias, as vezes mais de uma semana.
- E quanto custa fazer esta “viagem dos prazeres”? - perguntou Noonan já pensando em algo completamente diferente.

Mosul respondeu, porém Noonan já não estava prestando atenção. Ele pensava consigo mesmo: “Eis aí a questão. Tantos dias e noites, nestas condições é impossível manter Burbridge vigiado o tempo todo, por mais que se queira, é simplesmente impossível. Mas ainda falta entender algo, Burbridge não tem as pernas, e tem aquele desfiladeiro... Tem que ter mais alguma coisa...”

- Entre os daqui, quem costuma ir sempre?
- Entre os daqui? Já lhe disse, os mais novos, na sua maioria. Você sabe; Havelly, Razhba, Tsapfa, o Frango... aquele baixinho, Zmyg... O Maltês também costuma ir as vezes. Um belo grupo, não acha? Chamam de “Escola Dominical”. Eles dizem entre si: “Vamos a escola dominical?” Dão atenção às senhoras ricas e fazem um bom dinheiro com algumas velhas que vem da Europa...

- “A Escola Dominical”... - Noonan repetiu.

Um pensamento lhe fixou na mente: “Escola...” Ele então se levantou.

- Está certo. - ele disse – Que esses piqueniques vão para o inferno. Isto não é para gente como nós. Mas entenda uma coisa: Burbridge tem artefatos, e esse negócio é nosso, meu amigo. Descubra alguma coisa, Mosul, ou lhe jogarei na rua. Descubra como ele consegue, quem lhe entrega... Descubra algo e lhe pagarei 20% a mais, entendido?

- Entendido, chefe. - Mosul estava em pé, com a lealdade estampada no rosto, ainda sujo com sangue.

- Se mexa! Use a cabeça, idiota! - Gritou Noonan enquanto saía.

Chegando ao balcão do bar ele tomou seu aperitivo rapidamente, conversou um pouco com a Madame sobre decadência moral, lhe sugeriu que ampliasse os negócios e, em voz baixa, lhe deu conselhos “do que deveria fazer” com Benny, pois o coitado estava velho, surdo e lerdo, já não conseguia trabalhar como antes.

O relógio já marcava seis horas e Richard sentia fome. Um pensamento não lhe saía da cabeça, tinha surgido do nada, mas era a explicação para muitas coisas. Na verdade, muitas coisas já haviam sido esclarecidas, a aura mística deste assunto, que lhe havia irritado e fascinado, já estava desaparecendo. Agora, lhe restava apenas a decepção de não ter pensado nesta possibilidade antes. Mas, o mais importante, era este pensamento que girava em sua mente, sem lhe deixar em paz. Ele se despediu da Madame, acenou para Benny e foi diretamente ao Borscht.

No caminho, ele seguia pensando: “O problema é que não nos damos conta de como o tempo passa. O tempo... Que se dane o tempo. Não nos damos conta de que tudo muda constantemente. Sabemos que tudo muda pois nos ensinam isso desde criança e vemos muitas coisas mudando com os próprios olhos, mas, mesmo assim, somos incapazes de reconhecer o momento em que uma mudança ocorre, ou a procuramos no lugar errado. Agora existem novos stalkers, criados pela cibernética. Os antigos stalkers eram tipos sujos e sombrios, que se arrastavam pouco a pouco para dentro da Zona, ralando a barriga no chão, e, com a teimosia de uma mula, juntavam o seu saque. Os novos stalkers são elegantes, com finas gravatas de seda, um engenheiro que se senta a dois quilômetros da Zona, com um cigarro na boca e um copo ao seu lado, sem fazer nada além de vigiar umas tantas telas. Um bom funcionário assalariado. Uma ideia óbvia, tão óbvia que nem mesmo consideramos qualquer outra opção. Alternativas como a ‘Escola Dominical’, por exemplo.”

Uma sensação de desespero o tomou rapidamente. Concluía: “Tudo é inútil, pura perda de tempo. Meu Deus, não podemos fazer nada. Não temos como combater essa praga! Não por não trabalharmos direito, nem por eles serem mais espertos do que nós; mas simplesmente porque é... O mundo é assim, as pessoas são assim... Se a Visitação não tivesse ocorrido, simplesmente seria outra coisa. Porcos sempre encontram lama para se sujar...”

O Borscht estava com as luzes acesas e se sentia um cheiro delicioso vindo dele. O Borscht também havia mudado muito, não havia festas ou diversão nele. Gotalín já não o frequentava mais. Redrick, após quebrar a cara ali, também já não se agradava do lugar. Ersnest estava preso, e fora sua esposa que, recentemente, havia reaberto o lugar, conseguindo uma clientela boa e fixa. Praticamente todo o pessoal do Instituto, incluindo os diretores e chefes, almoçavam ali. As instalações eram bem feitas e confortáveis, a comida era boa, os preços razoáveis e a cerveja borbulhante nunca faltava. Uma boa taberna, a moda antiga.

Noonan reencontrou ao doutor Valentine Pilman em uma das mesas. O renomado cientista estava tomando um café e lendo uma revista dobrada ao meio. Noonan se aproximou, perguntando:

- Posso me sentar com o senhor?

Valentine o olhou através de seus óculos escuros e respondeu:

- Sim, claro, por favor, fique à vontade.

- Só um segundo, primeiro lavarei as mãos. - Ele acabara de se lembrar do que fizera

ao nariz de Mosul.

Ali todos o conheciam, e, ao retornar a mesa de Valentine e sentar-se de frente para ele, já lhe esperavam um prato de salsichas cozidas no vapor e uma caneca de cerveja, nem fria e nem quente, do jeito que ele gostava. Valentine deixou a revista de lado e se pôs a tomar o seu café. Noonan, enquanto cortava suas salsichas, lhe disse:

- Escuta, Valentine, como acha que tudo isso vai terminar?

- “Tudo isso” o quê?

- Essa coisa da Visitação, a Zona, os stalkers, os complexos militares industriais... Tudo isso. Como acha que acabará?

Valentine o encarou por um bom tempo, através das lentes escuras e impenetráveis de seus óculos.

- Depende de para quem. Especifique.

- Bom, digamos... Para o nosso setor do planeta.

- Isso vai depender da sorte que tivermos. Descobrimos recentemente que neste nosso “setor do planeta” a Visitação praticamente não deixou efeitos colaterais a longo prazo. É claro que isto não descarta a possibilidade de que, ao colhermos todos os frutos dela, não encontremos algo que acabe arruinando a vida de todos nós, e talvez não só a nossa, mas também a de todo o planeta. Isto seria muita má sorte. Mas, temos que admitir, essa ameaça sempre esteve sobre a humanidade. - ele riu rapidamente consigo mesmo e prosseguiu: – Vou lhe dizer: já faz tempo que abandonei o hábito de falar da humanidade como um todo. A humanidade, de uma forma geral, é um sistema demasiadamente fixo e estático, não tem como mudá-la.

- Você acha mesmo? Talvez haja um modo, quem sabe...

- Seja sincero, Richard – disse Valentine, obviamente entretido com o assunto. – No que a sua vida, como um homem de negócios, mudou com a Visitação? Agora que você sabe que há, pelo menos, uma outra criatura racional no Universo além do ser humano, o que mudou?

- Ah, o que eu posso dizer? - Noonan falou como que murmurando, ele já lamentava ter iniciado aquela conversa, pois não tinha o que dizer, mas prosseguiu. – Bom, sabe o que mudou para mim? Bem, já faz vários anos que não consigo ficar tranquilo, ou me sentir seguro. Olhe, “eles” vieram e se foram em seguida, mas, o que aconteceria se “eles” voltassem, e mais, e se resolvessem ficar? Como um homem de negócios, eu deveria levar esta questão a sério: Quem são “eles”? Como e por que vieram? O que precisariam? Basicamente, penso em como teria que mudar as coisas que faço, meus negócios. Será que estaria preparado? E se eu for completamente supérfluo no sistema “deles”? - neste ponto da conversa, Noonan começou a se animar com o assunto – E se todos nós formos supérfluos? Escute Valentine, já que entramos neste assunto, me diga, existe resposta para estas questões? Quem são, o que queriam ou se podem voltar?

- Ah sim, existem respostas, muitas por sinal, pode escolher qual prefere. - disse Valentine, sorrindo.

- Me diga o que o senhor acha.

- Para falar a verdade nunca me dei o luxo de pensar seriamente nestas coisas. Para mim a Visitação é basicamente um acontecimento isolado, que nos permitirá avançar vários degraus no processo do conhecimento científico. Seria como viajar para o futuro e conhecer a tecnologia do amanhã. Como se um gerador de partículas quânticas acabasse indo parar no laboratório de Isaac Newton.

- Newton não faria ideia do que seria aquilo.

- Você está enganado, Newton era muito inteligente.

- Que seja. Mas, de qualquer forma, não estamos falando de Newton. O que o senhor acha da Visitação? Pode me responder sem enrolar?

- Tudo bem, vou falar. Mas preciso lhe advertir que esta sua pergunta, Richard, cai na área da Xenologia, que é uma mescla artificial de ficção científica e a lógica tradicional. Se baseando na falsa premissa de que a psicologia humana seria aplicável a inteligências extraterrestres.

- Falsa por quê? - questionou Noonan.

- Porque os biólogos já quebraram a cara tentando aplicar a psicologia humana com animais. Mesmo sendo todos seres terráqueos, deste mesmo planeta.

- Me desculpe, mas acho que são questões bem diferentes, estamos falando de psicologia de seres racionais.

- Sim claro, isto faria muito sentido, se soubéssemos exatamente o que é a “racionalidade”.

- E não sabemos? - perguntou Noonan, surpreendido.

- Acredite ou não, nós não o sabemos. O senso comum usa uma definição trivial: “A razão é a parte do intelecto humano que diferencia o homem dos animais”. É como uma simples forma de diferenciar o dono de seu cachorro, o qual mesmo que compreenda tudo, não é capaz de falar. Na verdade, esta definição trivial nos dá origem a outra mais engenhosa, baseada na amarga observação das atividades humanas já mencionadas. Por exemplo: “A razão é a capacidade que permite a um ser vivo realizar atividades sem lógica e/ou antinaturais”.

- É, isso se refere a nós, encaixa comigo e aos demais que são como eu – concordou Noonan amargamente.

- Infelizmente. Agora, o que lhe pareceria esta definição hipotética: “A razão é simplesmente uma espécie de instinto complexo que ainda não se desenvolveu

completamente.” Isto implica que o comportamento instintivo é sempre natural e persegue um propósito. Talvez, dentro de um milhão de anos nossos instintos terão amadurecido o suficiente para que deixemos de cometer os erros que provavelmente cometemos devido a esta “racionalidade”. Então, se algo mudar no universo, nós seríamos extintos; justamente por termos esquecido como cometer erros, ou seja, como tentar diferentes abordagens que não estejam estipuladas por um programa inflexível de alternativas permitidas.

- O senhor arruma as palavras de forma a parecer tão depreciativo.

- Está bem, tentemos com uma outra definição, uma muito nobre e sublime: “A razão é a capacidade de utilizar as forças de um meio, sem destruir este meio”.

Noonan fez uma careta e balançou a cabeça:

- Não, isto aí não se refere a nós. O que acha desta aqui, que eu li em algum lugar: “O ser humano, diferentemente dos animais, é uma criatura dotada de uma indefinida necessidade de conhecimento”?

- Eu também já li isto. Mas o problema consiste de que o “homem comum” (este em que você pensa quando fala de “nós” e “os demais”) supera com muita facilidade esta necessidade de conhecimento. Na verdade, creio que esta necessidade nem sequer existe. De fato, existe, mas de compreender, e para isso não é necessário conhecimento. A hipótese de Deus, por exemplo, nos concede uma oportunidade incomparavelmente absoluta de compreender tudo, sem conhecer nada. Dá ao ser humano um sistema extremamente simples do mundo e explica todos os seus fenômenos sobre a base deste sistema. Esta forma de encarar o mundo não requer quase nenhum conhecimento. Apenas umas tantas fórmulas aprendidas de cabeça, praticamente o que as pessoas chamam de intuição e de senso comum.

- Espere um pouco – contestou Noonan, o qual terminou sua cerveja e depois colocou a caneca vazia ruidosamente sobre a mesa. – Não fuja do assunto, vamos voltar ao tema da conversa. O homem se encontra com uma criatura extraterrestre. Como ambos poderiam descobrir que os dois são criaturas racionais?

- Simplesmente não faço a menor ideia. - respondeu Valentine, prazerosamente. – Tudo o que já li sobre este assunto cai em um loop infinito. Se forem capazes de estabelecer contato, serão racionais e se forem racionais, serão capazes de estabelecer contato. Em resumo: se uma criatura extraterrestre tiver a “honra” de possuir uma psicologia humana, então ela é racional; ou algo assim.

- Ah, então é assim?! E eu acreditando que vocês cientistas tinham tudo no lugar, cada coisa em seu devido lugar...

- Sabia que macacos também podem organizar coisas em lugares específicos? - replicou Valentine.

- Não, espere um pouco – exclamou Noonan, se sentido defraudado por algum motivo. – Se vocês não sabem algo tão simples quando isso... Bom, que se dane essa coisa de razão; ao que parece, é um lamaçal sem fim. Mas, e então, o que acontece numa Visitação? Pode

me dizer o que o senhor acha?

- Será um prazer. Imagine um piquenique.

Noonan estremeceu e questionou:

- O que foi que disse?

- Um piquenique. Imagine um bosque ou uma campina a beira de uma estrada. Um carro deixa a estrada, estaciona e dele saem um grupo de jovens, com garrafas de bebida, cestas de vime com comida, aparelhos portáteis e máquinas fotográficas. Acendem uma fogueira, armam barracas, põem uma música para tocar. Na manhã seguinte se vão, continuando sua viagem. Os animais, os pássaros e os insetos que haviam passado toda a longa noite lhes observando assustados saem de seus esconderijos. Com o que eles se encontram? Lubrificante e óleo de motor derramados sobre a grama; velas e filtros usados espalhados pela área; lâmpadas queimadas, uma ou outra ferramenta que alguém esquecerá ali. Além, é claro, de todo o lixo deixado para trás; você sabe, restos de carvão da fogueira, caroços e cascas de frutas, embalagens de doces, latas, garrafas, guardanapos, talheres, jornais ou revistas rasgados, flores estranhas que haviam sido colhidas em outra parada...

- Já entendi, um “Piquenique Extraterrestre” [\[37\]](#).

- Exatamente, um simples piquenique à beira de uma estrada qualquer do cosmos. Você ainda me pergunta se eles vão voltar...

- Eu preciso fumar um cigarro... Maldita seja esta sua pseudociência. Eu havia imaginado algo muito distinto.

- E você estava em seu total direito.

- Isto quer dizer que “eles” nem sequer repararam em nós.

- Como?

- Ou, pelo menos, que não nos deram importância suficiente para prestar atenção em nós.

- No seu lugar, eu não me preocuparia com isto, sabia?

Noonan acendeu um cigarro e deu uma tragada, a fumaça o fez tossir e ele jogou fora o cigarro. Depois, disse teimosamente:

- Eu não me importo. Mas, como vocês podem ser assim? Vocês todos, malditos cientistas; de onde vocês tiram tanto desprezo para com o ser humano? Por que parecem sempre buscar uma forma de subestimar a humanidade?

- Espere um momento, escute isso: – disse Valentine, e citou:

“Você me pergunta em que consiste a grandeza do ser humano? Em que ele reformulou

a natureza? Em que influencia as forças cósmicas? Em que ele dominou o planeta e abriu a janela para o espaço exterior? Em nada! Apesar de tudo o que fez, só o que o homem fez foi buscar meios de sobreviver e manter seus interesses de continuar sobrevivendo pelo futuro.”

Houve um silêncio, em que Noonan se pôs pensativo.

- Não fique deprimido, meu amigo. - disse Valentine amavelmente. – Esta coisa do “piquenique extraterrestre” é apenas uma teoria minha, nada mais. Na verdade, nem mesmo é uma teoria: é meramente imaginação. Os xenólogos sérios estão trabalhando em versões mais consistentes e que honram melhor o valor dos seres humanos. Por exemplo, dizem que ainda não se realizou uma Visitação, mas que ela ainda acontecerá. O que aconteceu, até agora, foi que uma civilização altamente desenvolvida enviou para a Terra contêineres com sua tecnologia, esperando que estudemos estes artefatos e, com isso, realizemos um salto tecnológico colossal e lhes enviemos um sinal de resposta, mostrando-lhes que estamos prontos para o contato entre as espécies. Gosta mais desta ideia?

- Ela é bem melhor. Parece que ainda há algumas pessoas boas entre os cientistas, afinal de contas.

- Aqui tem outra: a Visitação ocorreu, mas não terminou, e está longe disso. Estamos em contato inclusive agora, enquanto conversamos, ainda que não tenhamos consciência disto. Os “visitantes” ainda estão na Zona, nos observando cuidadosamente, enquanto aguardam o momento certo em que estejamos preparados para eles se revelarem e nos conduzirem a um futuro maravilhoso.

- Entendi. Pelo menos isto explicaria as misteriosas atividades relatadas nas ruínas de algumas fábricas. A propósito, seu piquenique não explicaria isto.

- Como não?! Algum dos jovens pode ter esquecido um brinquedo de corda na campina.

- Ah, sim, claro! Um lindo brinquedinho que faz tremer a terra em seu redor! O que acha de tomarmos uma cerveja? Rosalie, traga duas cervejas para os xenólogos aqui! É bem agradável conversar com o senhor, sabia? Me destroça o cérebro, como se enchessem o meu crânio com sulfato de magnésio. És um tipo que trabalha e trabalha, tanto que acaba esquecendo para o quê, o que está acontecendo e como aproveitar a vida.

A cerveja veio e Noonan logo se pôs a beber, olhando para Valentine por cima da espuma que coroava a caneca. Este apenas olhava para a sua caneca, com uma expressão de desgosto.

- O senhor não gosta? - Perguntou Noonan.

- Geralmente eu não bebo. - Valentine respondeu de forma insegura.

- Sério, é isto?

- Ah, que vá tudo para o inferno. – exclamou o cientista, afastando a caneca de si – Se é para bebermos, peça-me um conhaque!

- Rosalie! - Noonan voltou a chamá-la, já alegre pelo álcool.

O conhaque chegou e enquanto Valentine se servia, Noonan disse:

- Mas, na verdade, vocês não deveriam continuar com isso. Não estou falando de seu piquenique, que por si só já é um exagero... Mas, vamos aceitar a versão de que o que houve fora um prelúdio para a Visitação verdadeira... Continuo não gostando... Isto até faz sentido quando aos “braceletes” e os “vazios”... Mas, qual o por quê da “geleia de bruxa”, dos “mata-moscas” e essa horrível “pelugem”?

- Me desculpe. - disse Valentine, enquanto colocava uma fatia de limão em seu copo. – Realmente não entendo estas terminologias. “Mata-moscas”?

Noonan começou a rir.

- São termos populares, gírias... Jargões utilizados pelos stalkers. “Mata-moscas” são as áreas com acentuação de gravidade.

- Ah, os vórtices gravitacionais. Gravikontsentrat, como chamam na Rússia. Adoraria falar sobre eles, e o poderia fazê-lo por horas, mas creio que você não entenderia nem uma palavra sequer...

- Por que não entenderia? Sou formado em engenharia sabia?

- Porque eu mesmo não entendo. Tenho diversos sistemas de equações e algoritmos, mas não uma forma correta de interpretá-los. Esta tal “geleia de bruxa”? Seria, por acaso, o gás coloidal?

- Exatamente. Ouviu falar da catástrofe nos laboratórios Currigan?

- Me falaram algo a respeito.

- Aqueles idiotas colocaram um frasco de cerâmica com esta geleia em uma sala especial, hermeticamente fechada e isolada. Quer dizer, eles acreditavam que estava isolada. Então, quando abriram o frasco, usando manipuladores automáticos, a geleia se espalhou, atravessando plástico e metal como se fosse água passando por uma peneira. Tudo o que tocava parecia se transformar também em geleia. Morreram 35 pessoas e houve mais de uma centena de feridos, muitos ficaram paralíticos. O senhor chegou a conhecer aquelas instalações? Eram magníficas. Mas, a geleia se infiltrou nos porões e até os pisos inferiores, todo o prédio ficou destruído. Este com certeza é um lindo prelúdio para um primeiro contato.

Valentine fez uma careta e respondeu:

- Sim, eu estava ciente disto. Mas fiquemos de acordo, Richard, o que os visitantes tiveram a ver com isto? Não tinham como saber sobre nossa indústria bélica.

- Deveriam saber... - insistiu Noonan.

- Talvez, se soubessem do fato, responderiam que tais instalações já deveriam ter sido

destruídos há muito tempo.

- Certo, e eles mesmos poderiam se encarregar de tal trabalho, já que são tão poderosos.

- Você está sugerindo que “eles” interfeririam em assuntos internos da raça humana?

- Hum... - expressou Noonan. – Acho que já estamos indo longe demais com isto. Vamos deixar isto quieto. Proponho que voltemos ao tema inicial de nossa conversa. Como tudo isso terminará? Por exemplo, o senhor como cientista, tem esperanças que obteremos algo realmente importante na Zona, algo que altere a ciência, a tecnologia e nosso modo de vida?

Valentine ergueu os ombros.

- Está enganado, Richard, não é este o caminho que estamos seguindo. Não gosto de “fantasiar” sem motivo. Quando o assunto é algo sério, eu prefiro manter um saudável e prudente ascetismo. Mas, baseando-se no que já descobrimos, há um amplo espectro de possibilidades, embora não possamos falar em termos concretos.

- Muito bem, então, tentemos ver de outro ângulo. Segundo sua opinião, me diga, o que descobrimos até agora?

- Pode lhe parecer engraçado, mas até agora descobrimos muito pouco. Conseguimos desenterrar muitos “artefatos milagrosos”, mas em poucos casos descobrimos como empregar estes “artefatos milagrosos” em algo proveitoso. Um macaco de laboratório aprende a apertar o botão vermelho para receber uma banana e apertar o botão branco para receber uma laranja, mas simplesmente não faz ideia de como conseguir suas frutas sem os seus botões. Tão pouco sabe que relação existe entre apertar botões e conseguir frutas. Considere o “ISTO”, por exemplo. Descobrimos um modo de utilizá-lo. Até chegamos a descobrir as circunstâncias que os fazem se multiplicar, trata-se de um processo semelhante a divisão celular. Mas, ainda não temos a capacidade de construir nem um “ISTO” sequer. Nem sequer sabemos como ele funciona, e, julgando pelas evidências que temos, ainda se passará muito tempo sem que o saibamos. Falando de outro modo, existem alguns artefatos aos quais encontramos certa funcionalidade. Nós os empregamos, mas tenho certeza que não os utilizamos da mesma forma que os utilizavam os “visitantes”. Estou certo de que na maioria das vezes, é como se estivéssemos usando microscópios como martelos. Pelo menos, damos alguma funcionalidade a alguns artefatos: temos o “ISTO”, e os “braceletes”, com os quais estimulamos sinais vitais. Além de diversas massas semi-biológicas que estão provocando uma revolução na medicina. Desenvolvemos novos anestésicos, e também novos tipos de fertilizantes minerais, que causarão uma revolução na agricultura também. Mas, porque eu faria uma lista, você sabe destas coisas melhor do que eu; e vejo inclusive que está utilizando um “bracelete”. Podemos dizer que estes artefatos sejam de um tipo “benéfico”, podemos dizer que eles beneficiam a humanidade em um determinado grau, mas não devemos esquecer que vivemos em um mundo euclidiano, onde as lâminas costumam cortar nos dois sentidos.

- Está falando de funcionalidades indesejáveis?

- De certa forma, sim. Por exemplo, estão adaptando o uso do “ISTO” na indústria bélica. Mas, não é exatamente disto que estou falando. Já estudamos e entendemos, pelo menos em parte, o uso dos “artefatos benéficos”; e nossa tecnologia está avançando. Talvez, dentro de mais uns cinquenta anos saberemos como produzir alguns deles por conta própria e poderemos alçar desafios cada vez maiores. Porém, existem outros tipos de artefatos, com os quais as coisas são mais complicadas. Não encontramos uma funcionalidade para eles, e suas qualidades, para o nosso nível de entendimento atual, são completamente incompreensíveis. As “armadilhas magnéticas”, por exemplo. Nós até entendemos o que elas são, o falecido doutor Panov nos mostrou com muita inteligência. Mas, não compreendemos a fonte de seus poderosos campos magnéticos, e nem o que causa sua superestabilidade. Referindo-se a estes pontos, podemos dizer que não sabemos nada, simplesmente desenvolvemos hipóteses e teorias sobre propriedades físicas que antes nem sequer suspeitávamos existir. Ou também o objeto K-23, como o chamam mesmo? Estas bolinhas pretas que usam em joalheria...

- As “gotas negras”.

- Isso mesmo, “gotas negras”, é um nome bem adequado. Bom você já conhece suas propriedades. Ao projetar um raio de luz encima de uma delas, a transmissão da luz é atrasada, e o valor deste atraso varia conforme as dimensões da “gota” e alguns outros parâmetros... Assim, a intensidade luminosa que sai dela é sempre inferior a que lhe é aplicada. O que isso significa? Por que acontece? Há inclusive uma teoria absurda que diz que estas pequenas “gotas negras” são gigantescas expansões de um espaço com propriedades distintas das do nosso, que se comprimiu nestas formas devido as influências físicas do nosso espaço sobre ele... - Valentine suspirou profundamente antes de concluir. – Resumindo, estes tipos de objetos não tem nenhuma funcionalidade prática para a humanidade, não atualmente, apesar de que, do ponto de vista puramente científico, elas tem um potencial indescritível. São respostas que nos caíram do céu antes mesmo que conseguíssemos formar as perguntas para elas. Talvez, sir Isaac Newton não seria capaz de compreender e usar raios lasers, mas, com certeza, conseguiria compreender sua potencialidade, e isto influenciaria muito seus critérios científicos. Não quero entrar em detalhes, mas a existência de objetos tais como as armadilhas magnéticas, o K-23 ou as “argolas brancas” invalidaram muitas das teorias científicas modernas dadas como certas, e nos deram ideias completamente novas. E ainda existe um terceiro “grupo” de artefatos.

- Sim. – disse Noonan – Seria a geleia de bruxa e outras coisas do tipo, não é?

- Não, não... Estes podem ser classificados na primeira ou segunda categoria. Estou falando de artefatos os quais realmente não sabemos nada, ou sabemos apenas indiretamente. Estes que os stalkers tiraram da Zona bem debaixo de nossos narizes para vendê-las a só Deus sabe quem, ou simplesmente para ocultá-las. Coisas das quais ninguém fala. Coisas que se tornaram “lendas da Zona”, tais como o “Gênio”, “Dick Vagabundo”, os “poltergeist's” [\[38\]](#)...

- Espere um pouco, do que o senhor está falando?! O “Gênio” eu até consigo imaginar, mas...

Valentine começou a rir.

- Ao que parece nós cientistas também temos nosso próprio vocabulário com jargões para a Zona. “Dick Vagabundo” seria... Digamos que seria o hipotético “brinquedo de corda” que algum dos Visitantes esqueceu na velha fábrica e hora e outra lhe causa algum estrago. “Poltergeist” é uma espécie de “turbulência” que se visualiza em certos pontos da Zona.

- É a primeira vez que ouço tais nomes...

- Entende isso, Richard? Já faz vinte anos que escavamos a Zona, mas ainda não sabemos nem a milésima parte do que ela contém. Se formos falar dos efeitos da Zona sobre os seres humanos... A propósito, creio que seria necessário criar ainda um outro “grupo”, uma quarta categoria. Não de artefatos, mas sim de efeitos. Tal categoria foi vergonhosamente ignorada, ainda que, no que tange a minha pessoa, há efeitos de sobra para estudarmos. As vezes, Richard, me arrepiam os cabelos quando me ponho a pensar em tais efeitos.

- Está falando dos zumbis? - supôs Noonan.

- O quê?! Não. Estes são simplesmente enigmáticos. Como eu posso dizer... São coisas que nem mesmo podemos imaginar. Estou falando de coisas que passam a acontecer subitamente, sem motivos aparente, que não são nem físicas, nem biológicas...

- Ah, está se referindo aos emigrantes.

- Exatamente. A estatística é uma ciência muito precisa, como você sabe, ainda que atue com dados aleatórios. Além do mais é uma ciência eloquente e magnífica.

Valentine já demonstrava sinais de embriaguez. Sua voz estava aumentando de tom, seu rosto estava corando e suas sobrelanceiras se levantavam por cima da armação de seus óculos, enrugando sua testa e fazendo-a se assemelhar a um tanque de lavar roupas.

- Sabe, eu gosto dos abstêmios... - comentou Noonan.

- Não mude de assunto. - disse Valentine – Escute, o que eu posso dizer? É algo realmente estranho - ele então ergue o copo e bebe metade da dose em um único gole. – Não sabemos o que aconteceu com os harmonitas pobres no exato momento da Visitação, mas agora, de repente, um deles decide emigrar, um dos mais comuns e humildes. Um simples barbeiro, filho de barbeiro e neto de barbeiro. Ele se muda, digamos, para Detroit e abre uma barbearia. Ai começa a dar merda. No decorrer de um ano, noventa por cento de seus clientes morrem, morrem em acidentes de trânsito, caindo de uma janela, vítimas de assaltantes e outros criminosos, se afogando numa piscina rasa, etcetera e etcetara... E nos arredores de Detroit começam a ocorrer diversos desastres naturais: rapidamente surgem na área tufões e tornados como não se viam ali desde o século XIX, e todas coisas desde estilo... Estes cataclismos parecem ocorrer em todo lugar onde se estabeleça um emigrante vindo de qualquer uma das Zonas. Mais do que isso, o número de catástrofes parece proporcional ao número de emigrantes que se instalaram na região. Vale ressaltar que tal reação apenas se produz devido à presença de emigrantes que viviam aqui no momento da Visitação. Os que nasceram depois dela não parecem influenciar as estadísticas de acidentes e desastres. Você vive aqui por mais de uma década, mas veio para cá depois da Visitação, então pode ser remanejado para... o Vaticano, por exemplo, com total segurança. Como se pode explicar uma

coisa destas? O que devemos rejeitar em casos assim, as estatísticas ou o *sensus communis*?

Valentine pegou novamente o copo e em mais um gole terminou com o que restava da dose. Richard Noonan coçou a cabeça e comentou:

- Hum, interessante. Já havia ouvido falar destas coisas antes. Mas, eu... sinceramente... pensei que eram... exageros, no mínimo. Realmente, do ponto de vista de nossa altamente desenvolvida ciência...

- Ou, por exemplo, os efeitos de mutação causados pela Zona. - Valentine o interrompeu, que tirara os óculos e encarava Noonan com seus olhos escuros e míopes – Qualquer um que passe determinada quantia de tempo na Zona está sujeito a sofrer alterações, tanto a nível fenótipo, quanto genótipo. Você já ouviu falar de como nascem os filhos desses chamados stalkers? Ou das coisas que acontecem com eles próprios? Mas, aonde está o por quê? Onde está o agente mutagênico? Seria alguma forma de radiação? Mesmo que o solo e o próprio ar dali apresentem uma estrutura química única, não se encontram neles quaisquer agentes mutagênicos. Então, o que devemos fazer em tal situação? Começar a acreditar em bruxaria e mal olhado?

- Concordo com você que são fatos estranhos. Mas, sinceramente, eu me preocupo mais com os cadáveres reanimados do que com estas suas estatísticas. Principalmente por eu nunca ter visto estas suas estatísticas, mas aos zumbis eu já os vi... e perto o suficiente para sentir o fedor...

Valentine gesticulou com a mão, como se descartasse tal afirmação.

- Zumbis?! Bah! Deveria se envergonhar, Richard. Você se considera um homem culto, não é? Em primeiro lugar, não, eles não são “mortos-vivos”... São como um *moulage* [39]... Uma reconstrução feita sobre um esqueleto, um manequim. Eu lhe garanto que, do ponto de vista dos princípios fundamentais da ciência, seus “zumbis” não são em nada mais surpreendentes que as “baterias etéreas”, por exemplo. Só o que ocorre é que estas violam a primeira lei da termodinâmica, e os “zumbis” violam a segunda. Todos nós não passamos de neandertais, no final das contas, não conseguimos imaginar nada mais espantoso do que um fantasma. Mas a violação da Lei da Causalidade é muito mais espantosa do que toda uma coleção de assombrações... Junto com todos os monstros de Rubenstein... ou seria Wallenstein...

- Frankenstein.

- Isso, isso... Frankenstein! Da senhorita Mary Shelley [40]. A esposa do poeta... Ou era filha...

Ele começou a rir e rapidamente acrescentou:

- Nossos moulages possuem uma estranha propriedade: a possibilidade de vida autônoma. Por exemplo se você lhes cortar uma parte do corpo, esta continua viva, independentemente. Sem necessidade de ser nutrida com soluções fisiológicas. A pouco

tempo atrás trouxeram um deles para o Instituto. Pelo menos foi o que me contou um ajudante de laboratório do Boyda.

Valentine soltou uma estrondosa gargalhada, ao que Noonan, olhando para seu relógio, disse:

- Já não está na hora de irmos, Valentine? Ainda tenho que resolver algumas questões importantes.

- Ah, sim, vamos. - disse Valentine recolocando os óculos no rosto, necessitando usar as duas mãos para isso – Você está de carro?

- Sim, eu lhe dou uma carona.

Eles pagaram a conta e se dirigiam para a porta. Valentine fazia continuamente uma espécie de continência, levantando os dedos da mão até sua têmpora, em cumprimento a diversos empregados e técnicos de laboratórios que estavam no local e ficavam observavam aquele físico de renome. Na portaria, ao cumprimentar o porteiro, que esbanjava um amplo sorriso, acabou por derrubar seus óculos, sendo que os três se abaixaram rapidamente para apanhá-lo.

- Amanhã tenho que fazer um experimento. É algo bem interessante, sabe... - murmurou Valentine enquanto adentrava ao carro.

Logo ele começou a descrever para Noonan o experimento que realizaria, enquanto este o conduzia até o complexo científico.

Enquanto tornava a se assentar em seu Peugeot, Noonan se pôs a pensar: “Eles também estão com medo... Os intelectuais também estão assustados, e acho que é assim mesmo que deve ser. Eles devem estar mais assustados que todos nós, as pessoas comuns, juntos. Nós não sabemos de nada, mas eles, diferentemente, tem total consciência do muito que não entendem. Se eles vêm um abismo, sentem a necessidade de descê-lo. O próprio coração pode lhes rogar para não fazerem isso, mas eles se sentem obrigados a fazê-lo, mesmo sem saber se conseguirão sair dele novamente. Enquanto isso, nós, os meros mortais, podemos simplesmente desviar o olhar e ignorar o tal abismo. Bem, talvez é assim que as coisas devam ser. Se tudo segue seu curso independentemente, nós também deveríamos seguir o nosso. Afinal, ele realmente estava certo ao dizer que até em seus atos mais heroicos, só o que a humanidade busca é sobreviver e se manter sobrevivendo. Mesmo assim, creio que, se pudesse, ele mandaria esses Visitantes para o inferno. Por que não fizeram seu maldito piquenique em outro lugar?! Fizessem na Lua ou em Marte... Insensíveis miseráveis, são como todos os malditos egoístas daqui, apenas sabem viajar pelo espaço. Então ‘eles’ fizeram um piquenique... Um piquenique...”

“E qual seria a melhor maneira de se tratar com estes organizadores de piqueniques?”, ele continuava pensando enquanto dirigia lentamente pelas ruas molhadas e bem iluminadas. “Qual seria a melhor estratégia? Seguir a lei do menor esforço, igual na mecânica? Do que diabos me serve este estúpido diploma se nem consigo pensar em uma maneira de apanhar este bando de filhos da puta?!”

Ele estacionou o carro na frente da casa onde morava Redrick Schuhart e ficou ali, sentado, planejando um modo de iniciar aquela conversa. Depois, retirou o “ISTO” e desceu do carro. Apenas naquele momento ele percebeu que a casa parecia abandonada. Quase todas as janelas estavam escuras, não se via ninguém na praça em frente ao prédio, e as luzes externas estavam todas queimadas. Ele então se lembrou de quem estava prestes a ver, e sentiu medo. Pensou consigo mesmo em telefonar para Redrick e conversar com ele do carro, ou de algum bar tranquilo, mas logo descartou a ideia. Por vários motivos, mas o principal é que não queria se portar como os demais covardes que fugiram como ratos de um barco naufragando.

Ele entrou pela porta principal e subiu lentamente pelas escadas empoeiradas. Todo estava silencioso, muitas das portas dos apartamentos estavam arrombadas, algumas completamente abertas, e estes emanavam um cheiro de sujeira e umidade. Noonan se deteve diante da porta do apartamento de Redrick, alisou o cabelo, respirou profundamente e tocou a campainha. Por alguns instantes não houve nenhum som do outro lado até que, do nada, se ouviu o chão rangendo e a fechadura sendo destravada, ao que a porta se abriu lenta e silenciosamente, Noonan não havia ouvido passos.

Através do vão da porta se via Martha, a filha de Schuhart. Uma luz forte vinha do quarto, e de início, tudo o que Noonan fora capaz de perceber era a silhueta escura da garota, notando o tanto que ela havia crescido nos últimos meses, mas ela rapidamente deu um passo para o interior do quarto, de modo que seu rosto ficara visível. Noonan ficou com a garganta seca, e disse, tentando ser tão educado e gentil quanto lhe fora possível:

- Olá, Martha Maria [\[41\]](#). Como está menina?

Ela não respondeu. Começou a retroceder silenciosamente para a sala de estar, encarando-o por debaixo das grossas sobrelanceiras. Ela parecia não reconhecê-lo, e, de fato, ele próprio também não conseguia reconhecê-la. Ele pensou consigo mesmo: “É a Zona que vez isso, maldição...”

- Quem está aí? - perguntou Guta, vindo desde a cozinha – Meu Deus, é você, Dick! Onde estava medito? Já sabe que Redrick retornou?!

Ela correu até ele, secando as mãos no pano de pratos que trazia no ombro. Ainda era muito bonita, energética e forte, mas já se notava que estava esgotada, seu rosto havia definhado e tinha um olhar febril. Ele a cumprimentou com um beijo na bochecha e lhe entregou o chapéu e o casaco.

- Me desculpe, por favor, me desculpe, mas estava sem tempo para vir. Ele está aqui?

- Está sim. - respondeu Guta – Está com alguém, mas creio que não vão demorar, já estão conversando a um bom tempo. Vamos Dick, entre, fique à vontade.

Ele deu alguns passos pelo apartamento e se deteve diante da porta da sala de estar. Diante da mesa, havia um daqueles zumbis, ou melhor, um *moulage*, sentado, um idoso, imóvel, ligeiramente inclinado, com a luz rosada de um abajur lhe refletindo a face larga e escura, a boca desdentada e os olhos sem brilho. Noonan sentiu imediatamente o cheiro, sabia

que era apenas a sua imaginação, que o odor não durava mais do que alguns poucos dias e depois desaparecia por completo, mas ele o sentia em suas lembranças: aquele odor fétido e pesado de terra removida.

- Melhor vir para a cozinha – Guta se apressou em falar. – Estou fazendo o jantar, então ali poderemos conversar.

- Claro, com certeza! - respondeu Noonan, animadamente. – Você não se esqueceu que costumo tomar um trago antes de jantar, não é mesmo?

Eles foram para a cozinha. Guta seguiu até a geladeira, enquanto Noonan se assentou a mesa, olhando tudo ao seu redor. Como de costume, tudo estava limpo e brilhante, no fogão estavam panelas fervendo e fumaceando. Aquela cozinha era nova, toda automática, isto queria dizer que naquela casa não havia falta de dinheiro.

- Bem, me diga como ele está. - Noonan perguntou.

- Está igual que sempre. Perdeu algum peso na prisão, mas eu já o estou engordando de novo.

- Continua ruivo?

- Com certeza.

- E o temperamento, continua estourado?

- O que você acha, ele vai continuar assim até morrer.

Guta lhe mostrou uma garrafa com um Bloody Mary[42], onde uma fina capa transparente de vodca russa parecia flutuar por sobre o sumo de tomate, lhe perguntado: “isto está bom para você?”

- Está ótimo! - Noonan se serviu um copo e tomou um gole, aquele era o primeiro trago forte que tomara em dias. - Agora me sinto bem melhor!

- E você, como tem andado? - Guta perguntou. – Por que passou tanto tempo sem vir aqui?

- Sabe como são esses malditos negócios. Em todas estas semanas eu quis dar uma passada aqui, ou, pelo menos, telefonar, mas primeiro tive que ir a Rexopolis, depois me afundei em trabalho, e finalmente, quando me disseram que haviam solto a Redrick, achei que seria melhor deixá-los alguns dias sozinhos, para se acertarem. Realmente, Guta, estou enlouquecendo. As vezes me pergunto porque corro tanto para ganhar dinheiro, se não consigo fazer da minha vida nada além de correr para ganhá-lo.

Guta estava mexendo com as panelas, ela as tapou barulhentemente, pegou um maço de cigarros no armário e se sentou à mesa, de frente para Noonan, com os olhos baixos. Noonan apanhou seu isqueiro e lhe ofereceu acender o cigarro. Pela segunda vez na vida, ele percebeu que Guta estava com as mãos trêmulas, a única outra vez que vira aquilo fora

quando haviam acabado de condenar a Redrick e Noonan lhe fora visitar, oferecendo ajuda. Ela passou por muitos problemas no início, não tinha nem um centavo sequer, e nem tinha nas vizinhanças quem lhe pudesse emprestar. Mas, rapidamente, começou a ter dinheiro a disposição, e em grande quantia. Julgando pelas evidências, Noonan tinha quase certeza de qual seria a origem daquele dinheiro, mas continuava lhe visitando. Levava doces e brinquedos para Martha e passava as tardes tomando café com Guta, planejando com ela uma nova vida para Redrick. Depois de escutá-la, ele costumava ir até seus vizinhos e tentava fazer com que eles tomassem juízo; lhes explicava a situação, os subornava e, quanto lhe acabava a paciência, recorria a ameaças do tipo “você sabem que Red logo voltará e ele vai acabar com vocês se continuarem tratando mal a sua esposa!” Mas, não parecia funcionar.

- E como está a sua namorada?

- Me desculpe, que namorada?

- Aquela que veio aqui com você uma vez, uma loira.

- Ah, ela não era minha namorada, apenas minha secretária. Ela se casou e pediu demissão.

- Você deveria se casar, Dick. Quer que eu te apresente alguma mulher?

Noonan ia lhe dar a resposta de costume, que estava esperando que Martha crescesse, mas preferiu não fazê-lo, achou que já não era uma boa resposta. Então ele simplesmente argumentou:

- No momento estou precisando mais de uma secretária do que de uma esposa. Por que não deixa um pouco esse diabo de cabelo vermelho e vem trabalhar como minha secretária? Você é boa. Creio que o velho Harris ainda se lembra de você.

- Não duvido disto, minha mão chegava a ficar dolorida de tanto que ele insistia em me cumprimentar e ficar segurando-a.

- Isto é sério?! - exclamou Noonan, fingindo estar surpreso. – Este Harris realmente não presta.

- Deus, eu nunca o suportei. Mas meu maior medo era que Red ficasse sabendo daquilo...

Martha chegou a cozinha silenciosamente, ficando um bom tempo parada junto a porta. Olhou para as panelas, para Richard e finalmente correu para sua mãe, apertando-se contra ela, com o rosto voltado na direção oposta de Noonan.

- Como está, Martha? - Richard insistiu, bem-humorado – Quer um chocolate?

Ele tirou então do bolso da camisa uma barra de chocolate e a ofereceu a garota, que não se moveu em nada. Guta acabou por pegar a barra da mão dele e a colocar encima da mesa. Ela estava com os lábios pálidos.

- Bem, Guta, sabe que estou pensando em me mudar? - Prosseguiu Noonan, ainda animado. – Já estou cansado de morar em hotéis, e sempre tão longe do Instituto...

- Ela parece entender cada vez menos... - disse Guta suavemente. – Já não entende quase nada...

Ele parou de falar, segurou o copo com as duas mãos e começou a girá-lo distraidamente; enquanto Guta continuou:

- Você não perguntou como estamos. E você tem razão, não precisa perguntar; você é um velho amigo, Dick, e não temos segredos com você. Embora de qualquer forma este não é um segredo que se possa guardar...

- Vocês tem levado ela a algum médico? - ele perguntou sem levantar os olhos do copo.

- Sim, mas não podem fazer nada. Um deles até chegou a dizer que...

Guta se interrompeu, e Noonan também permaneceu em silêncio. Não havia nada que se poderia dizer, e ele nem mesmo queria pensar em algo. Mas, rapidamente, lhe ocorreu uma ideia horripilante: “Não era um piquenique, era uma invasão. Eles não podem nos mudar, então entram nos corpos de nossos filhos e os transformam conforme ‘sua imagem e semelhança’”. Ele sentiu um calafrio, mas então se lembrou de que isto, na verdade, era uma história que havia lido em um livro de ficção científica em alguma livraria barata, e se sentiu melhor. “Estes autores de ficção imaginam cada coisa, mas a vida real é sempre muito diferente”.

- Um deles chegou a dizer que ela parece já não ser mais humana...

- Bobagem! - replicou Noonan com voz rouca – Você precisam é consultar um verdadeiro especialista. Por que não vão ao Dr. James Cutterfield? Se quiserem posso conversar com ele e marcar uma consulta.

- Está falado do Açougueiro? - ela perguntou, com uma risada nervosa. – Obrigada, mas não se incomode. Pois foi o próprio que nos disse isto. Talvez seja o destino.

Quanto Noonan finalmente se atreveu a levantar os olhos para ela, Martha já havia ido embora e Guta permanecia ali imóvel, com a boca semiaberta, os olhos vazios e um grande cilindro de cinzas na ponta de seu cigarro. Ele lhe estendeu a mão com o copo, dizendo:

- Poderia me preparar outro, por favor? Faça um para você também, vamos beber um pouco.

As cinzas de seu cigarro lhe caíram e ela buscou o cinzeiro para jogar a bituca, não o achando, a jogou diretamente no cesto de lixo. Noonan pensou que ela estava para chorar, mas não foi assim. Ela abriu a geladeira, pegou a vodca e o sumo, pegando também outro copo no armário.

- Não perca as esperanças. Para tudo nessa vida se dá um jeito. Eu tenho muitos contatos importantes, pode acreditar em mim. Guta, farei tudo o que estiver ao meu alcance.

O que ele dizia era sincero, inclusive enquanto o dizia estava repassando mentalmente sua lista de conhecidos, ele já havia ouvido falar em casos similares em outras cidades que haviam terminado bem. Seria apenas questão de se lembrar de onde e qual era o nome do médico responsável. Mas logo isto o fez se lembrar do senhor Lemchen e do motivo pelo qual havia buscado ter a amizade de Guta, e preferiu deixar de pensar em tudo isso. Deixou de pensar em seus contatos e se acomodou na cadeira e relaxou, esperando seu copo. Logo se ouviu o som de passos arrastados e ocos na sala; acompanhados da repulsiva voz de Corvo Burbridge:

- Hei, Red, parece que sua querida Guta tem visita, olhe ali um chapéu e um casaco. Se eu fosse você não os deixaria sozinhos...

E também se ouviu a voz de Redrick:

- Cale a boca, Corvo, e tome cuidado com estas suas pernas ortopédicas. A porta está bem ali, saia logo daqui. Eu tenho que jantar.

- Que inferno, não se pode nem fazer uma piada!

- Já fizemos todas as piadas do mundo. Agora saia.

A fechadura foi destrancada e as vozes se ouviram mais baixas, pareciam ter saído ao corredor. Burbridge disse algo em voz baixa, ao que Red replicou:

- Chega disto! Nós já conversamos sobre isso.

Houve mais alguns murmúros de Burbridge e a resposta áspera de Red:

- Já disse que chega disto!

Se ouviu a porta batendo e passos firmes e determinados que se aproximavam. Rapidamente Redrick Schuhart se mostrou na entrada da cozinha. Noonan se levantou para cumprimentá-lo com um caloroso aperto de mãos, ao que Redrick lhe disse, enquanto seus olhos verdes o inspecionavam rapidamente:

- Tinha certeza de que era você. Você engordou bastante, hein? Continua sem se preocupar com isso, não é mesmo? Vejo que está aproveitando bem a sua boa vida. Guta, querida, prepare um para mim também, tenho que alcançá-los.

- Ainda nem começamos a beber, não há ninguém adiantado.

Redrick riu asperamente e bateu com a mão no ombro de seu amigo.

- Agora vamos ver quem alcança quem. Vamos ver, o que estamos fazendo aqui na cozinha mesmo? Vamos, Guta, sirva o jantar. - Red falou enquanto abria a geladeira e tirava dela uma garrafa com rótulo brilhante. - Vamos nos dar uma pequena festa! Temos que tratar muito bem a nosso velho amigo Richard Noonan, que não abandona seus companheiros quanto eles necessitam. Mesmo que ele nunca sirva para nada. É uma pena que Gualín não esteja aqui.

- Por que não o chama? - sugeriu Noonan.

Ao que Redrick balançou a cabeça ruiva enquanto comentava: “Onde ele está esta noite, as linhas telefônicas não alcançam”. Red o levou para a sala de estar, e colocando a garrafa por sobre a mesa, disse ao corpo do ancião imóvel na sala:

- Vamos comemorar, pai! Este aqui é Richard Noonan, é nosso bom amigo. Dick, lhe apresento ao meu pai, o Schuhart Pai.

Richard Noonan, com a mente paralisada, se limitou a forçar um largo sorriso, acenar com a mão e dizer, enquanto olhava aquele ser:

- É um prazer conhecê-lo, senhor Schuhart, como tem passado? - em seguida ele se dirigiu ao “Schuhart Filho”, que estava procurando copos no bar – Sabe, Red, acho que já nos vimos antes uma ou outra vez, embora de forma muito breve...

- Sente-se – lhe disse Red, indicando a cadeira de frente para o velho – Se quiser falar com ele deverá falar bem alto, pois ele é completamente surdo.

Ele pegou os copos, abriu rapidamente a garrafa e se voltou para Noonan:

- Sirva você. Para o papai apenas um pouquinho, somente cubra o fundo do copo.

Noonan se pôs a derramar a bebida nos copos. O velho permanecia completamente imóvel, com o olhar fixo na parede; e continuou assim mesmo quanto Noonan lhe oferecera o copo. Ele já parecia ter aceitado aquela situação, era como uma brincadeira. Uma brincadeira terrível e patética. Red a havia começado e ele, agora, o estava acompanhando; da mesma forma como ele já havia seguido outras pessoas em suas “brincadeiras” ao longo de toda sua vida. Outras “brincadeiras” terríveis, patéticas, vergonhosas e, em alguns casos, até piores do que aquela. Redrick bateu o seu copo contra o de Noonan, dizendo:

- Bom, por que não começamos logo?!

Noonan consentiu com naturalidade e ambos beberam. O ruivo, com seus olhos brilhantes e animados, continuava falando com um tom excitado, que soava levemente artificial:

- Então, camarada, a cadeia nunca mais vai me ver outra vez! Se você soubesse como é bom estar de volta em casa. Sabe o melhor, estou com uma boa grana e encontrei um pequeno chalé, com um jardim tão bonito quanto o de Burbridge. Você sabe que, na cadeia, eu havia decidido emigrar. Fiquei pensando: o que eu estava fazendo preso a esta cidadezinha horrível; por mim, ela inteira pode se foder bonito. Mas, quanto sai, veio a surpresa: haviam proibido a emigração! Parece que nos últimos dois anos fomos atingidos por algum tipo de praga...

Ele continuou falando e falando, enquanto Noonan se limitava a consentir, acenando com a cabeça, tomar pequenos goles de seu uísque e responder, ocasionalmente, alguma exclamação de empatia ou qualquer pergunta retórica. Depois, começou a falar sobre o tal chalé; perguntou de que tipo era, onde ficava, quanto custava. E discutiram sobre isso. Noonan

insistia que era muito caro e não estava bem localizado. Ele também pegou sua agenda e começou a folheá-la, indicando diversas casas abandonadas que seriam vendidas por ninharias, e cuja reforma poderia ser paga pela indenização que o governo estava pagando aos candidatos a emigração que tiveram seu pedido negado.

- Estou vendo que você também está por dentro do assunto da emigração.
- É, fiquei sabendo de algumas coisas... - replicou Noonan, virando os olhos.
- Sei, sei... Já estamos sabendo de seus negócios.

Noonan arregalou os olhos surpreso e levou um dedo até os lábios, pedindo silêncio, enquanto indicava a cozinha com a cabeça.

- Não se preocupe, todos já sabemos de seus negócios. - Redrick lhe respondeu – Além disso, aprendemos a muito que dinheiro é dinheiro, não importa de onde vem. Mas, colocar a Mosul como gerente?! Eu morri de rir quando fiquei sabendo. É como colocar um elefante em um bazar. Ele é, e sempre foi, um inútil. Você sabe disso, o conhecemos deste jovem.

Richard permaneceu calado, observando o Redrick e o velho. Uma espécie de espasmo lhe cruzou o rosto. Noonan observou surpreendido, pela primeira vez viu o que parecia ser uma expressão de ternura, de autêntico e sincero afeto, no rosto duro de Red.

- Vamos, pai, beba. Beba! - Redrick insistia carinhosamente.

O velho chegou a mover a mão, em um movimento duro e penoso. Com perceptível esforço conseguiu erguê-la até a altura do joelho, e então a deixou cair, inerte, ao lado de seu copo. A mão estava escura, com uma tonalidade azulada; os dedos tortos assumiam uma forma que lembrava asas de frango. Mas mesmo assim o *moulage* permanecia sem corresponder as palavras de Redrick, nem com uma voz baixa, nem mesmo com uma piscada de olho. [\[43\]](#)

Enquanto os observava, Noonan acabou se lembrando do que ouvira que ocorrera quando os técnicos do Boyda vieram buscar este *moulage*. Eram dois ajudantes de laboratório, ambos jovens e em boa forma física, e um médico do hospital municipal, acompanhado de dois enfermeiros corpulentos, daqueles fortões que ficam responsáveis por carregarem as macas pesadas e dominar pacientes histéricos. Um dos ajudantes, depois de tudo, havia lhe dito que o “cara ruivo”, no início, parecia não entender o que eles estavam realmente fazendo, já que permitiu prontamente a entrada deles no apartamento. Parecia que Redrick estava disposta a deixar que levassem seu pai, pois pensava que eles o hospitalizariam e o deixariam em observação. Mas, estes enfermeiros idiotas (que deste de que entraram no apartamento não fizeram nada além de ficar olhando para Guta, que lavava as janelas da cozinha) agarraram o velho como se pegassem um tronco e, ainda, o deixaram cair no chão. Isto deixou Redrick furioso. Para piorar, o médico deu uma de otário e lhe disse por que e para onde o estavam levando. Redrick o escutou por alguns minutos e, subitamente e sem qualquer aviso, simplesmente explodiu, como se fosse uma bomba atômica. O ajudante de laboratório que lhe contara a história, lhe revelou que não sabia nem mesmo como chegou

na rua. Aquele demônio ruivo levou os cinco por escada abaixo, sem que nenhum deles conseguisse lhe resistir. Saíram do prédio como que disparados por um canhão. Dois ficaram caídos, desmaiados, na calçada, enquanto Redrick perseguiu os outros três por quase quatro quarteirões. Depois, quando voltou para casa, estourou todas as janelas do carro do Instituto.

- Aprendi a preparar um novo coquetel - disse Redrick enquanto lhes servia mais uísque. – Se chama “Geleia de Bruxa”. Depois do jantar, eu preparo. Sabe, não é aconselhável tomá-lo de estômago vazia, camarada, não é saudável. Um só trago e te adormecem tanto os braços quanto as pernas. Independente do que possa pensar, Dick, esta noite lhe tratarei o melhor que puder, como a um rei. Vamos lembrar os velhos tempos no Borscht. Sabia que o velho Ernie ainda está atrás das grades? - ele tomou mais um gole, e enxugou os lábios com o dorso da mão, antes de perguntar, com certa indiferença. – Quais são as novidades no Instituto? Ainda não dominaram a “Geleia de Bruxa”? Ultimamente já não acompanho mais os informes científicos.

Noonan sabia por que ele havia tocada neste assunto, mas apenas balançou as mãos e respondeu:

- A Geleia?! Hã, você está de brincadeira? Não ouviu falar do incidente que ocorreu nos laboratórios Currigan? Ao que parecem, através de um “fornecedor particular” eles conseguiram uma pequena amostra...

Noonan então lhe contou da catástrofe. Contou também de como, misteriosamente, nunca conseguiram emendar as pontas soltas da história e descobrir como aquela amostra havia chegado nas mãos deles. Redrick escutava tentando passar a imagem de não prestar atenção, estralando a língua e balançando a cabeça. Depois, ergueu energeticamente a garrafa por sobre os copos, comentando:

- Eles mereceram isso! Malditos sanguessugas... Quem dera todos tivessem sido tragados!

Os dois beberam. Redrick tornou a olhar para seu pai, e seu rosto voltou a ter o mesmo espasmo.

- Guta! Está querendo nos matar de fome?! - ele gritou na direção da cozinha, depois se voltou para Noonan e acrescentou: – ela está se matando para lhe agradar. Está querendo preparar seus pratos favoritos. Até lagosta. Ela comprou um pouco justamente para o caso de você vir. - e logo se pôs a mudar de assunto. – Bem, e como andam as coisas no Instituto? Alguma nova descoberta? Ovi falar que vocês estão usando robôs para explorar a Zona, mas que, mesmo assim, não estão conseguindo muita coisa...

Noonan passou então a falar sobre o Instituto, enquanto falava, Martha apareceu e silenciosamente se posicionou à mesa, ao lado do velho. Ficou ali, com as mãos escurecidas por sobre a mesa. Depois, como uma mascote, se encostou no corpo do ancião, apoiando a cabeça sobre seu ombro. Noonan continuou falando, mas, mesmo que tentasse disfarçar, não conseguia tirar os olhos daqueles dois espantosos seres originados pela Zona. Ele pensava consigo mesmo: “Meu Deus, o que mais falta? O que mais falta que nos façam? Já não é o suficiente?” Mas ele sabia que não era. Sabia que haviam milhares e milhares de pessoas que

ignoravam que tudo isto estava acontecendo, e preferiam continuar ignorando. Mesmo que deixassem de ignorar, não fariam nada além de exclamar um “Oh!” ou um “Ah!” estendidamente, por, pelo menos, uns cinco minutos, depois voltariam a suas vidas, voltariam a ignorância. Ele então decidiu que já era hora de ir embora. Dane-se Burbridge, Lemchen e aquela família do inferno.

- Por que os olha tanto? - perguntou Redrick suavemente. – Não precisa ter medo, ele não oferece nenhum perigo. Algumas pessoas, inclusive, dizem que até melhoram a saúde dos que lhes convivem.

- Sim, já ouvi falar disto. - disse Noonan antes de esvaziar seu copo em um último gole.

Neste momento, Guta chegou a sala e ordenou a Redrick que lhe ajudasse a arrumar a mesa, colocando sobre ela uma grande travessa de prata, com a salada favorita de Noonan; ao que Redrick anunciou:

- Bem, camaradas, está na hora de começarmos nossa festinha...

-
- [22] “ISTO” foi a melhor tradução encontrada para os termos originais (o inglês *so-so* e o russo *этак*, *etak*); expressões idiomáticas que se traduziriam em algo como “deste jeito”, “assim mesmo”, “deste modo”. De qualquer forma, se refere a algum dispositivo oriundo da Zona, que estaria sendo utilizado em carros.
 - [23] Na tradução em inglês este nome é grafado “Bayliss”, porém aqui foi grafado por Beylisa por esta ser a melhor transliteração do original russo Бейлиса.
 - [24] Este “H” poderia ser substituído, na tradução, por um “G”. No texto russo original a letra mencionada é o “Г”, que, no alfabeto Cirílico (usado no idioma russo), equivale ao “G”. A propósito, no original o nome completo é: Ричард Герберт Нунан (*Richard Gerbert Nunan*)
 - [25] Seria algo como “Complexo Lunar” ou “Complexo da Lua”, o nome em inglês foi mantido simplesmente por estética, considerando o fato de ser algo popular em prédios comerciais o uso de nomes em inglês.
 - [26] As dimensões da Zona de Exclusão variam entre as versões. A russa menciona 50 km e a em inglês diz 20 milhas (que equivaleriam a pouco mais de 32 km); 30 km é a medida da Zona nos games.
 - [27] Na versão do livro em inglês usada para fazer a tradução havia cerca de três parágrafos faltando; que se iniciavam neste ponto.
 - [28] No original russo: квазитепловые (*kvazitieplavie*), termo técnico relativo a um tipo de irradiação física, ao qual não consegui encontrar uma tradução exata.
 - [29] Aqui termina o trecho faltante na versão em inglês do texto usado na tradução.
 - [30] O final deste parágrafo seria melhor traduzido da seguinte forma “*mexia em um estranho aparelho eletrônico instalado sobre a mesa, no lugar da máquina de escrever.*” Considerando a época que o livro foi escrito (1971) esta passagem, faz reverência a “novidade” de um computador; já que na época eles estavam apenas começando a serem instalados e usados em escritórios e empresas, substituindo lentamente as clássicas máquinas de escrever.
 - [31] Em russo: О рачьем. Рак. (*O ratchyem... Rak*), sendo *rachyem* um termo mais técnico, geralmente usado para crustáceos em geral, contrastando com *Rak*, um termo mais vulgar e popular para lagosta. Assim foi usado na tradução o termo “palinuro”, antiga notação científica para estes animais. Já em inglês é usado apenas o termo *Lobster*, que significa “lagosta”.
 - [32] No original: *Rattling napkins* (ou, em russo, гремучих салфетках, *griemutchikh salfietskakh*), literalmente seria algo como “guardanapos chocalhantes”.
 - [33] Novamente, aqui o simples “aparelho” substitui “*estranho aparelho eletrônico*”. Ver também a nota de rodapé nº 30
 - [34] No original: “pomada de Mercúrio” (em russo: ртутной мазью, *rtutnoy mazyu*; e em inglês: *mercury salve*), podendo ser considerado equivalente ao nosso “Merthiolate”. Utilizei o termo “Timerosal” por ser este o composto de mercúrio antigamente utilizado como princípio ativo deste medicamento.
 - [35] Em russo o sobrenome usado é Катюша (*Katyusha*); que por sua vez é uma forma diminutiva do nome russo Екатерина (*Yekaterina*, equivalente ao nosso “Catarina”). Provável referência a Catarina, a Grande (em russo: Екатерина Великая), imperatriz russa do século XVIII, a qual se destacou muito na história daquele país, pois considera-se que ela levou o antigo Império Russo ao seu auge.
 - [36] Outro ponto provavelmente influenciado pela cultura russa. Antes de se tornar o “Império Russo” (entre os séculos XIII e XV), a maior parte daquele território foi parte do Império Mongol, formando a chamada “Horda Dourada”.
 - [37] Neste ponto se menciona o nome do livro: o original russo Пикник на Обочине (*Piknik na Obachine*) ou o inglês *Roadside Picnic*; que, literalmente, seria algo como “piquenique a beira da estrada”.
 - [38] Pelo texto original esta parte seria melhor traduzida como “(*...*)lendas tais como *A Máquina de Desejos*, *Dick Vagabundo*, os

fantasmas alegres.” Mas optei por usar os termos “Gênio” e “Poltergeist” para fazer uma referência a série de jogos.

- [39] Moulage é uma técnica de modelagem utilizada para fazer recriações precisas do corpo humano. Muito utilizadas em cursos de medicina e treinamentos de unidades socorristas.
- [40] Mary Shelley: escritora inglesa que ficou famosa por sua obra *Frankenstein*, publicada em 1818. A título de curiosidade, ela foi esposa do poeta Percy Bysshe Shelley.
- [41] No texto original a garota é chamada apenas de Maria (sendo a primeira vez na história que o seu nome é mencionado). Mas como na tradução já lhe havia chamado Martha, neste ponto foram fundidos os dois, formando um nome duplo. Ver também a nota de rodapé nº 13.
- [42] *Bloody Mary* (algo como “Maria Sangrenta”) é o nome que se dá a um coquetel feito com a mistura de vodka, suco de tomate, limonada, molho inglês, sal e pimenta.
- [43] As traduções para inglês e espanhol do texto (pelo menos as usadas nesta tradução) não apresentam este parágrafo.

4. REDRICK SCHUHART, 31 ANOS

A temperatura no vale havia baixado durante a noite. Ao amanhecer, fazia muito frio. Eles caminhavam ao longo do terreno, pisando os dormentes apodrecidos dos trilhos já a muito enferrujados. Redrick observava o reluzir das gotas condensadas da neblina sobre a jaqueta de couro de Arthur Burbridge. O rapaz caminhava agilmente, motivado, como se nada houvesse passado na esgotante noite anterior; como se não existisse a tensão nervosa que ainda fazia-lhe doer todas as veias de seu corpo, e nem tivesse ocorrido as duas terríveis horas que acabaram de passar no topo daquela colina encharcada, se apertando um contra o outro para se manterem aquecidos, enquanto esperavam a inundação daquela água esverdeada baixar, escorrendo ravina abaixo.

A neblina estava se tornando cada vez mais densa por sobre o terreno. Por vezes eles subiam os trilhos com as botas grandes e chatas, para caminhar ao longo deles, com aquela névoa turva, que apresentava lentos movimentos circulares, lhes cobrindo até os joelhos. O cheiro de ferrugem tomava completamente o ar. A direita deles estava o depósito de lixo, exalando decadência, putrefação e mofo. A neblina tornava a visibilidade nula, porém Redrick conhecia bem aquela planície irregular, rodeada por montes de entulho, e mais a frente, ocultas pela penumbra, estavam verdadeiras montanhas de lixo. Também sabia que após o amanhecer, quando a névoa começasse a se dissipar, veria, a esquerda, um helicóptero caído, próximo aos vagões de um velho comboio, que eram usados para transporte de cargas brutas. Apenas quando chegassem ali, o verdadeiro trabalho começaria.

Redrick levou uma das mãos para trás do corpo, entre suas costas e a mochila, e a ajustou, buscando uma posição em que o cilindro de hélio não ficasse pressionado contra sua coluna. Nisto, ele pensava: “Como este troço é pesado... e ainda vou ter que arrastá-lo por um quilômetro e meio de quatro... Bem, stalker, não é hora de reclamar, você sabia muito bem no que estava se metendo. Pense nos quinhentos mil que lhe esperam no final do caminho, e isto fará valer a pena o esforço. Meio milhão, não é pouca coisa... Mesmo que, na verdade, seja um pouco menos. Para o inferno, vou ter que dar mais de trinta para o Corvo. Mas o novato, não recebe nada. Bem, se, pelo menos, metade do que o velho falou for verdade, o novato não recebe nada.”

Ele voltou a olhar para as costas de Arthur e viu, forçando os olhos, que o rapaz avançava dois dormentes a cada passo, era um jovem de ombros largos e quadril estreito. O cabelo escuro, igual ao da irmã, movia-se ritmicamente com seus passos. “Ele que pediu por isso”, pensou Redrick de modo sombrio, “ele mesmo me pediu, e por que insistiu tanto em vir? Parecia desesperado, tremia com lágrimas nos olhos enquanto dizia: ‘me leve senhor Schuhart! Outros já se ofereceram para me guiar, mas eles não servem, são todos uns inúteis... e meu pai já não pode fazê-lo.’” Redrick se esforçou para parar de pensar nisso, pois tal lembrança lhe tornara repugnante, talvez por isso ele começara a pensar na irmã de Arthur. Parecia incrivelmente confuso, ela era tão linda, tão charmosa e magnífica, mas não passava de uma ilusão; como uma boneca sem vida, um manequim de plástico, decepcionante, não uma pessoa de verdade. Isto o fazia lembrar de quando era criança e era atraído pelos botões de

roupa de sua mãe, eram bonitos, dourados e semitransparentes, parecia impossível resistir a vontade de colocá-los na boca e chupá-los, mas sempre que fazia isso, não havia gosto doce, apenas a decepção. Mas ele parecia sempre esquecer disso e tornava a fazer e refazer. Mas ele não se esquecia, apenas se negava a dar atenção aos alertas de suas memórias.

Voltando-se novamente para Arthur, continuou pensando: “Talvez tenha sido o próprio pai que o enviou, olhe só o que está trazendo no bolso da calça. Não dá para acreditar, Corvo me conhece e sabe que não sou de brincadeiras, conhece muito bem minha forma de trabalhar na Zona. Não, tudo isso não passa de uma bobagem enorme. Ele não é o primeiro que me suplica chorando, outros já até o fizeram de joelhos. Agora, olhe só isso, todos eles sempre trazem armas na primeira vez que vem a Zona. A primeira e última vez. Será mesmo a última? Bem, para você, mocinho, vai ser. As coisas são assim Corvo: esta é a última vez dele. Se você soubesse o que este moleque queria fazer, o teria espancado com as muletas”. De repente, ele percebeu que havia alguma coisa a frente deles; não muito longe, uns trinta ou quarenta metros no máximo.

- Pare. - ordenou a Arthur.

O rapaz o obedeceu prontamente, ficou como se fosse uma estátua. Arthur tinha bons reflexos, parou enquanto tinha uma das pernas no ar, e a baixou lenta e cuidadosamente. Redrick parou junto dele. A trilha era descendente e estava oculta pela neblina; mas havia alguma coisa naquele nevoeiro. Algo grande e imóvel. Talvez inofensivo, talvez... Redrick farejou o ar cuidadosamente. Sim, era inofensivo.

- Vamos continuar. - Redrick disse em voz baixa.

Deixou Arthur dar um primeiro passo e depois o seguiu. Pelo canto do olho era capaz de ver seu rosto de boa aparência, as bochechas cobertas de pele clara e lábios em forma determinada, debaixo do bigode ralo. A névoa já lhes cobria completamente até a cintura. Mais alguns metros e já lhes chegava ao pescoço e, logo após isto, se levantaram, frente a eles, os vultos dos vagões abandonados.

- Ali estão eles – disse Redrick, enquanto tirava a mochila das costas – Sente-se um pouco, ai mesmo onde está. Pausa para um cigarro.

Arthur o ajudou a tirar a mochila e sentou ao seu lado, sobre os trilhos enferrujados. Redrick abriu um dos zíperes da mochila e tirou alguns sanduíches e uma garrafa de café. Enquanto o rapaz acomodava os sanduíches sobre a mochila, Redrick tomou seu cantil e tomou, de olhos fechados, vários goles seguidos.

- Você quer? - Ofereceu, limpando o gargalo do cantil – Serve para dar coragem.

Arthur recusou, sacudindo a cabeça dolorida.

- Não preciso disso para me dar coragem, senhor Schuhart. Prefiro o café, se for possível. Nossa, aqui há muita umidade, não é mesmo?

- É, uma umidade terrível. - ele respondeu enquanto guardava o cantil, depois pegou um

dos sanduíches e começou a mastigá-lo – Quando a névoa baixar, você vai ver que estamos cercados de pântanos. Antigamente, os mosquitos aqui eram infernais.

Ele se serviu um pouco de café. Estava quente, forte e doce; estava melhor que o álcool. Cheirava a sua casa, e a Guta. Mais ainda, a Guta recém saída da cama, recém acordada, ainda com as dobras do travesseiro lhe marcando a bochecha. Isto o fez pensar: “Por que me meto nestas coisas? Quinhentos mil. Para que preciso disso? Para comprar um bar ou algo do tipo? Precisamos de dinheiro apenas para não nos preocuparmos com dinheiro, esta é a verdade. Dick tinha razão. Eu tenho uma casa, um terreno e em Harmont não teria falta de um emprego. Corvo me enganou, me seduziu como se eu fosse um idiota.”

- Senhor Schuhart, acredita mesmo que isto é capaz de conceder desejos? - disse Arthur subitamente, desviando o olhar.

- Isto é tolice! - respondeu Redrick, distraidamente, enquanto segurava o copo de café junto aos lábios – Como você sabe o que estamos buscando?

Arthur sorriu, constrangido, e arrumou o cabelo, passando os dedos nele, e respondeu:

- Bem, eu adivinhei! Não me lembro exatamente quando foi que eu deduzi isto, mas não fora difícil. Em primeiro lugar, meu pai vivia falando da “Esfera Dourada”, mas nos últimos dias parecia tê-la esquecido completamente. No lugar dela, estava constantemente falando de você. Conheço meu pai bem o suficiente para acreditar que vocês são realmente amigos. Além do mais, ultimamente ele está muito estranho. - Arthur começou a rir, sacudindo a cabeça, como se tivesse lembrado de alguma coisa – Em terceiro lugar, acho que o momento exato em que adivinhei, foi quando vi vocês dois testando o pequeno dirigível naquele terreno baldio. - nisto ele deu uma pequena palmada na mochila, onde se encontrava o balão, bem enrolado junto ao cilindro de hélio, e prosseguiu – Eu os observei, quando os vi levantando aquela bolsa com pedras, ai ficou óbvio. Pois eu sei que o único artefato pesado que ainda resta na Zona é a “Esfera Dourada”. - ele mordeu o sanduíche e concluiu, devaneando – Só não entendo como vocês planejam enganá-la, ela deve ser bem lisa...

Redrick o observou por sobre a borda de seu copo enquanto pensava o quão pouco se pareciam, pai e filho. Não tinham nada, absolutamente nada, em comum; nem a cara, nem a voz, nem a alma. A voz de Corvo era áspera, chorosa e sorradeira, embora, quanto falava deste tema, se mostrava muito entusiasmada, de tal modo que era impossível ignorá-la.

- Red – Burbridge lhe havia dito antes, reclinando-se sobre a mesa de sua casa – restam apenas nós dois, e apenas um par de pernas para as ambos: as suas. Quem mais poderia ir? E este é, provavelmente, o artefato mais valioso de toda a Zona! Diga, quem merece encontrá-lo? Quer que aqueles intelectualóides do Instituto a encontrem com as maquininhas deles? Acima de tudo, foi eu que a achei, eu! Quantos dos nossos caíram buscando-a... Mas eu a achei. Queria guardá-la para mim mesmo, não a daria, nem dividiria, com ninguém, mas está vendo que já não posso ir buscá-la... Não há mais ninguém, a não ser você. Levei muitos novatos para lá, fiz uma verdadeira escola. Sim, foi isto que eu fiz, criei uma escola para lhes ensinar. Mas eles não conseguem, você percebe isso? Não sei se o que lhes falta é determinação ou o quê... Bem, não me importa se você acredita em mim ou não. Você quer o dinheiro, então o terá. Me dê o que achar justo, sei que não vai me enganar. Talvez eu

consiga minhas pernas de volta. Minhas pernas, entende?! A Zona me tirou elas, talvez ela também me devolva...

- Ah, o quê? - perguntou Redrick, saindo de suas recordações

- Perguntei se não se incomoda que eu fume um cigarro, sr. Schuhart.

- Não, não. Fique à vontade, fume. Eu também vou fumar um...

Terminou o que lhe restara de café em um gole e pegou um cigarro. Enquanto o acendia, observou a neblina, que começava a se dissipar, pensando: “Está louco, deve ter perdido o que lhe restava de juízo... O bastardo está querendo as pernas de volta...”

Mas aquela conversa havia mexido com ele, tocado em algo que ele não sabia exatamente o que era. Algo que simplesmente não desaparecia, pelo contrário, parecia ir se acumulando cada vez mais. E mesmo não sabendo ao certo do que se tratava, aquilo o estava preocupando. “É como se o Corvo me tivesse contagiado com algo, mas não uma doença ou algo desagradável, mas, pelo contrário... Talvez com sua força? Não, não era isso. Então o que seria?”, ele pensava consigo mesmo, “Vejamos desta forma: Bem, suponhamos que eu tenha conseguido, está tudo empacotado na mochila e estou pronto para ir embora, mas então acontece algo, por exemplo, me prendem. Isso seria ruim? Muito ruim. Mas por que seria ruim? Por perder o dinheiro? Não, não é pela grana... Seria porque este ‘tesouro’ acabaria nas mãos de filhos da puta como Rouco e Ossudo? É acho que isto faz mais sentido. Isso me incomodaria. Mas isso não importa, no final das contas, tudo o que sai da Zona, acaba nas mãos deles...”

- Brrrrrrr – exclamou Arthur – Este frio está me congelando até os ossos. Senhor Schuhart, poderia me dar um trago agora?

Redrick lhe entregou o cantil em silêncio, enquanto continuava com seus pensamentos: “Eu não aceitei logo de cara. Por vinte vezes eu o mandei para o inferno, mas na vigésima primeira acabei mudando de ideia e aceitando. Já não pude resistir. Nossa última conversa foi breve e profissional: ‘Olá, Red, eu trouxe o mapa. Apesar de tudo, não gostaria de dar pelo menos uma olhada?’ Eu olhei em seus olhos lastimados, amarelados com pontos negros e lhe disse: ‘Deixe-me vê-lo’. Foi isso. Lembro de estar bêbado, havia passado toda aquela semana bebendo, estava me sentindo realmente para baixo. Ah, vá para o inferno, o que isto importa? Foi como foi, e agora eu estou aqui. Por que estou me preocupando com isto? Será que eu estou é com medo?”

Um arrepio tomou conta dele, da neblina se ouviu um som longo e melancólico. Redrick se levantou rapidamente, e Arthur fez o mesmo. Mas tudo se silenciou novamente, o único ruído que se ouvia eram dos cascalhos, embaixo dos trilhos, sendo esmagados por seus pés.

- Deve ser o metal se recuperando do frio... – murmurou Arthur, duvidante, como se pronunciasse tais palavras apenas por falar – Estes vagões têm uma longa história, já faz muito tempo que estão aqui...

Redrick observou a diante, mas não conseguiu enxergar nada, foi quando se lembrou.

Durante uma noite, acordara exatamente com o mesmo som, longo e melancólico. Porém, não lhe havia sido um sonho, e sim Martha gritando em sua cama, próximo a janela. O barulho também despertara Guta, que agarrara na mão de Redrick. Ele sentiu que ela estava suando tanto quando ele, e ambos permaneceram quietos e imóveis, apenas escutando, até a menina parar de chorar e voltar a dormir. Eles esperaram um certo tempo na cama, depois se levantaram, foram até a cozinha e beberam meia garrafa de conhaque. Foi quando Guta começou a beber.

- É o metal... - insistiu Arthur – Você sabe como é, ele vai se assentando com o tempo. A umidade, erosão, tudo isso...

Redrick observou seu rosto empalidecido e voltou a se assentar. O cigarro em seus dedos já havia queimado, o que o obrigou a acender outro. Arthur esperou mais um pouco, olhando preocupado ao redor, mas, por fim, tornou a se sentar também.

- Dizem que há moradores na Zona. Pessoas. Não “visitantes”, pessoas mesmo. Ao que parece a Visitação os prenderam aqui e eles acabaram mudando... Se adaptando as novas condições. Já ouviu algo sobre isso, senhor Schuhart?

- Já, já... Mas isso não foi por aqui. Foi nas montanhas, a noroeste. Eram fazendeiros...

“Foi isso que me contagiou”, Redrick seguiu pensando, “a loucura dele. É por isso que eu vim, é isso que eu estou procurando.” Um sentimento estranho tomou conta dele, algo completamente novo, embora na verdade não era algo realmente novo, era algo que ele já carregava dentro de si a muito tempo, em segredo, mas apenas agora estava se dando conta, tudo estava se encaixando; e tudo aquilo que até agora lhe parecia idiotice, devaneios delirantes de um velho ensandecido, se convertiam em sua última esperança, na única razão de sua vida. Finalmente ele compreendeu; era só o que lhe restava no mundo, era o que o estava mantendo vivo nos últimos meses: a esperança de um milagre. Por ele mesmo considerar estupidez, ele sempre evitou a esperança, ignorando-a, se livrando dela, buscando sempre eliminá-la, porque era assim que estava acostumado a viver. Desde a juventude ele nunca havia confiando em ninguém a não ser nele mesmo.

Desde jovem, sua confiança em si mesmo era medida pelo quanto de dinheiro conseguia arrumar, se necessário, através de mordidas violentas contra o caos indiferente que o rodeava. Sempre havia sido assim, e teria continuado assim, se não tivesse caído no poço do qual nenhuma soma em dinheiro fora capaz de retirá-lo, no qual o confiar em si mesmo era inútil. Agora esta esperança, que já não era uma esperança, mas sim a fé em um milagre, o havia levado até o limite, lhe era surpreendente ter conseguido viver tanto tempo naquela escuridão impenetrável e sem saída. Ele riu consigo mesmo e espalmou as costas de Arthur, dizendo:

- Bem, stalker, parece que sairemos desta, não?

Arthur o olhou surpreso e sorriu, não entendendo ao certo o que se passara. Redrick amassou os papéis em que os sanduíches haviam vindo embrulhados, os jogou para baixo de algum dos vagões e se reclinou, apoiando o pescoço sobre sua mochila, dizendo:

- Bem, suponhamos que seja verdade isto da Esfera Dourada, o que você pediria?
- Então você acredita nela?
- Não importa se eu acredito ou não, só estou lhe perguntando, responda.

Ele realmente estava curioso quanto ao quê um rapaz tão jovem, recém formado, poderia desejar. Era divertido vê-lo enrugar a testa, coçar o queixo e ficar desviando o olhar.

- Bem, acho que as pernas de meu pai... E que tudo desse certo em casa.

- Está mentindo – comentou Redrick simpaticamente – Não se esqueça que, segundo dizem, a Esfera Dourada apenas concede os desejos mais íntimos e profundos, aqueles que se tornam o propósito de sua vida e sua não realização acabaria com ela.

Arthur Burbridge ficou corado, olhou para Redrick e corou ainda mais. Surgiram lágrimas em seus olhos, ao que Redrick sorriu e concluiu, falando quase com suavidade:

- Eu entendo, deixe isso, não é da minha conta mesmo. Mantenha os seus segredos para si mesmo.

Ele lembrou-se então da arma e pensou que seria bom aproveitar que tinha tempo para cuidar deste assunto. Perguntou então, casualmente:

- O que é que você está levando no bolso de trás?

- Um revólver. - Arthur resmungou.

- Para quê o trouxe?

- Oras, para atirar. - Arthur respondeu desafiadoramente.

- Vamos, esqueça isso. - disse Redrick energeticamente – Me dê ele, aqui na Zona não há em quem atirar. Me dê.

Arthur pensou em responder algo, mas acabou guardando silêncio. Levou as mãos às costas e lhe entregou o seu Colt militar, segurando-o pelo cano. Redrick o pegou, segurando-o firmemente pela culatra, o empunhou, o girou no ar e voltou a empunhá-lo.

- Você tem um lenço ou algo assim? Quero embrulhá-lo.

Arthur lhe entregou o seu lenço, o qual estava bem limpo e cheirava a perfume. Redrick envolveu o revólver com ele e o colocou sobre um dos dormentes.

- Por enquanto, o deixaremos aqui. Se Deus permitir, voltaremos e pegaremos de volta. Com muito azar precisaríamos trocar tiros com alguma patrulha, ainda que enfrentá-los...

Arthur balançou a cabeça como se concordasse, mas disse tristemente:

- Não foi pensando nisso que eu a trouxe. Tem apenas uma bala. Era para o caso de se repetir comigo um acidente como o do meu pai.

- É por isso? - Redrick disse enquanto lhe olhava fixamente – Não se preocupe, ok. Se acontecer algo contigo eu lhe tiro daqui, mesmo que seja arrastado. Eu lhe prometo. Olha, o dia já está clareando.

A neblina foi desaparecendo diante deles e o aterro foi se revelando. A medida que a neblina se diluía, os picos arredondados dos montes de entulho iam brotando no cenário. Em diversos locais, entre os montes de entulho, viam-se as poças estagnadas do pântano, encobertas por moitas e salgueiros. Podia-se ver o brilho alaranjado do sol se espalhando pelo horizonte, e o céu acima deles se tornando completamente azul e límpido. Arthur observou ao redor e não pode disfarçar o fascínio. Redrick olhou na direção do nascente, as montanhas pareciam negras, e, sobre elas, havia um familiar brilho incandescente e esverdeado, era a chamada “Aurora Verde” da Zona.

Redrick se levantou e seguiu para o aterro, foi até um monte de entulho, atrás de uma vagoneta de minério. Ele contemplou aquele brilho esverdeado se convertendo em tons de rosa antes de, por fim, ser ofuscado pelo halo laranja do sol, fazendo as colinas assumirem contornos azulados. O terreno foi adquirindo seu relevo, logo tudo estava bem evidente, podia-se ver tudo como se estivesse à distância de um palmo. Pouco a frente, a uns duzentos metros, estava o helicóptero caído. Ao que parecia, ele havia caído bem no meio de um “Mata-moscas”, sua fuselagem estava toda achatada, como uma panqueca de metal, apenas a cauda estava inteira, ainda que um tanto amassada, e se erguia na clareira, parecendo uma enorme agulha de crochê negra. A hélice estabilizadora também estava inteira, e emitia um rangido distinto quando a brisa a fazia girar. Aquela era um “Vórtex Gravitacional” muito forte, pois esmagou o metal completamente, nem mesmo o permitiu explodir ou se incendiar, a insígnia da Força Aérea Real ainda era bem visível no metal achatado. Havia anos que Redrick não via algo assim, havia até mesmo esquecido o poder que estas coisas podiam ter.

Retornando até onde estavam sentados antes, e onde havia deixado sua mochila, buscou nela o mapa, estendendo-o por sobre o minério que a vagoneta ainda comportava. Ainda não se podia ver a pedreira, ela estava oculta por detrás de uma colina, que possuía uma árvore queimada na ladeira. Eles teriam que contornar aquela colina pela direita, ao longo do vale que se estendia entre ela e a outra colina, que também estava bem a vista, que não apresentava nenhuma vegetação; estando coberta por rochas de cor marrom.

Todos os pontos de referência correspondiam, mas Redrick não ficara satisfeito. Seus instintos, afiados pelos muitos anos como stalker, refutavam a mera ideia, irracional e antinatural, de se passar por entre duas elevações próximas. “Tudo bem, veremos isto quando chegarmos lá”, ele pensou. Para chegar até aquele vale eles teriam que atravessar o pântano, uma área aberta, o que não parecia perigoso. Porém, ao olhar mais atentamente, ele reparou uma mancha cinzenta, bem escura, entre as duas colinas. Procurando no mapa, encontrou uma marcação com um X naquele ponto, ao lado do qual estava escrito: “Babaca[44]” A linha de traços vermelhos, que indicava o caminho, passava à direita daquele X. O apelido lhe era familiar, mas não conseguia se lembrar exatamente de quem era, como era ou o que fazia o tal Babaca. Por alguma razão, o nome o fazia lembrar do Borscht, e caras gordos e corados

segurando seus copos enquanto riam estridentemente com as bocas abertas, mostrando seus dentes amarelados: uma impressionante manada de titãs e colossos reunidos em uma taberna, esta era uma das lembranças mais vívidas que ele possuía de sua juventude, fora sua primeira ida ao Borscht. “O que eu estava levando mesmo”, ele recordava, “acho que era um ‘vazio’. Havia ido diretamente da Zona; estava molhado, faminto, ensandecido e carregando uma mochila no ombro. Entrei com passos firmes e joguei a mochila por sobre o balcão, olhei ao redor, escutando as piadas e risos que ecoavam, enquanto esperava que Ernest (que ainda era jovem e sempre usava uma gravata borboleta) contasse a quantia certa de verdinhas. Não, espere um pouco, naquela época não tínhamos as verdinhas, usávamos aqueles ‘selos reais’, quadrados e dourados, com a imagem de uma mulher seminua usando uma capa e uma coroa de louros... Eu peguei o dinheiro e, após guardá-lo no bolso, peguei um grande copo que estava sobre o balcão e o quebrei na cabeça do bobo sorridente que estava mais próximo... Acho que era este o tal Babaca...”, Redrick sorria satisfeito ao se lembrar de tais fatos, quando Arthur, que estava ao seu lado, também olhando o mapa, o interrompeu, perguntando em voz baixa:

- É seguro para nós passarmos entre as duas colinas, senhor Schuhart?

- Veremos isto quando chegarmos lá...

Redrick continuou estudando o mapa, havia ali outros dois X, um na encosta da colina com a árvore queimada e outro sobre as pedras. Estavam assinaladas com “Fang” e “Quatro-Olhos”, respectivamente. A trilha passava entre as duas marcas. Ele se voltou para Arthur e, enquanto dobrava o mapa para guardá-lo, lhe repetiu:

- Nós veremos... Me ajude a pôr a mochila nas costas, continuaremos no mesmo ritmo.

Ele se inclinou com o peso da mochila e tentava ajustar as correias de modo a ficar mais confortável.

- Vá na frente, – Redrick indicou – para que eu possa mantê-lo a vista todo o tempo. Não olhe para trás e esteja atento. Lembre que minhas ordens são sagradas e não se esqueça que teremos que nos arrastar um bom pedaço. Nem pense em ter nojo de lama, se eu disser para você enviar a cara na terra, você faz sem dar um pio. Feche a jaqueta. Está preparado?

- Sim, estou.

Arthur estava realmente nervoso, o tom rosado de seu rosto havia desaparecido por completo.

- Primeiro, vamos por aqui - indicou Redrick energeticamente na direção da primeira colina. – Temos que nos manter a uns cem passos daquelas rochas. Está me entendendo? Vamos.

Arthur deixou escapar um suspiro, subiu nos trilhos e avançou para o aterro, acompanhado pelo ruído de cada um de seus passos por sobre o cascalho solto.

- Isto, avance tranquilo. - Redrick lhe dizia – Não há por que se preocupar.

Ele logo o seguiu em sua caminhada, sem pressa, enquanto acostumava os músculos de suas pernas a carregar a volumosa mochila. Ao mesmo tempo, ele não deixava de prestar atenção a Arthur, pois percebia que ele estava assustado. Redrick pensou: “Ele deve ser capaz de sentir. Se tiver os mesmos instintos do pai, deve sentir. Se soubesse como as coisas realmente são. Bem, desta vez eu segui seu conselho, Corvo, como você disse: ‘para este lugar você não poderá ir sozinho, gostando ou não você terá que levar alguém. Posso lhe dar um dos meus, se quiser, um dos que não me sejam indispensáveis.’ Você me convenceu a trazer alguém. É a primeira vez que aceito esse tipo de coisa. Bem, talvez termine tudo bem, no final das contas, talvez dê certo, de algum jeito. Afinal, eu não sou Corvo Burbridge, então talvez eu tenha alguma boa ideia.”

- Espere, pare! - ele indicou a Arthur.

O rapaz se deteve, com aquela água lamacenta e avermelhada lhe cobrindo os tornozelos. Quanto Redrick chegou até ele, ele já havia sido tragado até os joelhos pelo pântano.

- Está vendo esta pedra? - Redrick lhe assinalou – Ali, perto da colina, vá até ela.

Arthur retomou a caminhada, enquanto Redrick esperou até ele se adiantar uns dez passos, antes de o seguir. A lama chapinhava sob seus pés. Aquele era um pântano morto, não havia mosquitos nem sapos ali, e até os arbustos estavam secos e apodrecidos. Redrick observava ao seu redor, mas, naquele momento, tudo parecia correr bem. A colina se aproximava lentamente, cobrindo o sol, que ainda não havia se levantado muito no céu, até que, por fim, acabou por cobrir-lhes completamente a visão do céu na direção do nascente. Ao chegar na rocha, o ruivo voltou o olhar de volta para o aterro. O sol o estava iluminando fortemente. Nele se podia ver um comboio de dez vagões metálicos. Alguns deles haviam descarrilhado, tombando sobre a ribanceira, fazendo com que o terreno ao seu redor se cobrisse com montes avermelhados de minério bruto enferrujado. Mais a frente, na direção norte, estava a cratera, o ar parecia tremer e se ondular sobre ela, estralando com pequenos arco-íris que desapareciam em frações de segundos. Redrick observou toda aquela comoção por alguns segundos, então cuspiu no chão e continuou avançando.

- Vamos, temos que continuar. – Redrick disse, ao que Arthur lhe voltou a face com uma expressão tensa – Está vendo aqueles farrapos ali? Não, você está olhando para o lado errado, é ali atrás! Bem ali, logo a direita...

- Ok – respondeu Arthur.

- Bem, aquele era um tipo que, há muito tempo, chamavam de “Babaca”. Ele não escutou os mais experientes, e então ficou ali, para indicar o caminho para os que fossem mais espertos do que ele. Agora olhe para a direita do Babaca, está vendo? Está vendo aquela mancha? Ali, onde as moitas são mais espessas. Esta é a direção que seguiremos. Vamos, em frente!

Eles seguiram em frente, avançando paralelos ao aterro. A cada passo eles se viam em

águas mais rasas, e rapidamente se viram já em terra, ainda que encharcada e esponjosa. Segundo o mapa eles ainda estavam nos pântanos. “Este mapa é bem antigo”, Redrick pensou, “já faz um bom tempo que Burbridge não vem aqui e o mapa pode estar defasado... Não gosto disso, é obvio que é melhor avançar por terra, mas preferia seguir pelo pântano, isto mostraria que o mapa está certo... Mas olhe como o Arthur está andando, parece até que está passeando pela Avenida Central.”

Arthur parecia ter recebido uma carga de ânimo e caminhava velozmente, com uma mão no bolso e balançando a outra estilosamente. Redrick procurou em seus bolsos e apanhou um tornilho, que deveria pesar umas 30 gramas. Apontou e o jogou. O tornilho atingiu Arthur em cheio, bem na nuca. Este, ao ser atingindo, automaticamente se jogou no chão com as mãos na cabeça, se encurvando sobre a grama. Redrick se aproximou dele, e lhe pontificou:

- Você tem que entender como as coisas são aqui, Artie, não estamos passeando em uma avenida, nem em um boulevard, entende isso?

Arthur levantou-se devagar, extremamente pálido.

- Está bem? - Redrick insistiu.

O rapaz engoliu seco e acenou com a cabeça, consentindo.

- Que bom, fico feliz com isso. Numa próxima vez, eu lhe acerto bem no meio da fuça, isto é, se eu conseguir lhe alcançar com vida. Vamos continuar!

Aquele rapaz daria um bom stalker, apesar de tudo – pensava Redrick consigo mesmo. Talvez o chamassem de “Artie, o Belo”. Antigamente havia um stalker chamado “o Belo”, seu nome era Dixon, sim, o mesmo que hoje é chamado “Gopher”: o único ser humano conhecido que caiu em um “Moedor de Carne” e sobreviveu. Aquele idiota acredita mesmo que foi Burbridge que o tirou do “Moedor de Carne”. Vá para o inferno. Ninguém conseguiria tirar uma pessoa de um “Moedor de Carne”. Só o que Burbridge fez foi arrastá-lo para fora da Zona, isto é fato. Parece estranho Burbridge ter feito algo tão heroico, mas a verdade é que ele não fez... Os outros stalkers já estavam de saco cheio das traições, esquemas e armações de Burbridge, e haviam lhe prometido que se ele voltasse sozinho desta vez, seria melhor para ele não voltar. Foi nesta época que começaram a chamá-lo de “o Corvo”, antes de se juntar a nós o chamavam “o Conquistador”...

Foi neste momento que Redrick percebeu uma brisa lhe tocando apenas a bochecha esquerda. Sem pensar duas vezes eles gritou:

- Espera, pare!

Ele estendeu a mão para esquerda e percebeu que a brisa se tornava mais forte. Isso significava que em algum lugar entre eles e o aterro havia um “mata-moscas”. Talvez ele se estendesse ao longo do aterro, provavelmente era a razão daqueles vagões terem tombado. Artie ficou completamente imóvel, como que clavado no chão, não movia sequer a cabeça.

- Vamos, pela direita.

“Ah, sim, ele teria sido um bom stalker... Que babaquice, agora vou ficar sentindo pena dele?! É só mesmo o que faltava! Será que, por acaso alguém, alguma vez, ficou com pena de mim? Bem, acho que Kirill sentia... o Dick Noonan, acho que também... Embora acho que ele sente mesmo é alguma coisa pela Guta, e não por mim... Mas, uma coisa leva a outra. O fato é que eu nunca pude sentir pena, sempre vivi na base do 'ou vai, ou racha'...”

Finalmente ele conseguira compreender a escolha que aparentemente ele precisaria fazer: era este rapaz, ou sua filha. Ao mesmo tempo, lhe era cada vez mais óbvio que esta escolha não existia de verdade. Neste momento uma voz em seu interior insistiu: “Se pudesse ocorrer um milagre...”, mas isto o assustou, e ele tratou de ignorar e calar a voz.

Os dois passaram perto do monte de farrapos cinzentos. Já não restava mais nada do “Babaca”. A alguma distância dali, no meio da vegetação seca, se podia ver um aparado metálico, enferrujado – era um detector de minas. Naqueles tempos alguns stalkers usavam detectores de minas, comprados secretamente de contrabandistas, que os desviavam dos depósitos militares. Dependiam mais deles do que do próprio Deus para atravessar estas áreas. Mesmo assim dois deles morreram em um intervalo de poucos dias, vítimas de explosões vindas de debaixo da terra. Isto os fizeram abandonar estas coisas. Mas, quem realmente era esse Babaca? Corvo o havia trazido para cá, ou ele teria vindo por conta própria? Por qual motivo tantos estavam vindo para este lugar? Por que ele não sabia nada sobre esta área? Maldição, Redrick pensava, está fazendo muito calor; e ainda é cedo... Não quero nem imaginar como vai ficar mais tarde.

Arthur, que seguia uns cinco passos a frente, limpou o suor da testa com uma das mãos. Redrick cerrou os olhos para olhar o sol, que ainda não havia subido muito no céu. Rapidamente percebeu que a grama seca já não estava estralando quando esmagada por seus passos, mas estava se comportando como se pisassem em algo polvorento. Mais do que isso, ela realmente não era mais rígida e quebradiça, estava mole e desfarelado, caindo sobre seus sapatos como uma espécie de fuligem. Ele olhou para o chão a frente e viu claramente as pegadas de Artie, estampadas naquele material estranho. Instintivamente, ele se atirou ao solo, gritando:

- Para o chão, agora!

Ele se jogou de cara contra a grama, que se desfez em pó com o impacto de sua bochecha. Cerrou os dentes fortemente, furioso pela má sorte que os acometera, e ficou ali, imóvel, esperançoso que simplesmente passasse por cima deles, ainda que soubesse que eles estavam presos ali. O calor foi aumentando cada vez mais, os esmagando e envolvendo, como se estivessem mergulhados em água fervente. Seus olhos irritaram e se inundaram de lágrimas, quando se lembrou, tardiamente, de gritar para Arthur:

- Não se mova! Agente firme! - embora ele mesmo se esforçasse muito para aguentar.

Estava conseguindo suportar, ao que parecia, aquilo passaria, sem maiores problemas, além de muito suor. Mas Arthur, não aguentou. Talvez não tenha ouvido Redrick gritar, ou talvez o medo teria lhe feito perder a cabeça, ou, ainda, pode ser que suas queimaduras tenham sido mais intensas. O fato é que ele perdeu o domínio próprio e saiu correndo às cegas, gritando selvagememente, na direção que seus instintos lhe indicavam: voltando atrás;

exatamente para onde não deveria ir. Redrick conseguiu estender as mãos e agarrá-lo por uma das pernas, fazendo-o cair fortemente no chão, levantando uma grande nuvem de pó cinzento. Arthur gritou histericamente e, com perna livre, desferiu chutes contra a cabeça de Redrick, que, mesmo não conseguindo pensar muito claramente com tudo aquilo que estava ocorrendo, se arrastou para cima dele, tentando subjugá-lo. Ele agarrou os cabelos do rapaz com as duas mãos, e conseguiu pôr a cabeça dele por baixo de sua jaqueta de couro, tentando pressioná-lo contra o solo, ao mesmo tempo que lhe acertava golpes com os pés e joelhos, buscando controlar o rapaz que se debatia fortemente. Ele mal conseguia ouvir os gemidos abafados de Artie e nem se dava conta de seus próprios gritos ásperos:

- Fique quieto, imbecil! Fique parado ou eu mesmo o matarei!

Fuligem carbonizada caía incansavelmente sobre eles, chegando a cobri-los, suas roupas começaram a se incinerar e o couro de suas botas e jaquetas começou a empolar e rachar com o calor. A cabeça de Redrick estava ficando soterrada pela fuligem, enquanto ele se esforçava para manter a cabeça de Artie debaixo de seu peito. Chegando ao ponto de não aguentar mais, ele começou a gritar com toda a força de seus pulmões. Ele sequer percebeu quanto aquilo acabou. Apenas o sentiu quando voltou a conseguir respirar, sentindo que o ar voltara a ser ar, e não mais vapor incinerante. Isso lhe mostrara que era necessário sair dali o mais rápido possível, se afastar daquele calor demoníaco antes que voltasse a cair sobre eles. Ele largou Arthur, que estava completamente imóvel. Pegou suas pernas com um braço e usou o outro para se arrastar pela trilha; olhando fixamente para o ponto em que a grama parecia voltar a crescer. A grama ali se mostrava seca, morta e áspera, mas parecia natural, e, naquele momento, parecia o mais radiante e belo sinal de vida que se poderia encontrar em todo o mundo.

As cinzas haviam se espalhado até entre seus dentes, o rosto queimado ainda emanava calor e suor escorria continua e diretamente por sobre seus olhos, talvez por que ele já não possuía sobrancelhas ou cílios. A jaqueta de Arthur, esticada para trás, parecia se enroscar em absolutamente qualquer coisa que surgisse pelo caminho. As chamuscadas mãos de Redrick estavam muito doloridas e a pesada mochila continuamente lhe acertava o, ainda ardente, pescoço. Toda aquela dor e a dificuldade em respirar lhe faziam pensar que estava muito ferido, e que não conseguiriam sair dali. Tal temor lhe fez forçar mais os cotovelos e joelhos, buscando se arrastar com mais impulso, enquanto mentalmente tentava se motivar: “Tem que alcançar, vamos, Red! Vamos, eu sei que você pode. Assim, só mais um pouco...”

Após isso, ele se jogou na margem do pântano, mergulhando por um longo tempo o rosto e os braços na água lamacenta e fétida, desfrutando aquele indescritível frescor pútrido, desejando se manter naquilo o resto de seus dias, embora soubesse que precisava se levantar. Ele se pôs de joelhos e deixou a mochila cair de suas costas, depois, se arrastou até onde havia deixado Arthur, que permanecia imóvel a quase dez metros dele. Ele o colocou de costas, aquele que havia sido um belo rapaz, agora estava coberto por uma máscara de cor escura, forjada sobre sua pele com sangue seco e cinzas. Redrick percebeu, inclusive, sulcos e falhas naquela crosta escura, provavelmente feitos por pedras durante os solavancos de arrastá-lo. Ele, então, se levantou, tomou o jovem pelas axilas e o arrastou até a beira d'água. Arthur respirava com dificuldade, gemendo ocasionalmente, e Redrick lhe mergulhou o rosto na água, e voltou a afundar o próprio rosto no charco, desfrutando novamente daquela gélida

carícia. Após alguns segundos, Arthur gorgolejou, soltando bolhas na água, se firmou sobre suas mãos e ergueu a cabeça da água. Estava atônito, com os olhos arregalados e sem entender o que havia se passado, respirava freneticamente, em meio a tossidas e escarradas. Recobrando os sentidos, buscou a Redrick, chamando-o, enquanto sacudia a cabeça para se livrar da água suja:

- Hei, o que foi isso, senhor Schuhart?

- Era a morte... - murmurou Redrick, que tossiu e passou a apalpar o rosto, ainda dolorido. O nariz estava bem inchado, mas tudo parecia, estranhamente, em ordem. As mãos também pareciam estar intactas, ainda que bem avermelhadas.

Arthur também se pôs a conferir seu rosto. Após se limpar daquela máscara de cinzas, constatou que, nele também, contra todas as perspectivas, estava tudo em ordem. Estava com alguns arranhões, um inchaço na testa e os lábios rachados, mas considerando o que havia se passado, isso não era nada.

- Nunca ouvi falar de nada parecido... - comentou Arthur, olhando para trás.

Redrick também olhou para trás, havia vários rastros na relva incinerada, e lhe surpreendeu o quão curto fora aquele horrível trajeto. Para ele havia parecido algo interminável, enquanto se arrastava, acompanhado de seu parceiro, para se salvar da fatalidade. Eram apenas uns vinte ou trinta metros de onde estavam até onde haviam chegado, mas cegado pelo medo, ele acabou avançando em um insano zigue-zague, como uma barata sobre uma panela quente, graças a Deus ele o fez na direção certa. Do contrário, poderiam ter ido direto para o “mata-moscas” à esquerda, ou poderia ter voltado todo o caminho para trás. Bem, nem tanto, afinal ele não era nenhum novato, e, se não fosse por aquele jovem estúpido, nada teria ocorrido, a não ser, no máximo, algumas bolhas nos pés.

Arthur se levantou lentamente, gemendo de dor, ao tocar em partes doloridas de seu corpo. Redrick também se levantou, estava muito dolorido, sentindo o raspar das roupas em sua pele queimada enquanto caminhava até um ponto mais seco, onde poderia examinar a mochila. Ela havia ficado em um estado realmente deplorável. As fivelas haviam derretido, as ampolas do kit médico haviam estourado com o calor e a mochila apresentava uma grande mancha úmida que cheirava a anti-séptico. Redrick abriu a mochila e começou a limpá-la, recolhendo com cuidado os cacos de vidros e pedaços de plástico de seu interior. Neste momento, Arthur, atrás dele, lhe disse:

- Obrigado, senhor Schuhart, salvou minha vida...

Redrick não respondeu, mas pensou consigo mesmo: “Obrigado por você ter entrado em pânico e eu ter que lhe resgatar...”

- Foi minha culpa. Eu lhe ouvi me mandando ficar parado, mas estava muito assustado e quanto o calor se tonou mais forte... Eu perdi a cabeça. Não aguento muito bem a dor, senhor Schuhart.

- Vamos, levante-se. - disse Redrick sem se voltar para o jovem – Isto não foi nada, foi

apenas uma amostra... Levante-se, por que está aí parado sem fazer nada?

Voltando a pôr a mochila nas costas, Red fez uma careta de dor ao sentir o peso dela forçando seus ombros queimados. Era como se lhe tivessem arrancado a pele dos pontos afetados. Ele pensou consigo mesmo: “Então o rapaz não aguenta sentir dor... Vai pro inferno, você e sua dor.” Olhando os arredores, tudo parecia certo, eles não haviam se desviado da trilha. “Agora para os morros, ali onde estão os cadáveres. Malditos montes de lixo erguendo-se por toda parte, filhos da mãe, são como os chifres do demônio, e entre eles aquela maldita passagem.” Red farejou o ar, aquela maldita passagem era precisamente a parte mais asquerosa e nojenta.

- Está vendo esta passagem entre os montes? - ele perguntou.

- Sim, estou...

- Vamos direto por ela.

Arthur secou o rosto com o dorso da mão e começou a caminhar, escorregando os pés na lama. Ele avançava cambaleando, já não parecia mais tão ativo e não demonstrava mais o mesmo porte de antes. Caminhava encurvado e cautelosamente. “Mais um que eu salvei...”, pensou Redrick, “Quantos já foram? Cinco, seis... Mas, por que eu o salvei? Não é meu parente, não sou responsável por nada que lhe aconteça. Então, deixe-me ver, por que diabos o salvei? Estive a ponto de me ferrar por culpa dele. Mas, agora que minha cabeça está esfriando, estou me lembrando o porquê. Fiz bem em salvá-lo, não vou conseguir sem ele, preciso dele... por Martha. Não foi um ser humano que eu salvei, e sim um acessório, uma chave mestra. Mas, lá, no meio do calor, não pensei em nada, o tratei como se tivéssemos o mesmo sangue, como se fosse um irmão, e nem por um só segundo sequer pensei em deixá-lo para trás. Na verdade, havia me esquecido completamente de tudo, desta missão e até de Martha. O que isso significa? Significa que lá no fundo eu sou uma boa pessoa? Isto é o que Guta acredita, era o que Kirill insistia em dizer e sobre o que Richard fica sempre tagarelando... Que belo ‘bom rapaz’ eles encontraram em mim... Mas, chega disto, é preciso pensar primeiro com a cabeça, depois agir com o coração. Consegue entender isso, senhor ‘bom rapaz’? Posso ter salvo ele simplesmente para o ‘moedor de carne’, temos pelo menos uma chance de sobreviver a tudo aqui, mas ao ‘moedor de carne’ não, a ele não...”

- Pare!

Eles estavam diante da passagem. Arthur estava parado, aguardando ordens com os olhos fixos em Redrick. O chão estava todo coberto com um limo pútrido, que refletia a luz do sol como se estivesse coberto de azeite. Dele emanava vapores, que se condensava entre os montes de lixo e formavam uma neblina. Não tinham mais do que dez metros de visibilidade ali, e o fedor era insuportável.

- Isto é realmente assustador. Mas tenha coragem.

Arthur fez um resmungo gutural e retrocedeu um pouco, enquanto Redrick tomava a dianteira decididamente. Ele apanhou de um de seus bolsos um pequeno copo com algodão encharcado em desodorante e encheu as narinas com ele, oferecendo também a Arthur.

- Obrigado, senhor Schuhart, mas não podemos ir por um caminho seco? - ele perguntou com uma voz fraca, ao que Redrick o agarrou pelos cabelos e virou sua cabeça na direção dos farrapos que estavam espalhados por sobre a rochosa ladeira da colina próxima a eles.

- Este era o Quatro-olhos - Redrick informou. – Na outra colina, a da esquerda, mesmo que daqui não possamos ver, está o que restou de Fang, não muito diferente. Conseguem entender isso? Então vamos em frente.

Eles caminhavam erguidos, mas logo estavam cobertos até a cintura pelo limo, que se mostrava morno e pegajoso. Por sorte o fundo era rochoso e bastante aplanado. Porém, Redrick não demorou em perceber um estrondo bem familiar ecoando de ambos os lados. À esquerda não se via nada, apenas o intenso brilho do sol, mas na ladeira da direita, em meio às sombras, via-se o reluzir de pequenas luzes arroxeadas.

- Se abaixe. - ele disse, enquanto ele próprio o fazia – Mais baixo, idiota!

Arthur se agachou, assustado, um duplo estrondo ecoou pelo ar e um raio começou a se contorcer furiosa e intrinsecamente por cima deles, visível apenas quanto se olhava ele contra a claridade do céu. Arthur se sentou, afundando-se até os ombros no limo. Redrick, ensurdecido pelo barulho, se virou e viu a mancha roxa brilhante aumentando cada vez mais na sombra entre as rochas e pedras da ladeira. Houve mais um estrondo e ele gritou, sem conseguir se ouvir:

- Vamos! Continue em frente!

Avançaram em fila, agachados no limo e apenas com a cabeça acima dele. A cada novo estrondo, se percebia os longos cabelos de Arthur se arrepiarem e ele mesmo sentia como se milhares de agulhas estivessem sendo jogadas contra sua pele.

- Vamos! Rápido! - ele seguia repetindo, mesmo já não sendo capaz de ouvir mais nada.

Em um momento, enquanto avançavam, Redrick chegou a ver Arthur de perfil e notou seus olhos arregalados de medo e que seu rosto estava pálido, suado e manchado de limo verde. Rapidamente os raios começaram a baixar, e estralar tão próximos a eles, que os obrigou a baixarem ainda mais a cabeça no limo, que começou a lhes cobrir a boca, dificultando a respiração. No desespero por tomar ar, Redrick acabou por arrancar o algodão do nariz, e constatou que o fedor havia desaparecido por completo, mas agora se podia sentir o aroma fresco e penetrante de ozônio. A neblina lhe parecia estar se tornando cada vez mais densa, ou talvez fosse ele que começara a desvanecer. Já não era capaz de distinguir as ladeiras nas laterais da trilha, apenas conseguia ver, pouco a sua frente, a cabeça de Arthur, coberta de limo verde, e nuvens amareladas se diluindo na névoa.

“Eu vou passar por isso, eu passarei”, Redrick pensava consigo mesmo, “isto não é nada demais, nenhuma novidade, toda a minha vida sempre foi assim: mergulhado na lama, com raios sobre minha cabeça. Nunca foi diferente disto. De onde é que vem toda esta merda?! Como é possível tanta porcaria em só lugar, é de enlouquecer qualquer um! Corvo

Burbridge conseguiu, ele passou por aqui... Quatro-olhos caiu indo pela direita e Fang teve o mesmo destino à esquerda, apenas para liberar o caminho para que o Corvo pudesse passar em segurança, deixando toda esta porcaria para trás. Eles mereceram isto, qualquer um que siga Corvo Burbridge acabará com bosta até o pescoço. Será que eles não sabiam?! E existem 'Corvos' demais neste mundo, talvez por isso já não reste um só lugar limpo e bom na face da Terra. Noonan é outro estúpido, fica dizendo: Redrick, você tem que buscar um equilíbrio, porque se não o encontrar você acabará infeliz, independente de estar em um sistema bom ou em um sistema mal. É por causa de pessoas como você que não conseguimos ter o Reino dos Céus na terra. O que aquele balofo sabe? Onde é que já se viu um sistema bom? Quanto é que me viu em um sistema bom?!"

Neste momento ele escorregou em uma pedra, que girou debaixo de seu pé, fazendo-o cair no limo. Ao retornar a tona, se deparou com a face aterrorizada de Arthur diante dele. Por um segundo um calafrio tomou conta dele, ele pensava ter perdido o rumo. Mas, não foi assim, rapidamente ele compreendeu a direção que deveriam tomar, deveriam seguir até uma rocha escura que se erguia no meio do limo, compreendeu isto, ainda que nada mais fosse visível naquela neblina.

- Espera! Direita! Pela direita da rocha! - Ele gritou, embora ainda não conseguisse ouvir a própria voz. Ele, então, correu até Arthur, o segurou pelo ombro e lhe indicou para se manter sempre à direita daquela rocha e se mantivesse sempre abaixado.

Enquanto isso, ele pensava: "Em breve, você me pagará por tudo isso!" Arthur mergulhou a cabeça no exato momento em que o raio atingia a rocha e a reduzia a lascas. Redrick continuava repetindo em pensamento: "Vai me pagar, me pagará por tudo isso!", enquanto tornava a submergir e agitava furiosamente braços e pernas. Houve um novo estrondo, e os pensamentos de Redrick continuavam: "Arrancarei até a sua alma por isso!", até que ele se pôs a refletir: "A quem estou me referindo?! Eu nem faço ideia... Mas alguém vai ter que pagar por tudo isso que estou passando! Espere só... Espere só até eu por minha mãos na Esfera, quanto eu a pegar... Eu não sou o Corvo, eu pedirei o que eu quiser."

Quando finalmente conseguiram sair e alcançar a margem, recoberta por cascalhos, já bem aquecidos pelo sol, não estavam conseguindo escutar direito, estavam doloridos e cambaleantes, tendo que se apoiar um no outro para continuar caminhando. Foi quando Redrick viu uma velha pick-up com a pintura já descamando, afundada até os eixos na terra, e decidiu que descansariam à sua sombra, pelo que eles se arrastaram até o veículo. Arthur deitou de costas no chão e abriu sua jaqueta com as mãos exaustas, Redrick apoiou a mochila contra a lateral da carroceria e usou as mãos para se limpar um pouco, removendo as sujeiras maiores e buscou o seu cantil, no interior da jaqueta.

- Pra mim também, por favor... Pra mim também... - Arthur disse.

Redrick se surpreendeu ao ouvi-lo falar com voz clara e alta; tomou um trago, fechou os olhos e passou o cantil para Arthur. "Pronto...", ele pensou, com sua mente já debilitada: "conseguimos chegar até aqui. Agora temos umas questões para acertar... Acha que eu me esqueci? Não, nada disso, eu me lembro de tudo. Acha mesmo que vou lhes ser grato por terem me deixado passar, por não acabarem comigo naquele pântano? Vão para o inferno, já chega, entenderam? Já chega de tudo isto! Daqui pra frente eu vou tomar o controle. Eu,

Redrick Schuhart, em plena posse de minhas faculdades físicas e mentais, tomarei todas as decisões a partir de agora. Todos os Corvos, Babacas, Visitantes e Sanguessugas, senhores Quaterblads, Ossudos e Roucos, e todos mais de terno e gravata, sempre limpos e perfumados, com suas maletas, sermões, ações de caridade e ofertas de emprego, e também todas estas baterias e motores eternos e 'mata-moscas', junto com todas as falsas promessas... Já estou de saco cheio! Já faz um bom tempo que vocês tem me enganado. Na verdade vocês tem me enganado por toda a minha vida, e eu, iludido, me deixava enganar, pensando ter a vida que eu sempre quisera, chegando inclusive a me gabar, enchendo a boca para falar dela... Como pude ser tão estúpido! Todo este tempo vocês estavam me manipulando e usando, jogando-me entre bares e prisões... Pra mim chega!” Ele soltou as alças da mochila dos ombros e tomou de volta o cantil que estava com Arthur.

- Nunca imaginei isto... - comentou Arthur, com um tom de estupefação na voz – Não fui capaz nem mesmo de imaginá-lo. Eu sabia dos perigos, das anomalias e tudo mais... Mas, mesmo assim, algo igual a isto... Como faremos para voltar?!

Redrick o ignorava, as coisas que ele dizia já não lhe tinham importância. Antes também não lhe importavam, mas, antes, pelo menos aquele rapaz era um ser humano. Agora, não passava de uma ferramenta falante, a chave que lhe abriria o caminho até a “Esfera Dourada”. Uma chave que falava, apenas isso.

- Se, pelo menos, tivéssemos um pouco d'água. Ao menos para lavar o rosto... - reclamou Arthur.

Redrick olhou para ele, estava despenteado e imundo, com o rosto todo manchado de limo, que já estava secando sobre a pele, e uma verdadeira crosta de barro lamacento lhe cobrindo o corpo. Mas, ele não sentiu pena, nem raiva, não sentiu nada, afinal era apenas uma chave falante, e tornou a se virar. Diante deles, se abria uma ampla campina, com uma construção abandonada, coberta de azulejos trincados e sujos com uma poeira branca, refletindo o sol ofuscante, que brilhava quente, fervoroso e morto contra eles. Também se podia ver o outro lado do vale, também refletindo esplendorosamente a luz solar, daquela distância, parecia se mostrar perfeitamente lisa e perpendicular. A área em volta deles estava marcada por rachaduras e pedregulhos enormes e arredondados, uma trilha cortava a região e seguia até a cabine de uma escavadeira, que se mostrava como um ponto avermelhado em meio a toda aquela rocha esbranquiçada e era o único ponto de referência que eles possuíam, deveriam se guiar até ela apenas pela sorte.

Arthur se esforçou para se levantar, fuçou com as mãos por baixo do chassi do veículo e tirou de lá uma lata oxidada.

- Olhe, senhor Schuhart. – ele disse animadamente – Meu pai deve ter deixado isto aqui. Há outras escondidas aqui embaixo.

Redrick não respondeu. “Isto é um erro”, ele pensou friamente, “isto não é hora de se pensar em seu pai, é melhor não pensar em nada! Mas, também... não faz diferença.” Ele se levantou e estremeceu, suas roupas haviam grudado na pele queimada, e a sensação era como se lhe rasgassem por dentro, como quanto se puxa com força um curativo de uma ferida seca. Arthur conseguiu sentir sua dor, ao vê-lo martirizado, chegando a também gemer de dor

apenas ao ver a cena. Quis comentar algo, mas não o fez. Apenas exclamou timidamente:

- Acha que seria possível tomarmos mais um trago, senhor Schuhart?

Redrick pegou o cantil que guardava por debaixo da camisa.

- Está vendo a mancha vermelha entre aquelas rochas?

- Sim... - respondeu Arthur estremeando.

- Vamos direto até ela.

O rapaz esticou os braços, contraiu os ombros com uma expressão de dor e olhou ao seu redor.

- Gostaria de poder me lavar... Estou me sentindo asqueroso...

Redrick permaneceu em silêncio, Arthur o olhou desoladamente e acenou com a cabeça, estava prestes a iniciar a caminhada, mas se deteve subitamente.

- A mochila, você está se esquecendo da mochila, sr. Schuhart.

- Em frente! – retrucou Redrick.

Redrick não queria se explicar, e também não quis mentir. Não havia necessidade. Ele seguiria em frente de qualquer maneira, mesmo que já não tivesse para onde ir. Ele foi, e Arthur também. Caminhando encurvado, arrastando os pés, tentando limpar como pudesse a lama seca sobre o rosto, parecendo mirrado, patético e exaurido, como um animalzinho abandonado na rua. Redrick o fez ir na frente.

Assim que deixaram a sombra, o sol forte os cegou, Redrick usou a mão para proteger os olhos, se arrependendo de não ter trazido óculos de sol. Cada passo que davam levantava uma nuvem de pó esbranquiçado do chão, esta nuvem, ao se assentar por sobre seus sapados, exalava um fedor insuportável. Embora, talvez fosse Arthur que estivesse fedendo, tornando impossível caminhar atrás dele. Redrick levou um bom tempo até perceber que ele mesmo também estava impregnado com aquele cheiro. Era desagradável, mas, de certo modo, também era familiar; era o mesmo odor que invadia a cidade quando o vento norte trazia a fumaça das fábricas. inclusive seu pai tinha este cheiro, quando chegava em casa com fome, cansado, com os olhos vermelhos e inchados. Estes eram os momentos que o pequeno Redrick buscava se esconder em algum canto e o ficava observando, vendo seu pai retirar as grandes e gastas botas e as jogar no fundo do guarda-roupas, depois, tirar a roupa de trabalho, a entregando a mãe de Redrick e seguir para o banheiro, de meias, deixando pegadas pegajosas pelo caminho. Ele ficava lá, no chuveiro, se esfregando e murmurando por muito tempo, até que em algum momento gritava de tal maneira que parecia fazer a casa estremecer: “Maria, você está dormindo?!” Redrick tinha que esperar até que o pai se lavasse e se instalasse à mesa, tendo diante de si uma garrafa de bebida, uma tigela de sopa grossa e um frasco de ketchup. Tinha que esperar ele terminar a sopa e se voltar para o feijão com carne de porco e só então poderia se revelar, chegar até ele, subir em seu colo e lhe

perguntar coisas como, por exemplo, quantos engenheiros e sindicalistas haviam se queimado com ácido[45] na fábrica, aquele dia.

Tudo ao seu redor parecia assumir um tom branco incandescente, estava cada vez mais atordoado pelo calor, pela sede, pelo cansaço e pela insuportável dor nas articulações sobre as quais sua pele havia se queimado. Era como se, em meio a uma colorífica névoa que lhe envolvia a consciência, sua pele lhe gritasse, clamando por descanso, água e frescor. Suas memórias estavam se desgastando, chegando ao ponto de se tornarem irreconhecíveis, se mesclando e se confundindo umas com as outras dentro de sua cabeça dolorida, se chocando com a visão daquele mundo incandescente que ardia diante de seus olhos semicerrados. Aquilo tudo era amargo, evocando uma mistura de piedade e ódio. Ele tentava fugir daquele caos, evocar uma boa lembrança de seu passado, algo com algum sentimento agradável e alegre. Buscou nas profundezas de suas memórias até conseguir invocar o rosto jovem e sorridente de Guta, quanto era mais nova, quanto ele a desejava, mas ainda não a tocara, mas logo seu rosto pareceu ser consumido por algum tipo de ferrugem, foi distorcido e deformado, e logo surgira em seus olhos a face sombria de Martha, com a fronte coberta de pele áspera e marrom. Ele se esforçou então para se lembrar de Kirill, aquele homem que era um santo, de suas decisões determinadas e seguras, de sua risada, suas palavras que prometiam coisas as quais ele mesmo nunca chegou a ver... A visão de Kirill lhe surgira ante os olhos, mas, rapidamente, surgira também aquela teia de aranha prateada, se desfazendo à luz do sol, fazendo Kirill desaparecer também. No lugar surgiram os olhos angelicais de Rouco, lhe olhando fixamente, enquanto carregava um pote de porcelana branco... Os pensamentos doentios e obscuros de seu subconsciente pareciam ter conseguido derrubar a barreira que sua vontade tentara criar em sua mente, destroçando suas lembranças, apagando qualquer coisa boa e feliz que ainda restara ali, deixando apenas rostos feios e imagens cruéis, como se nunca lhe houvesse ocorrido nada de bom.

Mesmo com tudo isso em sua mente, Redrick não deixava de ser um stalker. Sem perceber, como se fosse algo automático, uma parte de seu cérebro parecia coletar as informações essenciais do entorno: a esquerda, a uma boa distância e sobre uma pilha de tábuas velhas, havia um “Poltergeist”, mas estava parado, como que esgotado, então não fazia diferença, já a direita se sentia uma leve brisa, e alguns poucos metros à frente havia um “mata-moscas”, podia vê-lo claramente, possuía vários braços, lembrando a forma de uma estrela, e em seu centro havia algo raro: um pássaro esmagado, é muito difícil ver pássaros na Zona; à direita da trilha se percebia também duas garrafas vazias, provavelmente Corvo as abandonou ali durante sua fuga, o medo é o único que fala mais alto do que a ganância. Ele percebeu tudo isso, e considerou tudo, bastou que Arthur desviasse um único passo da rota para que sua boca se abrisse em uma advertência rouca, algo que também parecia acontecer automaticamente. “Uma máquina”, ele pensou consigo mesmo, “isto me converteu em uma máquina...” As pedras fendidas, que marcavam o final da pedreira, se aproximavam, e já se podiam ver os interessantes padrões que a ferrugem parecia desenhar no teto da escavadeira abandonada.

“Você é um tolo, Burbridge!”, pensou Redrick, “Você se acha esperto, mas não passa de um idiota. Como pode ter confiado em mim? Nos conhecemos a tanto tempo que você deveria saber mais sobre mim até do que eu mesmo! Talvez seja a convivência, ter envelhecido cercado destes ignorantes, deve ser isto que o está deixando cada vez mais estúpido... No

que estou pensando, eu também passei a vida toda convivendo com os mesmos idiotas...” Então, o rosto de Burbridge apareceu-lhe na mente, apareceu-lhe a expressão que fizera quando descobriu que Arthur, seu pequeno Artie, seu único filho, seu orgulho e alegria, havia ido para a Zona com Red, na esperança de recuperar as pernas do pai, no lugar de qualquer novato dispensável. Lembrar-se de tal cena o fez começar a rir. Isto, por sua vez, fez com que Arthur cessasse a caminhada e se voltasse para trás, olhando-o assustado, tentando entender o motivo do riso, mas Redrick continuou a rir e apenas lhe assinalou, com gestos, que continuasse avançando. Novamente, em sua mente, Redrick viu um rosto conhecido se distorcendo e deformando. Então, ele percebeu que tudo tinha que mudar. Não apenas uma vida ou outra, não o destino de apenas uma ou duas pessoas, mas tudo, cada um dos aspectos deste mundo podre e fétido precisavam ser mudados.

Arthur se deteve na íngreme encosta da pedreira, suas pernas haviam travado e ele olhou para baixo, ao longe, esticando o longo pescoço. Redrick se juntou a ele, porém não olhavam na mesma direção. Exatamente ali, pouco abaixo de seus pés, começava estrada para a cratera da pedreira, desgastada, já a vários anos, pelo passar das rodas de veículos pesados. À sua direita, havia uma encosta grande e íngreme, de coloração esbranquiçada, ressecada pelo calor. Pouco a frente, se via a outra encosta, parcialmente escavada, e, em meio a suas rochas e escombros, também um trator de esteiras, cuja pá estava enterrada no canteiro. Como era de se esperar, não havia mais nada ao longo de toda a estrada, a não ser algumas estranhas estalactites negras em suas bordas irregulares e várias manchas escuras espalhadas por sobre a terra, como se alguém a tivesse salpicado com piche. Era tudo o restava “deles”, e era impossível contar quantos eram. Alguns diziam que cada uma daquelas estranhas manchas era uma pessoa que se fora consumida pela Zona. Redrick, porém, via cada mancha como sendo os desejos de Corvo. Uma, mais próxima, era o Corvo voltando são e salvo dos subterrâneos do Complexo nº 7, a outra, maior, era Corvo quando encontrou um “Torcedor [46]” e o tirou da Zona sem que ninguém sequer o percebesse. A outra, com um formado ondulante, seria a luxuriosa Dina Burbridge, que não se parecia nem com sua mãe e ainda menos com seu pai. E bem ali, a outra mancha, seria Arthur Burbridge, o filho perfeito, orgulho e alegria da família, e que também não se assemelhava a nenhum dos pais.

- Nós conseguimos! - exclamou Arthur, já quase delirante – Depois de tudo o que passamos, nós conseguimos! Não é mesmo, senhor Schuhart?! - Ele gargalhou alegremente, se agachou e golpeou a terra com os punhos, usando toda a força que conseguira reunir; seu cabelo, todo embaraçado, balançou de uma forma estranha, arremessando pequenos torrões de barro seco em todas as direções.

Redrick, porém, estava cauteloso e perplexo, ele já a havia localizado e estava olhando para a Esfera. Estava com aquele temor que não ocultava que algo não estava como o esperado, algo o desiludia e lhe despertava dúvidas, algo lhe privava da sensação paradisíaca que deveria ter alcançado e o arremessava de volta a um monte de lixo imundo. Ela não parecia feita de ouro, nem mesmo era dourada; parecia de cobre, avermelhada, refletindo fugazmente o sol. Estava junto a encosta, do outro lado da cratera, confortavelmente instalada sobre uma pilha de pedras e entulho. Mesmo a distância se podia perceber o quão enorme e pesada era e de como estava firmemente plantada em sua cômoda posição.

De fato, aquilo não era algo que o fizesse desacreditar completamente, mas também

não era algo que lhe pudesse inspirar alguma esperança. Estranhamente os primeiros pensamentos que vieram a sua mente era que se trataria de algo oco, e que deveria estar muito quente, por ser de metal e estar ao sol. Porém, já lhe era óbvio que ela não brilhava emitindo luz própria e muito menos era capaz de flutuar no ar, como diziam algumas das lendas que ouvira. Claramente ela havia caído naquele lugar e permanecido ali, fixa e imóvel. Talvez tivesse caído do bolso de algum monstro gigante, talvez fosse uma bola perdida de algum jogo de seres titânicos. O fato era que ela não parecia ter sido colocada ali, mas estava ali ao acaso, como que abandonada e esquecida, como os demais objetos já encontrados na Zona, exatamente como os Vazios, os Braceletes, as Baterias e as demais tralhas deixadas ali após a Visitação. Mesmo assim, algo nela era diferente, ela tinha algo especial. Quando mais ele a olhava, ela se tornava mais agradável à vista e mais lhe aumentava o desejo de se aproximar e tocá-la... Subitamente lhe surgiu o anseio de, simplesmente, sentar-se ao lado dela, ou, mais ainda, de recostar-se junto a ela, fechar os olhos e se perder em pensamentos, em lembranças e sonhos... Parecia indescritivelmente prazeroso o tão somente se entregar e descansar à sua proximidade.

Arthur, ao percebê-la, se levantou rapidamente, abriu todos os zíperes de sua jaqueta e esvaziou completamente os bolsos, jogando tudo o que tinha ao chão em torno de seus pés, levantando pequenas nuvens de poeira branca. Começou a gritar descontrolado e a sacudir os braços, passando a se mover quase como se estivesse dançando, então, se pôs a descer a encosta em disparada. Ele não olhou para trás, para Redrick, em nenhum instante, era como se tivesse esquecido completamente que ele estava ali, como se tivesse se esquecido de tudo. Corria para tornar seus desejos realidade, todos os mais mínimos e secretos desejos daquele estudante tímido, daquele rapaz que jamais recebeu um único centavo a mais do que o exato pagamento de seu salário, daquele rapaz que seria impiedosamente castigado se o mínimo cheiro de álcool fosse sentido em seu hálito quando chegasse em casa a noite, daquele ser perfeito que já possuía toda a vida pré-determinada, que estava destinado a se tornar um advogado de renome, depois assumir algum gabinete no governo, e por fim, possivelmente em um futuro apenas um pouco mais distante, se converter no líder da nação... Redrick, apertando os olhos inchados e doloridos contra a luz ofuscante do entorno, permaneceu ali parado, apenas observando-o descer pela estrada. Ele permaneceu ali, silencioso, por uns instantes, até que começou a avançar também, frio e calmo. Já estava prevendo o que estava para ocorrer, e sentia que não seria capaz de assistir, mas também que tinha todo o direito de apenas olhar enquanto ocorresse. Foi o que fez, apenas observou, sem sentir nada, ainda que, bem lá no fundo, ele sentia algo o incomodando, como se fosse um pequenino verme se contorcendo em seu interior, como uma farpa entrando em seu ventre.

O rapaz continuava correndo, avançando estrada a baixo, desengonçadamente, tropeçando e arrastando os pés cansados, forçando um ritmo quase maior do que aguentava. Nuvens de poeira esbranquiçada se elevavam no ar atrás de seus calcanhares. Enquanto avançava, continuava gritando a plenos pulmões, estava alegre, festejante, jubiloso; seus gritos começavam até mesmo a se assemelhar a uma canção ou encantamento. Surgiu na mente de Redrick o pensamento que aquela deveria ser a primeira vez na história daquela estrada que alguém a descia com tanto prazer, como se estivesse indo a maior das festas. De início os gritos de sua “chave falante” pareciam completamente incompreensíveis. Mas logo começou a compreender algo. Foi quando começou a escutar:

- Felicidade para todos no mundo! De graça! Para todos que quiserem! Que todos venham... Haverá felicidade para todos e ninguém mais será infeliz! Parem tudo e venham... Felicidade de graça, para todos! Para todos...

Ele se calou subitamente, como se tivesse levado um soco forte na boca. Porém, fôra algo muito pior. Redrick viu o “Redemoinho de Vacuidade[47]”, invisível, próximo à sombra do trator encachado, o agarrando, o erguendo no ar e contorcendo-o lentamente, como uma lavadeira torcendo roupas molhadas. Redrick viu um dos sapatos empoeirados sair do pé dele e ser lançado por cima da pedreira, para além de onde se podia ver. Isto o fez se virar e sentar no chão, sua mente se esvaziou completamente e de algum modo ele conseguiu não sentir absolutamente nada. O silêncio parecia tornar o ar mais espesso, especialmente atrás dele, ali em frente, na estrada. Se lembrou de seu cantil e o pegou sem nenhuma alegria, agora era como um remédio, e estava na hora de tomá-lo. Ele desenroscou a tampa e tomou tragos medidos, como doses do medicamento. Pela primeira vez, ele realmente desejou que aquele cantil contivesse água fresca em vez de licor.

Levou algum tempo até sua mente começasse a ter pensamentos mais ou menos coerentes. Sem querer, ele pensou: “Bem, já foi... O caminho deve estar limpo agora... Mas talvez seja melhor esperar um pouco mais... Os ‘Moedores de Carne’ costumam ser traiçoeiros.” De qualquer forma, ele tinha muitas coisas em que pensar, mas o problema era que ele não estava muito acostumado com isto de pensar. “De fato, o que é exatamente ‘pensar’? Pensar seria procurar uma saída, descobrir a verdade sobre algo enganoso, abrir os olhos de alguém... Mas nada disto faz sentido neste momento... Bem, pequena Martha, seu pai... Eles tem que pagar por isso, estes bastardos devem ter suas almas jogadas no inferno, malditos filhos da puta, deveriam engolir todo esse lixo que eu... Não, espera Redrick, não é isso... Isso é maldizer, não pensar... Mas agora... Que importância tem isso? Não é necessário...” Um terrível pressentimento logo se apoderou dele e o deixou gélido. Ele ignorou todos os seus pensamentos e disse a si mesmo, enraivecido:

- Então as coisas são assim, Red, você não vai sair daqui enquanto não entender. Vai cair morto aqui, ao lado da Esfera e apodrecer neste lugar, mas não vai sair... Deus do céu, onde está o meu juízo?! - ele se deu uma palmada na cabeça – Nunca na minha vida eu tive pensamentos claros. Espera um momento, Kirill costumava me dizer algo assim...

“Kirill”, ele buscou freneticamente por entre suas memórias, e logo lhe vieram a mente diversas de suas palavras, algumas lhe eram familiares e ele entendia bem, outras, porém, eram completamente incompreensíveis. Mas todas se mostraram inúteis, porque Kirill não lhe havia marcado por lhe deixar palavras. Sua marca era com imagens vagas e ações ternas, porém não pareciam úteis naquele momento.

- Ganância e traição... Até estas coisas também me abandonaram e me deixaram sem palavras... Malditos... Um vagabundo, é tudo o que sou e sempre fui... e agora estou reduzido a um vagabundo velho... Isto não está certo, estão me ouvindo?! Daqui pra frente não poderá mais ser assim! Um homem nasce para pensar! (finalmente, Kirill, ai está você). E eu acreditei nisto, no começo, mas agora... eu já não acredito... Já não sei para que nasce um homem. Eu nasci e aqui estou... Mas todos só se preocupam em encher o próprio estômago. ‘Sejamos saudáveis e felizes e que os demais vão para o inferno’. Mas quem somos nós e quem são os

demais? Não consigo entender mais nada... Seu eu for feliz, Burbridge não será; se Burbridge for, Quatro-Olhos não será... Se Rouco for feliz, todos nós seremos desgraçados e infelizes. Quando as coisas vão mal para ele, ele é o único estúpido o bastante para acreditar que conseguirá escapar ileso... Deus do céu, isto tudo não passa de uma maldita guerra! Toda a minha vida lutei contra o capitão Quaterblad, e ele sempre lotou contra o Rouco... E tudo o que ele queria de mim é que eu deixasse de ser um stalker. Mas como posso deixar de ser um stalker se tenho uma família para alimentar? Arranjar um emprego? Mas não quero trabalhar para nenhum de vocês! Tenho nojo dessa ideia! As coisas são assim para mim: Quanto um homem se submete a trabalhar para pessoas assim se torna nada mais que um escravo. Eu sempre gostei de depender apenas de mim mesmo, assim posso cuspir na cara de todos, posso rir de todo seu tédio e desespero...

Ele entornou seu cantil e bebeu até a última gota de conhaque, depois o jogou no chão com toda a força que tinha. O cantil quicou no chão, brilhou ao refletir a forte luz do sol e rodou para longe. Redrick não lhe fez caso; continuou ali, sentado, cobrindo os olhos com as mãos, enquanto tentava, já que não conseguia compreender, visualizar ao menos uma parte de como as coisas deveriam ser. Mas não conseguia ver mais do que rostos, muitos e diversos rostos... E garrafas, notas de dinheiro, montes de trapos que outrora haviam sido seres humanos e colunas de números em suas somas. Sentia que era preciso que tudo aquilo fosse destruído, mas via que se tudo desaparecesse, não restaria nada além da terra nua e seca. Em meio aquela frustração, em todo o seu desespero, o que surgiu foi o desejo de se deitar junto a Esfera. Ele se levantou automaticamente, limpou um pouco o pó de suas calças e começou a descer a estrada da pedreira.

O sol estava escaldante, Redrick chegava a ver manchas vermelhas diante de seus olhos, o ar se tornava turvo sobre a pedreira. Em meio ao calor reverberante, a Esfera parecia oscilar sobre o local em que estava, como se fosse uma boia sobre as ondas. Passou pela pá da escavadeira, com um cuidado supersticioso, levantando os pés para não pisar nas manchas espalhadas pelo chão. Atravessando por entre montes de entulho, ele se guiou na direção da Esfera, que parecia dançar e palpitar. Ele estava coberto de suor, ofegante, e ao mesmo tempo sentia frio, chegando a tremer. Tremia como se estivesse de ressaca e sentia o pó em meio aos seus dentes que rangiam continuamente. Já havia abandonado qualquer tentativa de pensar, mas sua mente se limitava a ficar lhe repetindo a mesma ladainha, como se fosse uma reza:

- Eu sou um animal, entenda isso. Não sei falar boas palavras, não me ensinaram. Não sei como se faz para pensar, porque nenhum maldito filho da puta me ensinou a pensar. Mas se você for de verdade... Se realmente tiver algum poder... se puder fazer qualquer coisa... Se realmente souber tudo, se puder perceber... Então perceba-me! Olhe dentro do meu coração! Ali encontrará o que preciso e não consigo mostrar... Você tem que conseguir! Nunca me vendi por nada, nem ninguém! Averígue qual é o meu maior desejo... Não acredito que seja algo realmente mal... Que droga, não consigo pensar em nada além das palavras que ele falou... FELICIDADE PARA TODOS, DE GRAÇA, E QUE NINGUÉM MAIS SEJA INFELIZ!

FIM.

- [44] “Babaca” foi a melhor tradução para o original russo, que usa o termo Хлюст (*khlyust*), uma gíria que pode significar “idiota, babaca ou imbecil”; em inglês se usa o termo *Whip* (“chicote”).
- [45] No original: “Óleo de vitríolo” (em inglês: *vitriol*; em russo: купоросном масле, *kurarasnom maslie*), antigo nome dado ao ácido sulfúrico.
- [46] Originalmente: *Wriggling magnet* (em inglês) ou шевелящийся магнит (*shevelyachiysya magnet*, em russo), algo como “ímã torcido”. Identificado como sendo o artefato *Wrenched* dos jogos, que resultou na nomenclatura (*Wrenched* = designação para a “chave de torção”, logo “Torcedor”).
- [47] Originalmente: *emptiness* (em inglês) ou пустота (*pustota*, em russo), o que poderia ser traduzido por “Vácuo”. Identificado como sendo a anomalia chamada *Whirligig* (“redemoinho”) nos jogos.